



**ANTÔNIA FLÚVIA CARVALHO DOS SANTOS**

**LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: A SEQUÊNCIA BÁSICA COMO PROPOSTA  
PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LEITORAS**

**LAVRAS – MG  
2023**

**ANTÔNIA FLÚVIA CARVALHO DOS SANTOS**

**LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A  
SEQUÊNCIA BÁSICA COMO PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE  
HABILIDADES LEITORAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Orientadora

**LAVRAS - MG  
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Santos, Antônia Flúvia Carvalho dos.

Leitura Literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental: A  
Sequência Básica como proposta para o desenvolvimento de  
habilidades leitoras / Antônia Flúvia Carvalho dos Santos. - 2023.  
134 p. : il.

Orientador(a): Mauriceia Silva de Paula Vieira.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Sequência Básica. 2. Letramento literário. 3. Contos clássicos.  
I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Título.

**ANTÔNIA FLÚVIA CARVALHO DOS SANTOS**

**LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A  
SEQUÊNCIA BÁSICA COMO PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE  
HABILIDADES LEITORAS**

**LITERARY READING IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION:  
THE BASIC SEQUENCE AS A PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF READING  
SKILLS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.


APROVADA em 6 de março de 2023.

Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart

UFLA

Dra. Julianna Silva Glória Batista Coelho

UFMG

Documento assinado digitalmente  
 MAURICEIA SILVA DE PAULA VIEIRA  
Data: 22/05/2023 10:13:26-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Orientadora

**LAVRAS - MG  
2023**

*Dedico este trabalho a Deus, por toda força, saúde, sabedoria e discernimento para que eu pudesse concluir este estudo. Senti a sua presença do meu lado me dando forças durante toda a pesquisa. Obrigada, Deus, por ser fundamental em minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me permitir realizar esse sonho. Foi uma longa caminhada cheia de contratempos e dificuldades, mas Deus sempre esteve presente me concedendo força e sabedoria para que eu conseguisse chegar até o fim desta dissertação.

À minha mãe, em especial, por todo apoio e compreensão. Você é a minha maior riqueza, sinônimo de amor e carinho. Essa vitória é nossa.

À minha avó (*in memorian*) que sempre torceu e rezou por mim para que eu conseguisse chegar até aqui. Infelizmente, a senhora partiu três dias antes da minha defesa e não pôde esperar para ver a conquista desse grande sonho. Sempre a amarei, minha querida avó. Obrigada por tudo.

Ao meu namorado que sempre esteve presente em cada etapa, sempre me incentivando e me ajudando nos momentos em que eu achava que não iria dar conta. Obrigada pelo companheirismo e por acreditar em mim. Você foi essencial.

À minha orientadora de TCC professora Ma. Geanne Cabral por todo apoio e incentivo para que eu ingressasse no mestrado. Obrigada por tudo.

À minha grande amiga que o mestrado me proporcionou, Maria de Lourdes, que caminhou ao meu lado durante essa longa caminhada, sempre com um conselho amigo para dar. Você é uma amiga que levarei para a minha vida. Obrigada pela amizade e por todo carinho. Agradeço também à minha colega Rosângela Memento pelas trocas e por sempre me motivar.

À minha orientadora, Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira, por ser sempre solícita e por colocar os meus pés no chão. Obrigada por me orientar com maestria.

À Universidade Federal de Lavras – UFLA, pela grande oportunidade, e a todos do Departamento em Educação pela humanidade, profissionalismo, por todo conhecimento e por me proporcionarem outra maneira de observar a prática pedagógica.

À minha banca avaliadora, Dra. Julianna Silva Glória e Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart, por aceitarem contribuir com o meu trabalho, pelas sugestões e partilhas e por estarem presente em um momento tão especial como esse.

A todas as pessoas que não foram citadas, mas que contribuíram direta ou indiretamente de alguma forma para que eu pudesse alcançar a minha meta. Gratidão.

## RESUMO

Considerando que a sociedade é permeada por práticas de leitura que acompanham os indivíduos por toda a vida, é de suma importância estimular a leitura desde a tenra infância. Assim, o problema que norteia a presente pesquisa é como o professor pode explorar os contos de modo a contribuir para o processo de leitura dos educandos. Esta pesquisa apresenta como objetivo geral compilar estudos sobre a leitura literária na formação de leitores e produzir um caderno pedagógico com sugestões de uma Sequência Básica que podem auxiliar nas práticas pedagógicas com o letramento literário, a partir de contos clássicos. Para isso, elenca como objetivos específicos: (i) refletir sobre a leitura e a função que a leitura exerce no contexto escolar e (ii) apontar as contribuições da leitura de contos clássicos em sala de aula. Nesse viés, para buscar alcançar os objetivos propostos, o percurso metodológico está ancorado na pesquisa exploratória de revisão bibliográfica realizada em livros, artigos, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, revistas eletrônicas, Scielo e Docero. Como subsídios teóricos os nossos estudos serão embasados nas proposições de Kleiman (1995, 2002, 2004) no que concerne ao conceito de leitura, Candido (1972, 2011) e Coelho (1987, 2000, 2003) a respeito da literatura, de Abramovich (1997) e Zilberman (2005, 2007, 2012) que discutem sobre literatura infantil, Cosson (2009, 2018) que disserta sobre o letramento literário, Bussatto (2003, 2005) a respeito da contação de histórias, Bettelheim (2022) na concepção dos contos de fadas, dentre outros autores que discutem a temática. Esta pesquisa evidenciou que os contos de fadas podem ser utilizados como um potencial pedagógico, já que é um ótimo recurso que desperta nas crianças as suas primeiras experiências imaginativas, através dos contos elas podem viajar pelo mundo, conhecer novas culturas, sua inteligência emocional e social é aguçada. Por isso, a necessidade de trabalhar mais os contos no ambiente escolar a fim de proporcionar a formação de um aluno mais crítico. Esta pesquisa tem como produto final a produção de um caderno pedagógico seguindo as quatro etapas da Sequência Básica de letramento literário sugerida por Cosson (2018).

**Palavras-chave:** Leitura. Letramento literário. Contos clássicos. Sequência Básica. Formação docente.

## ABSTRACT

Considering that society is permeated by reading practices that accompany individuals throughout their lives, it is extremely important to encourage reading from early childhood. Thus, the problem that guides this research is how the teacher can explore the stories in order to contribute to the students' reading process. This research has the general objective of compiling studies on literary reading in the formation of readers and producing a pedagogical notebook with suggestions of a basic sequence that can help in pedagogical practices with literary literacy, based on classic tales. For this, it lists the following specific objectives: (i) to reflect on reading and the role that reading plays in the school context and (ii) to point out the contributions of reading classic tales in the classroom. In this bias, to seek to achieve the proposed objectives, the methodological path is anchored in the exploratory research of bibliographic review carried out in books, articles, in the Catalogs of Theses and Dissertations of CAPES, electronic journals, Scielo and Docero. As theoretical subsidies, our studies will be based on the propositions of Kleiman (1995, 2002, 2004) regarding the concept of reading, Candido (1972, 2011) and Coelho (1987, 2000, 2003) regarding literature, Abramovich (1997) and Zilberman (2005, 2007, 2012) who discuss children's literature, Cosson (2009, 2018) who discusses literary literacy, Bussatto (2003, 2005) about storytelling, Bettelheim (2022) on conception of fairy tales, among other authors who discuss the theme. This research showed that fairy tales can be used as a pedagogical potential, since it is a great resource that awakens in children their first imaginative experiences, through tales they can travel the world, meet new cultures, their emotional and social intelligence it is sharp. Therefore, the need to work more with short stories in the school environment in order to provide the formation of a more critical student. This research has as its final product the production of a pedagogical notebook following the four stages of the Basic Sequence of literary literacy suggested by Cosson (2018).

**Keywords:** Reading. Literary literacy. Classic tales. Basic Sequence. Teacher training.



## SUMÁRIO

	<b>PRÊAMBULO</b> .....	<b>9</b>
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO</b> .....	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Compreendendo a leitura</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Concepção de leitura: dos Parâmetros Curriculares Nacionais à Base Nacional Comum Curricular</b> .....	<b>19</b>
<b>2.3</b>	<b>Letramento</b> .....	<b>21</b>
<b>2.4</b>	<b>Letramento Literário no contexto de sala de aula</b> .....	<b>23</b>
<b>2.5</b>	<b>Literatura e leitura literária</b> .....	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>LITERATURA INFANTIL E PRÁTICAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA: OS CONTOS NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	<b>42</b>
<b>3.1</b>	<b>Compreendendo a literatura infantil</b> .....	<b>42</b>
<b>3.2</b>	<b>Escolarização da literatura infantil</b> .....	<b>47</b>
<b>3.3</b>	<b>Contar histórias</b> .....	<b>51</b>
<b>3.4</b>	<b>Contar histórias no ambiente escolar</b> .....	<b>54</b>
<b>3.5</b>	<b>O surgimento dos contos de fadas e suas características</b> .....	<b>63</b>
<b>3.6</b>	<b>Contos de fadas no contexto escolar</b> .....	<b>66</b>
<b>4</b>	<b>O PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>73</b>
<b>4.1</b>	<b>Apresentação da pesquisa</b> .....	<b>73</b>
<b>4.2</b>	<b>A produção de um caderno pedagógico para trabalhar práticas de leituras por intermédio dos contos clássicos</b> .....	<b>74</b>
<b>4.3</b>	<b>A organização do produto educacional</b> .....	<b>75</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>81</b>
	<b>APÊNDICE A - O PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>86</b>

## PRÊAMBULO

Minha origem é de uma família humilde, na qual a minha avó estudou pouco, pois sua mãe precisou que ela saísse da escola para trabalhar, ajudar na casa e nos cuidados com os irmãos.

Estudei a etapa da educação infantil toda em uma escola municipal, não tenho muitas lembranças dessa fase da minha vida, mas lembro-me que minha mãe não conseguia me ajudar muito, pois ela também havia estudado pouco e tinha que trabalhar bastante para conseguir pagar os meus remédios quando eu era criança. Então, diferente dos meus ciclos de amigos daquela época, eu precisei fazer aulas de reforço numa salinha localizada na parte inferior da escola, chamada de “porão”, para onde eu ia quando saía alguns minutos da aula para poder ir fazer o reforço escolar. Tenho as imagens fixadas ainda em minha memória, eu descendo as escadas com o meu caderninho na mão, e naquela época o que eu gostava era de ganhar estrelinha no caderno de reforço ao final da aula.

Minha família, por ser muito humilde, não tinha condições de comprar livros como faziam as minhas amigas. Então, eu fui criada em um ambiente no qual o incentivo à leitura não se fazia presente, mas sempre fui encantada por livros de contos e fábulas, que na época nem eram tão elaborados como são nos dias atuais. O momento mais marcante na minha infância foi quando a minha mãe conseguiu comprar um livro e me presenteou com o livro que contava a história do “Patinho feio”. Quanta alegria em poder ter aquele livro, folhear as páginas, ver as imagens! A autora Abramovich (1997, p. 14), em seu livro “Literatura Infantil Gostosuras e Bobices”, relata que:

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Compartilho dos mesmos sentimentos da autora, ler aquele livro era mágico, era quando eu podia viajar na história, sentir-me como os personagens, e não tinha prazer melhor, pois foi quando eu me encantei pela leitura e pelo prazer que ela proporciona.

Desde pequena eu sempre tive dentro de mim a vontade de aprender e ensinar. Foi quando, então, em um certo momento da minha infância, eu ganhei um quadro negro, e com aquele quadro, que eu guardo até hoje, eu tive a minha primeira experiência de como era ser docente, pois eu sempre queria ser a professora nas brincadeiras com as minhas amigas. E com

o passar dos anos, a mãe de um vizinho me pediu para que eu ajudasse o seu filho a fazer as tarefas de casa e, como a vontade de ensinar estava tão latente em meu coração, eu me propus a ajudar na realização das tarefas escolares, indo quase todos os dias na casa dele ajudar.

Realizei o ensino médio em uma escola estadual, na cidade onde eu residia, porém, nessa escola havia até a oitava série naquela época, pois o ensino médio tinha que ser cursado em uma cidade próxima. Com o passar dos anos, nossa situação melhorou um pouco, e desse modo quando fui fazer o ensino médio minha mãe quis mudar para uma cidade maior, com mais oportunidades. Foi aí que estudei em uma escola privada pela primeira vez, tendo sentido muita diferença no ritmo de estudo, mas fiz bons amigos que me auxiliaram.

Minha vida mudou a partir do momento que eu resolvi ir atrás do meu sonho, que era ser professora. Então, fiz vestibular em uma faculdade da minha cidade, passei e ingressei na faculdade de pedagogia. No primeiro momento algumas pessoas próximas me disseram para não cursar pedagogia, pois era uma profissão muito árdua e que não era valorizada. Mas mesmo assim eu fui realizar aquele sonho que estava crescendo dentro de mim desde a infância. A faculdade foi o momento em que eu mais estudei, refleti sobre mim, sobre o mundo e sobre a prática docente.

No segundo ano da faculdade eu consegui um estágio remunerado em uma escola particular. As autoras Pimenta e Lima (2012, p. 29) falam que “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental”. Momento esse em que eu pude estar no chão da sala de aula, me construindo e me reconstruindo, compartilhando e aprendendo saberes. Foram dois anos que marcaram muito a minha vida, pois nessa oportunidade de estágio eu pude ter certeza de que eu estava no caminho certo.

Em 2020 eu formei e consegui ingressar no Mestrado em Educação na UFLA, visto que sempre vi no mestrado a oportunidade de alinhar a teoria à prática, sendo um momento de muita alegria, uma vez que nós professores estamos sempre em construção e reconstrução, e por isso essa aspiração por estudar e poder me tornar uma profissional mais capacitada.

## 1 INTRODUÇÃO

As inquietações para pesquisar sobre a importância do incentivo à leitura se deram quando eu comecei a fazer estágio no curso de pedagogia e pude vivenciar a prática em sala de aula. Essa experiência me possibilitou analisar e refletir sobre como é de suma importância incentivar a leitura desde a tenra infância, visto que estamos em um mundo muito tecnológico em que, com um click, as crianças já obtêm inúmeras informações. Mas somente acessar a informação não basta. É necessário que os alunos sejam alunos críticos, que possam saber filtrar as informações que recebem, que sejam leitores proficientes. E para que eles sejam alunos críticos, é preciso desenvolver práticas pedagógicas que despertem o gosto pela leitura. Por meio da leitura, as crianças podem viajar pelo mundo da imaginação, aprimorar o vocabulário, exercitar a memória, e é na escola onde a maioria das crianças tem o contato direto com o ato de ler. Krug (2015, p. 1) diz que “(...) tão importante quanto ensinar a ler, é formar um bom leitor”, pois quando os alunos percebem o quanto a leitura é valiosa para a sua vida, a leitura passa a ser vista como um agente transformador e ultrapassa os muros da escola.

É sabido que a leitura e escrita estão presentes na sociedade há muito tempo e tais práticas foram se desenvolvendo de acordo com as mudanças que foram acontecendo na sociedade. As práticas de leitura expandem o modo como nos comunicamos, como refletimos, como resolvemos os conflitos e como agimos. Um cidadão em que o hábito de leitura não se faz presente no seu cotidiano torna-se refém do que as outras pessoas dizem, das reportagens, das notícias e das informações que chegam até ele.

Além disso, como menciona Sabino (2008, p. 2), a leitura é também uma maneira de inclusão social, pois os analfabetos e os analfabetos funcionais são os que mais sentem a exclusão social pela falta de autonomia para realizarem as tarefas do cotidiano. “Para se orientar numa zona desconhecida de uma cidade, a deficiente compreensão de um filme legendado, o não acesso a informações que diversas entidades e organizações afixam nas suas vitrines”, são obstáculos que, conseqüentemente, os impedem de terem uma vida ativa na sociedade.

A partir dessas reflexões, esta pesquisa se circunscreve a discutir sobre práticas de leituras no contexto escolar. Esta pesquisa apresenta como objetivo geral compilar estudos sobre a leitura literária na formação de leitores e produzir um caderno pedagógico com sugestões de uma Sequência Básica que podem auxiliar nas práticas pedagógicas com o letramento literário, a partir de contos clássicos. Para isso, elenca como objetivos específicos: (i) refletir sobre a leitura e a função que a leitura exerce no contexto escolar e (ii) apontar as contribuições da leitura de contos clássicos em sala de aula. Como salienta Rojo (2013, p. 8), a

leitura se faz presente de várias formas na sociedade e pode estar disposta em vários lugares, como em placas de sinalizações, *outdoors*, no caixa do banco, máquina de cartão, celular, etc. Entretanto, não existe só a leitura de textos verbais, há também a “leitura visual, de imagens, de figuras e símbolos”.

Levando em conta a sociedade do conhecimento atual, que é permeada por multiletramentos, e à medida que as pessoas têm mais acesso à informação, os indivíduos estão cada vez mais desinformados e possuem dificuldades para produzirem conhecimento, visto que os conhecimentos e as informações chegam até as pessoas aceleradamente através dos meios digitais. Desse modo, é preciso que os professores auxiliem no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos e que realizem práticas pedagógicas que estimulem a leitura.

Se olharmos o último resultado do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que é realizado a cada três anos, a última aplicação foi em 2018, e nessa última aplicação do PISA “a leitura foi avaliada como área-foco pela terceira vez desde o início do programa”. Os resultados da avaliação de letramento em leitura mostram que a média de proficiência em leitura no PISA 2018 foi de 413 pontos, estando 74 pontos abaixo da média dos estudantes dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Pode-se observar que o Brasil, nessa última pesquisa, teve o maior desempenho em letramento em leitura na série histórica, “com 6 pontos de diferença em relação à edição de 2015, embora essa diferença não seja estatisticamente significativa”. Metade dos estudantes brasileiros participantes da pesquisa tem alcançado o letramento em leitura, em contrapartida a outra metade não apresentou nem o mínimo de proficiência. Esses dados possivelmente representam um enorme desafio na vida desses estudantes, “dificultando ou até mesmo impedindo que eles avancem em seus estudos, tenham oportunidades melhores no mercado de trabalho e participem plenamente na sociedade” (BRASIL, 2020, p. 68-77).

Os dados não são muito animadores, e o professor, o governo e outras instâncias têm um longo trabalho pela frente, desse modo, a criação de práticas de leituras eficientes pode contribuir para que esses índices possam alavancar e para que as crianças possam ver que a leitura dá liberdade para que elas possam modificar a sociedade em que vivem e contribuir para o exercício pleno da cidadania, visto que vivemos em um mundo letrado. E, assim como menciona o documento da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 47-48), vivemos em mundo que está em contínua transformação e “as habilidades de leitura necessárias para crescimento individual, sucesso educacional, participação econômica e cidadania de vinte anos atrás são diferentes das habilidades necessárias atualmente. E, provavelmente, serão diferentes daqui a vinte anos”. Por isso, as inquietações de estudar sobre práticas de leitura que

estimulem o desenvolvimento pleno dos alunos que os leve a pensar, questionar, justificar, e as contribuições dos multiletramentos para um ensino-aprendizagem que desenvolva os sujeitos para a cidadania mediante a diversidade de leituras que permeiam o cotidiano.

Para trabalhar práticas de leituras que sejam eficazes, é muito importante que o professor esteja em constante formação continuada, pois a docência é uma atividade complexa e exige do profissional preparo, conhecimento, tempo, dedicação e muita pesquisa. Ser professor é uma profissão em que cada vez mais o profissional deve ir em busca de conhecimentos, pois nesse mundo tecnológico as mudanças ocorrem muito rápido e os docentes precisam acompanhar esses avanços (GADOTTI, 2003, p. 15).

Assim sendo, são os professores que vão formar as mais diversas profissões que vão atuar na sociedade, e se torna primordial a formação continuada para que possam aprimorar os seus conhecimentos e desenvolver novos métodos de ensino, e dessa forma possam contribuir para uma aprendizagem mais significativa para os alunos. Pois o professor que está sempre em formação estará indo em busca de se aperfeiçoar, de aprender mais e conseqüentemente os alunos, a escola e a sociedade se beneficiarão dessa formação. A notoriedade da formação continuada também é destacada por Nóvoa (2019, p. 9) quando afirma que “a formação nunca está pronta e acabada, é um processo que continua ao longo da vida”.

Além disso, sabendo da importância da escola e dos professores trabalharem com os contos de fadas, para promoverem uma aquisição de leitura de mundo crítica e reflexiva, em conformidade com Bastos (2015, p. 32), os contos de fadas existem há muito tempo e têm o poder de encantar desde as crianças até os adultos. Isso se dá devido ao seu enredo que se passa em um mundo encantado, cheio de magias, com bruxas, fadas, príncipes, princesas e até personagens mais simples. Uma das contribuições dos contos é que eles ajudam as “crianças a lidarem com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento”. Contribuindo para elas “entenderem o momento que elas estão passando para, então, poderem encontrar respostas para seus conflitos”. Por isso a notoriedade em trabalhar com os contos de fadas na sala de aula, visto que os contos contribuem muito para um ensino-aprendizagem mais efetivo para os alunos.

Esta pesquisa justifica-se por entender que o letramento literário é muito importante para a formação de leitores, sendo um dos estímulos mais importantes para o incentivo à leitura das crianças e para o seu desenvolvimento social, dado que podemos observar no cotidiano escolar a grande dificuldade que os alunos têm em compreender o que está lendo e de serem leitores proficientes.

Como subsídios teóricos os nossos estudos serão embasados nas proposições de Kleiman (1995, 2002, 2004) no que concerne ao conceito de leitura, Candido (1972, 2011) e Coelho (1987, 2000, 2003) a respeito da literatura, de Abramovich (1997) e Zilberman (2005, 2007, 2012) que discutem sobre literatura infantil, Cosson (2009, 2018) que disserta sobre o letramento literário, Bussatto (2003, 2005) a respeito da contação de histórias, Bettelheim (2022) na concepção dos contos de fadas, dentre outros autores que discutem a temática.

Metodologicamente, esta pesquisa constituirá, em um primeiro momento, de uma pesquisa bibliográfica, pois será feito um levantamento de estudos, com vistas a buscar subsídios em diferentes materiais, como livros, artigos e revistas científicas, que apoiem a pesquisa (GIL, 2008). Em seguida, será construído um material didático com atividades que auxiliará o professor nas práticas pedagógicas sobre a temática “A leitura de contos clássicos” e que possa colaborar para o trabalho com a leitura no 1º ano do Ensino Fundamental I.

A escrita desenvolvida foi disposta em cinco capítulos, além da introdução e considerações finais. No primeiro capítulo discorreremos sobre leitura e buscamos apresentar concepções sobre leitura através de pontos de vista de diferentes autores e as contribuições que os documentos oficiais trazem sobre leitura, e também discussões a respeito de letramento literário. No segundo capítulo abordamos sobre literatura infantil e práticas literárias em sala de aula, além disso, discutimos sobre a contação de histórias e dos contos de fadas no contexto escolar. No terceiro capítulo apresentamos o percurso metodológico escolhido para a escrita deste trabalho. No quarto capítulo apresentamos o produto educacional que auxiliará os professores nas práticas pedagógicas com sugestões de atividades que visam fomentar o incentivo à leitura baseado nos textos literários. As atividades propostas serão orientadas pelas indicações de Cosson (2018), seguindo as quatro etapas da Sequência Básica do letramento literário. No quinto capítulo são apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

Espera-se, com este resumo, proporcionar uma reflexão acerca de práticas de leituras no âmbito escolar e as contribuições que os contos têm para desenvolver habilidades leitoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Diante deste disposto, a presente dissertação está vinculada à linha de pesquisa “Linguagens, diversidade cultural e inovações pedagógicas” do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFLA. Essa linha abrange estudos sobre a multiplicidade de saberes, de espaços e de diferentes formas de produção do conhecimento, bem como suas relações com as inovações pedagógicas no processo de formação de professores.

## 2 LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

A escola tem enfrentado muitos desafios para ensinar a ler e a escrever, práticas que estão ligadas e se completam. Uma das dificuldades é fazer com que os alunos tenham o hábito de ler e que possam entender o que estão lendo, uma vez que a leitura é necessária para poderem atuar na sociedade em que vivem. Neste capítulo apresentaremos uma discussão sobre leitura e sobre letramento literário.

### 2.1 Compreendendo a leitura

De acordo com Martins (1994, p. 23), “saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, já significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas”, proporcionando que esses cidadãos pudessem interagir de forma mais ativa na sociedade, mas esses cidadãos eram apenas a classe dos homens livres.

Com o passar do tempo, as formas de ler e escrever foram se transformando. Segundo Rojo (2018, p. 75), “podemos dizer que, no início da segunda metade do século passado, ler era visto – de maneira simplista – apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para se acessar o significado da linguagem do texto”. Para essa concepção, aprender a ler já era suficiente, já era estar alfabetizado, o que não significava que estaria capacitado para interpretar os textos.

Nesse viés, Soares (2009, p. 21-22) menciona que, na atualidade frente aos novos desafios das práticas sociais de leitura e de escrita, saber ler seu nome ou escrever um simples bilhete não é mais conhecimento suficiente para atender às demandas da sociedade de leitura e escrita, visto que antigamente o indivíduo que possuía essas práticas de escrever seu próprio nome ou até mesmo escrever um pequeno bilhete era considerada alfabetizada. Entretanto, essas práticas mecânicas não garantem que o indivíduo saiba se relacionar com os diversos tipos de textos que circulam na sociedade.

Assim, os processos de leitura e escrita requerem habilidades mais sofisticadas do que só codificar e decodificar os códigos linguísticos, requerem uma pessoa que não apenas decodifica, mas que entende o uso da língua, que a utiliza para argumentar ideias, expor opiniões, discordar, utilizando-a no seu dia a dia como práticas sociais.

Diante disso, Freire (1989, p. 9) defende que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura



daquele”, visto que as crianças antes de serem alfabetizadas já fazem a leitura do mundo que as cerca. Corroborando com o pensamento de Freire (1989), Martins (1994, p. 10) fala que “aprendemos a ler desde os nossos primeiros contatos com o mundo”, desde pequenos já começamos a fazer a leitura do mundo, através do movimento dos braços para fazer ninar, da luz excessiva que nos faz irritar, do som dos gritos nos faz espantar, das canções de ninar que nos fazem dormir, de uma superfície áspera que nos causa estranhamento enquanto um carinho com as mãos ou um pano nos acalentam. Através dessas percepções “começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses são os primeiros passos para aprender a ler” (MARTINS, 1994, p. 11).

Por sua vez, Leffa (1996, p. 10) enfatiza que:

A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com a sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Posto isso, podemos observar que a leitura de mundo é muito importante, uma vez que é através dela que podemos ampliar o nosso repertório verbal e expandir nosso conhecimento cultural. A representação do espelho é o que cada pessoa tem guardado em sua memória, pois é assim que as pessoas podem refletir sobre a realidade e o mundo que as cerca, desconsiderando que a leitura só se faz através da decodificação dos símbolos linguísticos. Lajolo (2011, p. 7) acrescenta que:

lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

De acordo com a autora supracitada, é muito importante a leitura, principalmente a leitura do que está ao nosso redor, sendo a leitura um instrumento para interação com diversas áreas do saber. Assim, desenvolvendo essa habilidade conseguimos enfrentar os desafios da vida e da sociedade. Nesse sentido, é necessário que a escola incentive a leitura e a interpretação desde a tenra infância, a escola é onde começam essas práticas, mas não deve ficar só na escola essa responsabilidade, pois a família também deve estimular o gosto pela leitura.

Nessa direção, Kleiman (2002, p.10) afirma:

Quanto à concepção de leitura (...), consideramos esta prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Dessa forma, a prática de leitura mencionada acima considera todo o conhecimento prévio adquirido, que é colocado em ação quando são feitas determinadas leituras. O texto vai sendo construído através das experiências que possuímos. Conforme já assinala Kleiman (2004, p. 26-27), a atividade de passar os olhos pela linha não é considerada leitura, pois a leitura é uma atividade mais complexa, é o momento de busca por parte do leitor, do seu conhecimento, das suas experiências, aquelas que são pertinentes “para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos”, mas que sem dúvidas não vai deixar claro tudo o que poderia explicitar; em outras palavras, vai ser reflexo das bases e experiências com as quais fomos criados.

De acordo com Antunes (2003, p. 27), a leitura hoje se apresenta “uma atividade sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente”. A leitura deve propiciar o crescimento educacional dos alunos, e deve estar vinculada aos usos sociais que os alunos fazem no seu dia a dia.

Discorrendo sobre a temática, Mohr (2006, p. 32) diz que a leitura para fazer significação para o leitor deve estar ligada a um contexto que o envolva. Por isso, a leitura não pode ser algo fechado, pois ao ler o aluno vai interagir com aquele texto, vai produzir conhecimento, significado, tanto com o autor da obra quanto os outros textos já lidos. A leitura na visão dos alunos é uma atividade de desafio, pois é muito mais do que só ler as palavras que estão no texto, é ir além, é poder buscar significados para o que está dito e ir em busca das entrelinhas. Nesse sentido, para Santos (2006, p. 36), “ler liberta, impulsiona as possibilidades de conhecimento a níveis inimagináveis (...) dota o leitor a ser capaz de abrir inúmeras portas do desconhecido, instiga ao infinito”.

Entendemos que a família é muito importante e tem um papel de grande relevância na vida dos alunos, pois é ela quem vai completar o trabalho realizado pela escola, visto que os pais que são leitores incentivam o prazer de seus filhos pela leitura, incentivam a formação de opinião, sendo um quesito muito importante, pois ao chegar na escola o aluno vai poder aprimorar essa habilidade. Para Mohr (2006, p. 26), não existe uma receita mágica, e uma dica “é iniciar hoje mesmo a busca por desenvolver a capacidade de leitura dos adultos para que então, espelhando-se neles, as crianças possam ver na leitura algo que lhes dê prazer,” para que possam disputar até mesmo com os brinquedos, brincadeiras, passeios, entre outros (MOHR,

2006, p. 26). Para Nunes e Santos (2020, p. 11), a concepção de leitura “não se resume apenas à leitura obrigatória, aquela que é feita por indicação ou exigência do professor, mas deve ser vista também como uma atividade prazerosa que desperte a atenção e o prazer do leitor”, sendo importante não só o incentivo da escola e das práticas educativas, mas também dos familiares.

Dado que a leitura se faz presente em todas as disciplinas escolares, com a interpretação de diversos textos ministrados pelos professores, logo o ensino e a interpretação de leitura não devem se restringir apenas aos professores de Língua Portuguesa, é um trabalho que deve ser feito em conjunto com todos os professores, não deixando a responsabilidade apenas para um professor, pois a leitura e a interpretação de texto se fazem presentes em todos os contextos da sociedade (MOHR, 2006, p. 33).

Cada pessoa vai adquirindo com o passar do tempo sua própria história da leitura, a começar pelos livros preferidos, os autores, os locais onde fazem a leitura, os gêneros, até a “postura corporal para ler são alguns dos aspectos que podem aparecer na trajetória de muitos leitores”. Entretanto, vai ser sempre algo pessoal, com sentimentos particulares (FAR, 2006, p. 65).

Nesse viés, Militão (2014, p. 17) considera que “há uma grande preocupação com o desempenho da leitura com o domínio do código escrito, na moderna sociedade da informação que não é somente no Brasil, mas está presente no mundo inteiro”, em razão de que estamos vivendo em uma sociedade cercada pelas tecnologias, em que se faz muito necessário as pessoas saberem ler e escrever, mas também saberem interpretar as informações que recebem, e sobretudo interagirem com o novos aparatos digitais, visto que as tecnologias da informação e comunicação vão estar cada vez mais presentes e não tem como fugir dessa realidade. Em conformidade, a leitura é de extrema importância para o crescimento da pessoa, a leitura liberta, pois “quem lê solta a imaginação e quem cria a imagem é o próprio leitor” (MILITÃO, 2014, p. 17), quebrando o paradigma de que a mídia social é quem tem o controle sobre os gostos das pessoas, o que elas pensam, controlando suas emoções, e ainda ofertando apenas o que a mídia social pensa ser importante para as pessoas saberem, incentivando-as à “preguiça mental”, pois ao invés das pessoas investigarem, fazerem leituras, questionarem sobre algo, elas vão apenas absorver aquilo que está sendo exposto pela mídia (MILITÃO, 2014, p. 17).

Com as novas tecnologias, a leitura na tela do computador tem uma disposição diferente, mudando a dinâmica com a leitura (FAR, 2006, p. 63), uma vez que a vida dos alunos do século XXI está repleta cada vez mais dos multiletramentos e das multissemoses, “pela leitura de imagens e palavras que têm como suporte a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, etc”. O que vai influenciar as maneiras do leitor e também do escritor de interagirem com o

conhecimento, sendo fundamental aprender habilidades para relacionar-se com essa cultura digital (SOARES, 2010, p. 3).

## **2.2 Concepção de leitura:** dos Parâmetros Curriculares Nacionais à Base Nacional Comum Curricular

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, no que tange à prática de leitura, mencionam que a leitura “é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero (...)”; não se trata de retirar tudo do texto, mas sim de resgatar na memória os sentidos para ir construindo antes da leitura propriamente dita. Em continuidade, os PCNs ao longo de seu texto relatam que “a leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata”, e como se trata de uma prática social complexa, se a escola tenciona modificar a leitura em objeto de aprendizagem, deve conservar sua natureza e sua complexidade, podendo trabalhar os diversos textos que permeiam a sociedade, a “diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quês”, ler por prazer, para buscar informações, estudar, para buscar informações para solucionar um problema, ou os significados que estão entrelinhas (BRASIL, 1997, p. 41).

Os PCNS (BRASIL, 1997, p. 43) enfatizam que os professores têm um papel importante, de buscar práticas de leitura que despertem o gosto pela leitura, que sejam algo atrativo para eles, pois “uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente”.

Além disso, os PCNs (BRASIL, 1997) são incisivos em afirmar que não se “deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação”. Pelo contrário, é necessário dispor para os alunos diversas possibilidades de “aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam”. É preciso criar estratégias para fazer uma leitura, marcando no texto as palavras que não conhecem, as dúvidas, partes importantes do texto, buscando na mente o conhecimento prévio que possuem, percebendo os múltiplos sentidos de um texto. Esse é o sentido que se fala quando se diz que é “preciso aprender a ler, lendo”. Os PCNs ainda mencionam que “os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno

construa uma visão empobrecida da leitura”. Pois, muitas vezes, a leitura é feita de maneira errônea, muitas atividades pedem para que os alunos leiam um texto, e que retirem do texto partes que são consideradas mais importantes para aquela atividade, que possam ler em voz alta em determinado momento para que a professora possa avaliar a proficiência. Em outros momentos, é pedido para que a leitura seja feita silenciosamente, mas sem levar em conta a interação do leitor com o texto, em que o leitor vai buscar construir, refletir junto ao texto e não apenas extrair informações (BRASIL, 1997, p. 42).

Com o avanço que a tecnologia trouxe houve também transformações nas formas de ler, e os textos digitais possibilitam leituras de forma dinâmica. Por meio dos *hiperlinks*, os leitores podem navegar em páginas com diversos conteúdos e aprofundar ainda mais os seus conhecimentos. Assim, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018, p. 68) menciona que “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir”. Essas novas ferramentas permitem que qualquer pessoa possa, além de criar, compartilhar novos conteúdos na internet, seguir seus autores preferidos e também deixar comentários em redes sociais específicas.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018 p. 68-72) traz a leitura em um sentido mais amplo, “dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”, contemplando os diversos multiletramentos e multissemiões presentes na sociedade.

Nesse viés, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 69) enfatiza a preocupação em trabalhar os diversos textos que permeiam a sociedade, visto que para formar cidadãos que possam transformar a sociedade é preciso que os alunos tenham o contato com esses novos multiletramentos, pois eles estão presentes na sociedade cada vez mais. Contudo, “não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola”, mas também de abranger os novos letramentos, especialmente os digitais, pois no mundo moderno são várias as situações que demandam o domínio da leitura e escrita pelo letramento digital, como pagar uma conta pelo aplicativo no celular, sacar dinheiro no caixa eletrônico, dentre outros. Eis a demanda que se coloca para a escola desenvolver habilidades e competências para interagir com esses aparatos digitais. No tocante aos alunos, a Base Nacional Comum Curricular fala que:

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer (BRASIL, 2018, p. 69).

Assim, percebemos o quanto é necessário ser trabalhado na sala de aula esses novos letramentos e multissemioses, pois serão os alunos de hoje que irão exercer as mais diversas profissões no futuro, serão eles que vão criar, reproduzir, compartilhar e se deparar com problemas complexos, por isso a necessidade de aprimorar as suas experiências e de levar em conta a diversidade cultural. Logo, o Eixo Leitura na BNCC “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação” (BRASIL, 2018, p. 71).

Assim, o conceito de leitura modificou-se com o passar dos anos, acompanhando as transformações “na sociedade, na economia, na cultura e na tecnologia”. A leitura que antes era considerada uma habilidade desenvolvida apenas na infância durante os anos iniciais de escolarização, hoje é vista como “um conjunto crescente de conhecimentos, habilidades e estratégias que as pessoas constroem ao longo da vida em diversos contextos, por meio da interação com seus pares e com a comunidade em geral”. Nessa direção, a leitura deve ser considerada através dos diversos mecanismos que “interagem com artefatos baseados em texto e como a Leitura é parte da aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 2020, p. 50).

Aliado ao conceito de leitura e escrita relacionadas às práticas sociais, o conceito de letramento passa a ser utilizado e será apresentado na próxima seção.

### **2.3 Letramento**

O termo letramento é um conceito novo no campo da educação e das ciências linguísticas. A palavra da língua inglesa *literacy* significa aquele que domina a leitura e a escrita. Conforme Soares (2009, p. 17), a palavra *literacy* vem do latim *littera*, com o sufixo -cy que indica qualidade, condição, estado, fato de ser. Dessa forma, a *literacy* é condição daquele que aprende a ler e a escrever. Esse mesmo termo é definido pelo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 464) como “estado ou condição de indivíduo ou grupo capaz de utilizar-se da leitura e da escrita, ou de exercê-las como instrumentos de sua realização e de seu desenvolvimento social e cultural”.

O surgimento desse novo termo se deu porque as novas demandas sociais “de uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las”. Dessa forma, letramento é ir

além do saber ler e escrever, é apropriar da leitura e da escrita, saber questionar, se posicionar, é o indivíduo que conhece e exerce os seus direitos na sociedade, que sempre está em busca de novos conhecimentos, assim podendo mudar o meio social e o mundo que o cerca (SOARES, 2009, p. 18-21).

Em conformidade, Tfouni (2010, p. 23), em seu livro “Alfabetização e letramento”, menciona que:

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo.

Nota-se que o letramento surge da ampliação do termo alfabetismo e para responder às novas demandas sociais, pois com o surgimento dessas novas tecnologias se intensificaram as práticas de leitura e escrita. Dessa forma, letramento para a autora é bem mais do que alfabetização, pois alfabetização seria um processo individual, enquanto o letramento é um processo social (TFOUNI, 2010, p. 22-33).

O termo letramento muitas vezes é discutido por ser confundido com alfabetização. No entanto, Soares (2009, p. 46-47) afirma que alfabetização e letramento são conceitos distintos, mas indissociáveis, pois para a autora o indivíduo que sabe ler e escrever se torna alfabetizado, posto que um indivíduo que além de saber ler e escrever adquire competências para se envolver com as práticas sociais se torna “letrado”. Diante disto, ser letrado é mais do que decodificar os códigos linguísticos, mas incumbir-se do uso da leitura e escrita de forma competente. Soares (2009, p. 37) diz que um indivíduo letrado não é mais a mesma pessoa, ele “passa a ter outra condição social e cultural”, não se trata de mudar de nível social, mas uma pessoa letrada muda “seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura (...)”, muda a sua forma de interagir com outras pessoas, o modo de ver o mundo e de se relacionar com os bens culturais.

Nessa perspectiva, Zilberman (2007, p. 246) define o letramento como:

Um processo que se inicia antes mesmo de a criança aprender a ler, supondo a convivência com universo de sinais escritos e sendo precedido pelo domínio da oralidade. Outros fatores associam-se ao processo de letramento, já que a convivência com a escrita começa no âmbito da família e intensifica-se na escola, quando o mundo do livro é introduzido à infância.

Para a autora supracitada, o letramento se inicia desde pequeno, sendo um processo que tem início quando a criança começa a ter contato com as diversas formas de escrita na sociedade (*outdoors*, panfletos, placas, livros, embalagens de brinquedos, dentre outros) e se intensifica por toda a vida, visto que vivemos em uma sociedade na qual a escrita e a leitura se fazem presentes no cotidiano.

Conforme Kleiman (1995, p. 18-19), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos”. O letramento desde a origem do seu termo possui vários vieses. Desse modo, não se pode definir em um único sentido, um sentido absoluto, mas em sentidos amplos, tendo em vista a complexidade dos estudos que se encaixam nesse domínio, sendo assim é um termo plural.

#### **2.4 Letramento Literário no contexto de sala de aula**

A leitura é uma prática social que vai além da decodificação dos símbolos, sendo muito importante para o desenvolvimento do ser humano, pois através dela pode-se conhecer outras culturas, viabilizando novas concepções de mundo e do outro. Para Krug (2015, p. 3), o indivíduo ao “praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos (...) é recurso pelo qual o homem adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante”, a leitura permite realizar de forma ativa as operações essenciais na sociedade.

Em decorrência das várias formas de ler e escrever na contemporaneidade e com o advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), os gêneros textuais/discursivos multissemióticos vêm se tornando cada vez mais presentes na sociedade. De acordo com Rojo (2012, p. 19-20), os textos multissemióticos são compostos de muitas linguagens, imagens estáticas ou em movimento, sons, vídeos, por isso a importância de trabalhar as leituras dos gêneros que permeiam em meios digitais, dado que as formas de produzir e compartilhar conhecimento também mudaram.

Além disso, a tecnologia é uma ferramenta muito utilizada pelos alunos, a escola precisa compreender essas mudanças, levar em conta e valer-se da tecnologia, uma vez que os alunos se sentem mais motivados quando é usado um recurso tecnológico nas aulas. O uso desses recursos permite que o aluno seja protagonista, amplia o acesso à informação e contribui para o desenvolvimento de habilidades criativas.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 9), o trabalho com os recursos tecnológicos na sala de aula deve levar o aluno a:



Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Desse modo, essas práticas contribuem para a formação integral do aluno, desenvolvendo habilidades de leitura para interagir de forma ativa na sociedade e na vida pessoal, sendo dessa forma que a escola pode fazer diferença auxiliando os alunos a como usar esses espaços sociais.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 84-96) traz de modo específico no seu documento o Campo Artístico-Literário que é:

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros.

É possível notar que esse campo vem como proposta de trabalho pela dimensão formativa importante de uso da linguagem na escola e fora dela. Pode-se perceber que a BNCC não trata de maneira satisfatória o trabalho com o texto literário, posto que o texto literário precisa ser trabalhado além do prazer estético como uma forma de conhecimento de si e do mundo, visto que o letramento literário é muito importante para a formação de leitores sendo um dos estímulos mais importantes para o incentivo à leitura das crianças. Conforme Soares e Ferreira (2020, p. 2), “por conseguinte, para formar leitores é necessário estimular estas diversas leituras e despertar o interesse da criança pelos livros, histórias, contos e recontos. O letramento literário contribui na alfabetização utilizando dos clássicos”, visto que “o letramento traz essa perspectiva de que a criança insira, compreenda e perceba a literatura no cotidiano e se sinta estimulada para novas leituras”. Portanto, deve-se pensar sobre como o letramento literário está sendo utilizado e procurar ações pedagógicas que estimulem a formação de leitores literários.

Assim, discorrendo sobre a temática dos letramentos, Souza e Cosson (2011, p. 102) pontuam que “o letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita”. O letramento literário, diferentemente dos outros letramentos, possui uma vinculação diferenciada com a escrita e, desse modo, é um letramento singular. De acordo com Barbosa (2011, p. 148), o letramento literário é definido “como a condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender

gêneros literários, mas **aprendeu a gostar de ler** literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético”.

Para Machado (2008), “o termo letramento literário” foi usado pela primeira vez no Brasil por Graça Paulino, num trabalho encomendado para a ANPEd, na sequência do trabalho de Magda Soares”. Na época, o grupo de pesquisa tinha o nome de “Grupo de Pesquisas de Literatura Infantil e Juvenil”. Depois mudaram o nome para “Grupo de Pesquisas do Letramento Literário – GPELL”, e dessa forma integraram mais a literatura no contexto da cultura escrita às discussões do grupo. Nessa direção, a mudança de nome procurou enfatizar o valor da “literatura literária, do leitor, da formação de leitores – professores e alunos –, da leitura literária na escola e em bibliotecas, etc”. Desse modo, Cosson (2018) fala que é exatamente por ir além da leitura simples que o letramento literário é de suma importância no processo educativo, e que o uso da literatura e a educação têm uma longa história, precedente à existência formal da escola como conhecemos hoje, logo a literatura era usada desde as civilizações da antiguidade.

Para a autora Zilberman (2007, p. 246-247), a criança é apresentada ao letramento literário já desde a tenra infância quando é iniciada ao universo da fantasia, que lhe é exposto por meio da escuta de histórias, sendo mostradas de diferentes formas: contadas oralmente por outras pessoas, lidas em voz alta por outras pessoas ou vistas, “quando se trata de programas de televisão, teatro infantil ou cinema”. Cabe mencionar que “o conhecimento do mundo da ficção, vital para a apreciação de obras dirigidas à infância”, acontece mesmo quando uma criança não tem contato com o livro em razão da sua classe social, financeira e cultural.

Para Cosson (2018, p. 17-30), no espaço escolar a leitura literária tem a função de ajudar os indivíduos a ler melhor, não somente porque proporciona a criação do hábito de leitura ou porque seja agradável, mas porque oferece como nenhum “outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com o mundo feito de linguagem”. De acordo com o autor supracitado, é “por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores, e formas intensamente humanas”, que a leitura literária tem e precisa de um espaço reservado nas escolas, visto que é diferente dos outros letramentos.

Em consonância, Souza e Cosson (2011, p. 106) acrescentam que o letramento realizado com textos literários “proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma”, por isso a importância da escola para se concretizar, pois com o auxílio da escola proporciona-se um “processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar” e o seu propósito

maior do letramento literário escolar é “(...) nos formar como leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive”, possibilitando maior autonomia para o exercício pleno da cidadania.

Soares e Ferreira (2020, p. 5) são unânimes em afirmar que se pode observar que por meio da literatura é possível entrar em contato com outros mundos, conceitos e outras visões. “O conhecimento é aumentado a cada livro lido, pois exprime diferentes ambientes e realidades diferentes da que o leitor vive”, pois, a literatura possibilita “essa rica experiência a quem tem a oportunidade de estar em contato com textos literários (...)”. E, conforme Cosson (2018, p. 23), “o letramento literário é uma prática social, e como tal, responsabilidade da escola”, cabendo salientar a importância de a escola ampliar os domínios dos níveis de leitura e escrita, ampliar os textos que são ofertados para os alunos, levando em conta a realidade e o contexto em que eles estão inseridos.

Outro ponto que Cosson (2018, p. 26-30) destaca é a forma simplista da atividade da leitura, “apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola”, a forma distorcida ao pensar-se que o livro fala por si mesmo ao leitor, pois é preciso que a escola ensine os alunos a explorar a leitura literária. Outra pressuposição é que “ler é um ato solitário”, podendo até ser solitário, pois geralmente a leitura é realizada de forma individual, mas na verdade a leitura é uma troca entre o leitor, o texto e a sociedade, uma vez que ao ler você realiza um trabalho ativo na construção dos significados do texto, você amplia a visão de mundo. É abrir-se para compreender a visão do outro, mesmo que isso não implique aceitá-lo, é se colocar no lugar do outro, é gesto solidário exigido pela leitura de qualquer texto, é “compreender que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”. Cosson (2018, p. 17) afirma que “para que a literatura cumpra seu papel humanizador é preciso mudar a forma errônea de como a escola vem promovendo o letramento literário”, pois o letramento literário é muito importante no processo educativo e para formar bons leitores que sejam capazes de vivenciar toda a força humanizadora da literatura, não a tornando uma disciplina isolada, sendo preciso ir além do ato de ler e não apenas ter a função de ajudar os alunos a lerem melhor.

Cosson (2018, p. 120) considera que:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse

aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário.

Muitas vezes não há o incentivo à literatura, acham desnecessária, quando fazem a leitura é para realizarem uma atividade proposta pelo professor, para procurarem alguns autores, pesquisarem características dos períodos literários, estudarem para uma avaliação, e poucos são os que leem por prazer, sendo preciso explorar o texto de forma integral, não o apresentar aos alunos de forma fragmentada, pois é preciso “a formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor literário” (COSSON, 2018, p. 120).

Assim, os professores e os alunos que desejarem compartilhar esse caminho talvez descubram que:

A prática de letramento literário é como a invenção da roda. Ela precisa ser inventada e reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula. Nessa reinvenção contínua do mesmo, que não se faz sem oposição como na fábula, o ensino de literatura passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo. Um leitor que se reconhece como membro ativo de uma comunidade de leitores. (COSSON, 2018, p. 120).

Desse modo, é fundamental o professor ser um mediador, conhecer os seus alunos, o contexto social, levar em conta o que eles já sabem, pois cada escola é diferente, cada turma tem um ritmo e cada aula é única, motivar e incentivá-los diariamente, pois sempre quando o professor faz a mediação levando em conta todo o exposto acima ele contribui muito para o desenvolvimento dos seus alunos e conseqüentemente também se beneficia dessa troca de conhecimentos.

Nesse viés, é necessário destacar que o trabalho pedagógico com a leitura literária e a contação de histórias possibilitam às crianças situações em que elas podem socializar com os pares, explorar a sua imaginação e aumentar o seu vocabulário. Em conformidade, Busatto (2003, p. 37) defende que:

O conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala.

Dessa maneira, é possível perceber que o trabalho com a contação de histórias na sala de aula pode ser um momento lúdico. Explorando o mundo mágico dos contos é possível incentivar a linguagem oral e escrita, despertar os seus afetos, pois os contos provocam encantamento pela liberdade de imaginar, se colocar no lugar do personagem daquela história. Trata-se, portanto, de uma proposta pedagógica que ocupa um lugar muito importante na escola pelo caráter da literatura como indispensável para educar.

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 87) menciona também a importância de proporcionar ao aluno atividades de:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Por meio da literatura, os alunos podem conhecer mais sobre sua cultura e a cultura de outros povos, desenvolvendo seu senso crítico para poderem lidar com as adversidades do dia a dia, pois quando o aluno está lendo um livro ele viaja no mundo da leitura, despertando a sua imaginação e criatividade. A leitura literária permite o conhecimento de valores passados de geração em geração por meio dos contos orais e escritos, sendo muito importante fazer parte da prática pedagógica em sala de aula.

Cosson (2009, p. 72), em seu livro “Letramento literário: Teoria e prática”, sugere para professores o trabalho com a sequência básica e a sequência expandida, trazendo quatro passos de como ensinar a ler e escrever literatura. O autor menciona que o trabalho com a sequência:

[...] não é algo intocável. Dentro dos objetivos do letramento literário na escola, é possível misturar a leitura com a interpretação, a motivação com a introdução, sempre de acordo com as necessidades e características dos alunos, do professor e da escola. O que não se pode perder de vista é a ideia de conjunto ou ordenamento necessários em qualquer método.

Diante disso, a técnica proposta desenvolve-se por meio de oficinas, enfatizando o caráter de atividade prática, na qual o aluno é quem vai construir o conhecimento e não apenas só a explicação do professor. É preciso que o professor note que essas atividades propostas só conseguem se efetivar no âmbito educacional se tiverem um objetivo claro, deixando nítido sobre o que ensinar e por que ensinar. “Sem uma direção teórica e metodológica estabelecida, podem até entreter os alunos e diverti-los, mas certamente não apresentarão a efetividade esperada de uma estratégia educacional” (COSSON, 2009, p. 121). A Sequência Básica do

letramento na escola segue quatro passos, conforme já mencionado: motivação, introdução, leitura e interpretação.

- **Motivação:** É o primeiro passo do letramento literário, consiste em buscar estratégias para fazer com que o aluno possa despertar o interesse pelo texto, “a motivação ela prepara o aluno para receber o texto, mas não silencia o texto nem o leitor”, a motivação pode ser feita de forma conjunta com atividades de leitura, de escrita e de oralidade. “A leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque parecem muitos naturais”. Entretanto, esse momento da motivação não pode passar de uma aula, pois a leitura literária pode se perder (COSSON, 2009, p. 54-57).
- **Introdução:** É o segundo passo do letramento literário, é a apresentação do autor e da obra sendo muito importante na leitura literária, tomando cuidado para não prolongar na apresentação sobre a vida do escritor, explicando o que é necessário para os alunos saberem naquele momento. Sendo importante o professor apresentar aos alunos a obra fisicamente, deixá-los folhear as páginas da obra oportunizando a ida à biblioteca, ou fazer uma pequena cerimônia na sala de aula para selecionar a obra daquele autor, levantar hipóteses sobre o livro, e nesse momento o professor precisa chamar a atenção dos alunos para a leitura da capa, explorando as imagens e os escritos da capa, e se tiver mais de uma obra na sala de aula e que seja de editores diferentes poderá também examinar as diferentes maneiras como esses editores encaminham a leitura e a obra. Sendo necessário uma metodologia adequada para a introdução, é preciso que o professor (a) tenha claro que a introdução não pode demorar muito, pois a intenção é chamar a atenção dos alunos para que eles recebam aquela obra de maneira positiva (COSSON, 2009, p. 57-60).
- **Leitura:** Cosson chama a atenção para essa parte da proposta de letramento literário, considerando ser a mais essencial que é o acompanhamento da leitura. Por acreditar que a leitura na escola precisa de acompanhamento, pois tem um objetivo e é importante que não se perca, o professor precisa observar e acompanhar o processo de leitura do aluno para auxiliá-lo caso haja dúvidas, incluindo as dificuldades de proficiência de leitura. É indispensável que façam períodos entre as leituras e até mesmo intervalo, porém não podem ser muito longos, e se o professor observar que passam de três intervalos para acompanhar a leitura de seus alunos esse livro não é ideal para a turma. É nessas atividades de intervalo que o professor vai observar quais são as dificuldades dos alunos em relação à leitura, possibilitando a intervenção que vai desde a relação deles como o

texto, o vocabulário, a expectativa que é criada com a leitura e que depois pode ser quebrada levando o aluno a querer parar de ler o texto. O professor que faz essa mediação contribui para uma formação de leitor (COSSON, 2009, p. 61-64).

- **Interpretação:** É o último passo proposto na Sequência Básica de letramento, constitui-se das inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. Por conseguinte, Cosson propõe no cenário do letramento literário pensar em dois momentos, um momento interior e um momento exterior. O primeiro momento interior é o encontro do leitor com a obra, esse momento não pode ser substituído por outro mecanismo a não ser o contato com o livro, quando o leitor mergulha no mundo da leitura literária. A história de leitor e aluno na interpretação do texto poderá sofrer várias influências, como o ambiente familiar e todo um conjunto que constitui o contexto da leitura, assim a interpretação do texto vai mudar de acordo com o que o aluno é no momento da leitura. O segundo momento externo é quando o aluno consegue se expressar compartilhando com a comunidade as experiências que teve durante a leitura que realizou, “é aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independente dela”. Na escola é fundamental proporcionar essa troca de interpretações que eles realizaram enquanto faziam a leitura individual, pois quando há essa troca os alunos ampliam as suas visões de mundo, seus horizontes de leitura e percebem que fazem parte da coletividade. Sendo indispensável o registro para essas atividades da interpretação variando de acordo com o objetivo que se pretende atingir, idade dos alunos, ano escolar, entre outros (COSSON, 2009, p. 65-66).

Percebe-se que essa sequência sugerida por Cosson (2009) é uma metodologia que auxiliará o aluno e também o professor a lerem e a interpretarem a leitura dentro e fora da escola de forma mais vasta e ativa.

## **2.5 Literatura e leitura literária**

Literatura é um tema que sempre está em pauta na educação, visto que ela pode ser considerada como uma porta de entrada para a formação de alunos leitores. Para Candido, a literatura corresponde a “toda criação de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2011, p. 176). Para o autor, a literatura pode ser considerada uma manifestação

universal e um direito, pois encontra-se presente na história da humanidade. Além disso, cada sociedade cria suas próprias manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com suas crenças, valores, sentimentos e normas.

Candido menciona a importância da literatura como um instrumento poderoso de instrução e educação e defende que a literatura possui uma função humanizadora, devido ao seu poder transformador de auxiliar na formação do homem por meio da reflexão, da aquisição do saber e, em uma dimensão mais ampla, nas relações com o outro. Nas palavras do autor:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182).

Para o autor, a literatura “como força humanizadora, não como sistema de obras” cumpre a necessidade universal de ficção e de fantasia que também se estende ao homem, “pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementar” e ocorre em todas as esferas, primitiva e civilizada, desde as crianças, nas pessoas instruídas e não instruídas, até os adultos (CANDIDO, 2012, p. 82-83).

Segundo Candido (2011, p. 176-177), da mesma forma como todos as noites as pessoas têm sonhos, nenhuma pessoa é capaz de ficar um dia sem se entregar ao mundo da imaginação e da fabulação. A criação ficcional ou poética está presente em todas as pessoas, através dos contos, canções, histórias, notícias, músicas. “Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”.

A literatura é também para Candido (2011, p. 177) um “sonho acordado das civilizações”, tendo em vista que não é possível ter um equilíbrio psíquico sem o sonho durante a sono, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”. Diante disso, pode-se perceber que a literatura é fator imprescindível de humanização e confirma o ser humano na sua humanidade, uma vez que atua em grande parte do seu inconsciente e subconsciente. Candido (2011, p. 117) ainda salienta que:



(...) a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

A literatura realiza o papel de instituição social, sendo um instrumento valioso de sabedoria e de educação. Por isso, não podemos ver como uma experiência inofensiva, mas apostar em uma aventura que pode provocar danos psicológicos e morais assim como acontece na vida cotidiana, posto que atua na formação do aspecto formativo do ser humano (CANDIDO, 2011, p. 178).

Ao falar sobre as funções da literatura, Candido (2011, p. 178-179) destaca três faces da sua natureza: a primeira é a construção de objetos autônomos; a segunda é uma forma de expressão, de manifestar as emoções; a terceira é uma forma de conhecimento. A combinação dessas três faces é que resulta no efeito das produções literárias e faz com que o texto literário seja fascinante para o leitor. Porém, um dos aspectos se destaca mais que os outros, sendo o primeiro aspecto crucial, fazendo com que a obra literária toque no leitor de maneira única pelo fato da literatura ser a construção de um objeto autônomo. Candido (2011, p. 179) menciona que:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada (...) Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

A linguagem escrita permite organizar os pensamentos e em seguida o pensamento que se tem de mundo. A organização das palavras atua no leitor por causa da forma como as palavras são organizadas, e a forma traz em si um modo de humanizar, devido ao poder da mensagem com a sua organização e a coerência mental que pressupõe e que sugere. “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo”. Através dos conhecimentos latentes que são transmitidos por meio das emoções e das novas formas de ver o mundo, a literatura nos organiza e dá liberdade para o homem enfrentar os desafios da vida e assim nos humaniza (CANDIDO, 2011, p. 180-188).

De acordo com Candido (2011, p. 188-189), ao falar sobre os direitos humanos, ele destaca a importância da comunicação entre as esferas da produção literária para proporcionarem acesso aos bens culturais. Mas, para isso, é preciso que a literatura erudita deixe de ser produto da minoria dos pequenos grupos e passe a ser um produto de toda a sociedade. Assim, é essencial que a literatura de massa, folclórica, seja também reconhecida como importante para esses grupos minoritários que costumam diminuí-las. “Por isso, numa sociedade estratificada deste tipo de fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante”, e nesse viés é necessário que haja mais difusão de oportunidades culturais e que a literatura seja feita de maneira igual para todas as esferas da sociedade, sem barreiras de circulação, “utopia à parte, é certo que quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um” (CANDIDO, 2011, p. 189).

Em suma, Candido (2011, p. 193) defende a ideia de que a luta pelos direitos humanos “abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura”, em razão que uma sociedade igualmente justa respeita os direitos humanos, desfruta da arte e da literatura em todas as instâncias em todos os níveis e é um direito intransferível.

Lajolo (1989, p. 53), em sua obra intitulada “O que é literatura”, menciona que os conceitos sobre literatura surgiram antes de Cristo, na Grécia Antiga, na qual se encontraram as primeiras reflexões sobre o que chamamos hoje de literatura. “Foi, portanto, na Grécia Antiga, de mármore brancos e deuses olímpicos, que começou a tomar forma o conceito e uma prática de literatura cujas metamorfoses últimas são as que se conhecem hoje”, houve várias divergências entre as pessoas que discutiam o que era literatura e para que servia, embora não usassem esse termo propriamente dito “literatura”. Assim, desde muito tempo nos:

Teatros, nas praças e nos templos, a literatura não era um privilégio dos que liam, mas uma espécie de celebração. E como celebração coletiva, além de cumprir o papel que lhe estava reservado, ainda tinha a chance de repercutir profundamente na vida de cada um, como, aliás, pode repercutir ainda hoje (de forma diferente) em quem a leia. (LAJOLO, 1989, p. 55).

Os textos que o nome reserva como literatura na idade média nasceu de uma elite, e era para ela dirigidos, entretanto, não se dirigiam somente a eles, pois as provocações, inquietações, repercutiam em camadas marginalizadas, “mais distantes dos círculos oficiais da cultura” (LAJOLO, 1989, p. 64).

Para Lajolo (1989, p. 16), “a obra literária é um objeto social”. A autora fala que é objeto social, pois para que ela exista é necessária a interação social, comunicativa entre autor e leitor,

passando a existir como obra quando há essa troca social. Desse modo, para se falar em literatura, é importante entender que a sua maior relevância não se dá na quantidade de conhecimentos que ela proporciona ao leitor, ao contrário, “literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um”. A literatura tem o poder de despertar em cada pessoa os sentidos que a faz interpretar através do texto lido, tem o poder de vivenciar e criar dentro de cada uma a mensagem proposta pelo autor. Não se preocupando se o texto é verídico ou ficção, os personagens podem ter existido ou serem criados pelo autor, a literatura permite que tudo possa ser possível não se limitando ao real (LAJOLO, 1989, p. 43-45).

A literatura é uma forma de manifestação artística e seu texto possui algumas características, como o uso da linguagem ficcional transfigurando o real, linguagem plurissignificativa assumindo no texto muitos significados e permitindo múltiplas interpretações, aspecto subjetivo, muitas das vezes possui o olhar pessoal do autor transmitindo seus sentimentos, crenças, suas experiências, ênfase na função poética da linguagem, e a palavra usada no texto tem caráter artístico, o uso da conotação utilizando a linguagem figurada.

Desse modo, a definição do texto literário e o texto não literário já foi objeto de vários estudos, e respectivamente não há respostas absolutas para ela. Entretanto, é possível apresentar os critérios mais usados atualmente para caracterizá-la.

Segundo Savioli e Fiorin (2011, p. 491), antes de mais nada é necessário desconsiderar qualquer critério que se baseie no tema abordado pelo texto. Assim, não há conteúdos que sejam específicos da literatura nem inversos ao seu domínio. Desse modo, o que se pode assegurar é que o texto literário privilegia determinados temas e maneiras de figurativizá-los em certas épocas. Savioli e Fiorin (2011, p. 491) dizem que modernamente a diferença entre o texto não literário e o texto literário está na questão de que o texto literário possui uma função estética, e o texto não literário tem função utilitária (informar, convencer, explicar, responder, ordenar, etc.). A primeira característica do texto literário está na “relevância do plano de expressão, que, nele, serve não apenas para veicular conteúdos, mas para recriá-los em sua organização”. Savioli e Fiorin (2011, p. 494) continuam dizendo que:

Quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz. A mensagem literária é autocentrada, isto é, o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão. Múltiplos recursos são usados para isso: ritmos, sonoridades, distribuição de seqüências por oposições e simetrias, repetição de palavras ou de sons (rimas), etc.

Outra característica importante do texto literário é a sua intangibilidade. Savielo e Fiorin (2011, p. 394) falam que de acordo com o poeta francês Valéry, a diferença entre os textos são que o não literário pode se resumir sem perder o essencial, enquanto o texto literário se resumir perde-se o essencial, quando se resume um romance ou um poema eles perdem o encanto, perdem a sua força expressiva.

Outro aspecto importante é que o texto literário é conotativo, ao contrário do texto não literário que aspira denotação. O texto literário com função estética procura a conotação, por isso usam os mecanismos de metáfora e de metonímia. O texto com função utilitária busca apenas um sentido, “enquanto a linguagem em função estética é plurissignificativa”. Assim, não é somente na literatura que se usa a linguagem em função estética, “ela é apenas o lugar privilegiado de sua utilização”, é usada também nas propagandas, brincadeiras de crianças, nos trocadilhos (SAVIELO; FIORIN, 2011, p. 495).

Podemos observar que o texto literário é marcado pela função poética, sendo mais artístico, contempla as formas de linguagens centradas nas emoções do leitor, possui a presença de elementos que denotam vários significados e reflexões.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988, p. 14), a literatura é um instrumento de comunicação, participa da cultura, tendo uma produção significativa, e conecta com outros objetos da sociedade. Todavia, possui características que a diferenciam, a mais notória é o fato de não usar linguagem utilitária. O texto literário não diz respeito ao contexto diretamente, não precisa deixar claro o seu significado, deixando ao leitor uma autonomia no significado do texto. Um exemplo são as histórias infantis ou o romance que criam as suas próprias regras para comunicarem com o leitor e fixando assim um pacto entre o leitor e o autor, no qual a presença do contexto é prescindível. Ao fazer a leitura, o leitor entra no mundo da história deixando de lado a realidade e passa a vivenciar através da imaginação todo o enredo e os personagens da ficção. Inclusive mergulhando no mundo da imaginação aceita o mundo ali criado pela história como realizável para si. A obra literária se efetiva muito mais pela combinação da organização das suas estruturas do que pela ligação do sentido real com o contexto.

Bordini e Aguiar (1988, p. 14-15) mencionam que “a estrutura da obra literária decorre das linhas de força estabelecidas entre os componentes e funções”. Entretanto, essa estrutura não é regular, alterando as continuidades e descontinuidades que são definidas “pelo próprio limite das frases e períodos linguísticos”. No texto literário, compõe-se um mundo onde tudo é possível, “no qual os objetos e processos nem sempre aparecem totalmente delimitados”. Nesse mundo onde as lacunas são totalmente preenchidas pelo leitor de acordo com as suas experimentações, o leitor atualiza a obra no ato da leitura.

Em oposição, o texto não literário possui a sua estrutura mais rígida e presa ao contexto da sua comunicação, não deixando espaço para o leitor interferir no texto. As informações que o texto não literário apresenta são rígidas e utilitárias, valendo apenas da informação que ali está. Por sua vez, o texto literário possui uma linguagem plurissignificativa, dando liberdade para diversos significados e leitura, exatamente pelo texto ter traços em aberto, e pela sua polissemia que permite ao leitor plena liberdade, levando-o a participar da construção de sentido do texto. A atividade que o leitor desempenha com a literatura permite a reconstrução da linguagem de todo o universo metafórico e a realização desse universo com base nos seus conhecimentos pessoais. Por isso, a literatura captura o leitor fazendo refletir sobre si, o leitor experimenta novos mundos, outras vidas as quais na realidade ele não pode ou não sabe vivenciar com experiências dessemelhantes do seu dia a dia, por aumentar suas fronteiras de vida sem ofertar perigos da aventura real (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 15).

Alves e Miranda (2018, p. 26), discorrendo sobre a temática do texto literário, pontuam que “trata-se de uma representação de valor estético que nasce das palavras. E, por ser portador da plurissignificação, o texto literário cria mundos interiores e imaginários a partir de uma rede de significados que são evocados pelas pistas deixadas pela carga semântica das palavras”. Podemos perceber que a literatura amplia a visão de mundo das pessoas que embarcam nessa aventura, permite que o leitor não só lê, mas experimente, sinta, imagine, visto que os textos literários são baseados na imaginação.

Nesse viés, os textos literários trabalham com uma linguagem diferente dos demais textos, o que faz com que o leitor no ato de ler produza uma interação entre o leitor e o texto, notando que as obras literárias permitem mais de um significado. Para a leitura do texto literário, Eco (1994, p. 81-99) salienta, como parte primordial, o acordo ficcional, pois “o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão de descrença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras”. Em outras palavras, é preciso que o leitor ao adentrar o universo da ficção saiba que as histórias ali contadas fazem parte de um mundo mágico, e que mesmo assim fará a leitura fielmente, mesmo sabendo que está lendo um texto ficcional e que as inúmeras situações ali presentes não fazem parte do seu cotidiano. Cabe ainda mencionar que o mundo ficcional não deve ser confundido com o mundo real, tendo em vista que a ficção se apoia como base para o real, e que a história não acaba quando se encerra a narrativa, mas se alonga pela vida afora. Eco (1994, p. 83) acrescenta que:

Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala; mas, quando o lobo come Chapeuzinho Vermelho, pensamos que ela morreu (e essa convicção é vital para o extraordinário prazer que o leitor experimenta com sua ressurreição). Imaginamos o lobo peludo e com orelhas pontudas, mais ou menos como os lobos que encontramos nos bosques de verdade, e achamos muito natural que Chapeuzinho Vermelho se comporte como uma menina e sua mãe como uma adulta preocupada e responsável. Por quê? Porque isso é o que acontece no mundo de nossa experiência, um mundo que daqui para a frente passaremos a chamar, sem muitos compromissos ontológicos, de mundo real.

Pode-se entender que, enquanto leitores, nós usamos como base as experiências que adquirimos com a leitura de outros textos e as experiências do dia a dia para efetuarmos a leitura de uma obra ficcional. Os textos ficcionais exigem que o leitor seja mais maleável com os fatos narrados para poder fixar o acordo ficcional, entretanto, em alguns textos ficcionais, o autor exige muito do leitor, o que faz com que ele rompa esse acordo e encerre a leitura. Por isso, a suspensão da crença é de grande valia em se tratar de obras literárias, ou seja, suspender os julgamentos em troca da premissa de entretenimento.

De acordo com Paulino (2014, sp), “a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa”. A leitura literária é um processo em que o leitor manifesta vontade de interagir com o texto, exteriorizar seus sentimentos, vivenciar as narrativas fantásticas ali contadas, a participação nos sentidos linguísticos do texto. Por isso, é necessário despertar o gosto pela leitura e ofertar os diversos gêneros textuais contribuindo assim para que os sujeitos possam acionar conhecimentos anteriores, relacionando-os com o novo para ajudar na interpretação e a se posicionarem diante do texto.

O pacto realizado entre o leitor e o texto faz com que o leitor mergulhe no mundo imaginário em que a linguagem é o foco, por meio dela se cria outros mundos, em que tudo é possível e que a imaginação não tem limites. Por isso, a leitura literária requer atenção da sociedade, por ser uma prática em que os sujeitos refletem sobre o mundo, sobre as culturas, constroem outras visões de vivência. Mesmo nas sociedades ágrafas, o texto literário se faz presente através dos textos literários orais passados com as histórias contadas, desenhos criados, brincadeiras que usam o som das palavras. Essas práticas acontecem na sociedade letrada hoje também, entre sujeitos alfabetizados e não alfabetizados, permitindo a ampliação e interação entre o leitor e o texto, conforme ensina Paulino (2014, sp).

Cabe ainda destacar que Abramovich (1997, p. 14) menciona que:

Ler pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilhosa, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Para Abramovich, a leitura sempre foi algo mágico; a autora teve o contato com a leitura desde pequena, quando a sua mãe lhe contava histórias para dormir, e o gosto pelas histórias foi crescendo, e quando mais velha ela cita que a “volúpia de poder ler sozinha”, de mergulhar no mundo mágico das histórias, foi algo espetacular. Em conformidade, podemos reiterar como é necessária a influência da família no incentivo à leitura, uma vez que crianças que são incentivadas desde pequenas já chegam na escola com uma enorme bagagem de conhecimentos, um grande repertório cultural, pois a leitura contribui para produzir novos olhares, estimula a criatividade e a criticidade.

Podemos observar que a leitura no espaço escolar é marcada pela forma como é ensinada ligada a vários discursos e gêneros textuais, a particularidades da leitura literária, é trabalhada com as de outros tipos de leitura, “como a científica, a filosófica, a informativa. Essas leituras, embora diversas e requerendo estratégias diferentes dos leitores, têm pontos em comum, que podem ser trabalhados por professores e alunos”. A leitura precisa ser trabalhada na sua totalidade, sem ser reduzida ou utilizada como pretexto para outras atividades escolares. Especificadamente, a “leitura literária requer liberdade, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar suas singularidades. As preferências de cada um são respeitadas para que ocorra de fato uma leitura literária”. Subsequentemente, o professor não pode reprimi-los, mas precisa incentivar a imaginação e criatividade dos alunos no pacto com o texto, além do mais se constitui como um elemento primordial do desenvolvimento escolarizado da leitura literária (PAULINO, 2014, sp).

Nas obras literárias, é muito importante a experiência estética literária, pois é a união do indivíduo com a obra de arte. Cunha esclarece que:

Podemos entender a experiência estética literária como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção. Tal produção literária é – ela também – uma experiência estética, cujo resultado seu criador quer fazer único e inconfundível, com marcas que ele gostaria que fossem percebidas pelo leitor como pegadas no caminho da leitura de sua obra. (CUNHA, 2014, sp).

Nas obras literárias, o leitor desempenha a função de criação, mais do que nas outras leituras, em função das peculiaridades da obra literária. Para essa experiência, é muito importante os saberes adquiridos anteriormente pelo leitor, pois ele cria os sentidos a partir de seus conhecimentos, da sua sensibilidade e todo o envolvimento em que ele e a obra estão postos. É essas especificidades que tornam a leitura literária uma obra pessoal tanto para o leitor quanto para o escritor. Desse modo, é insubstituível a fruição estética surgida do contato direto do leitor com a obra literária, e essa experiência estética possui vários níveis e temporalidades que dependem dos diferentes elementos que ajudam na sua constituição e do quanto cada pessoa investe nela. “A literatura é uma arte no tempo, e a experiência estética de uma obra literária não se pode dar completamente antes da fruição/conhecimento de toda a obra” (CUNHA, 2014, sp).

Assim, a partir do momento que o “sujeito lê uma obra literária, vai construindo imagens que se interligam e se completam - e também se modificam - apoiando nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou”, por isso a necessidade de ofertar aos leitores múltiplas obras literárias a fim de que eles possam enriquecer as suas experiências e sua vida (BORDINO; AGUIAR, 1988, p. 16-17).

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, como bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo, uma intenção democrática e simétrica entre alunado e professor. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 17).

Mediante as contribuições supracitadas, a escola precisa dispor para os alunos, conforme Bordini e Aguiar (1988) mencionaram acima, esses elementos para que os alunos possam vivenciar de fato a literatura, que os professores estejam em constante formação para que ocorra um ensino-aprendizagem mais efetivo para os alunos, que a gestão escolar planeje projetos literários sempre com intencionalidade para que os alunos possam desfrutar do prazer que é ler e ainda mais ler literatura.

Bordini e Aguiar (1998, p. 18) dizem que o primeiro passo para formar o hábito de leitura nos alunos é ofertando a eles livros que estão próximos do seu cotidiano, que os façam refletir. A literatura brasileira e a literatura infantojuvenil vêm com esse propósito de completar essas lacunas ao oferecerem textos com os quais os alunos se identificam, pela linguagem de



fácil compreensão, pelo ambiente, pelos personagens, pelos desafios enfrentados no decorrer da história. Quando um texto faz sentido para o leitor, ele se apropria da obra aguçando ainda mais o gosto pela leitura e fomentando o ato de ler.

Ademais, quando o professor vai trabalhar com literatura nas aulas levando em consideração as expectativas que os alunos têm, contribui para a aproximação significativa com os textos e tem sua aprendizagem potencializada, e pressupõe-se que o professor está envolvido com os interesses dos alunos. Além disso, o sujeito busca, no ato de ler, satisfazer a uma necessidade criada dentro dele para se informar, para lazer, para enriquecimento de cultura, pois os alunos são indivíduos diferentes uns dos outros e, portanto, têm desejos de leitura diversificados (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 18).

Assim, para Cademartori (1986, p. 19), a literatura:

se configura, não só como instrumento de formação conceitual, mas oferece, na mesma medida, elementos que podem neutralizar a manipulação do sujeito pela sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio possível de superação da dependência e da carência, por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

Entendendo que algumas crianças terão o contato com a literatura apenas quando chegarem na escola, é necessário que o professor trabalhe a literatura em sala de aula de maneira lúdica, criativa, e que possa usar técnicas para dar “vida às histórias” contadas, levando em consideração a escolha dos livros para a faixa etária e contemplando assim um ensino-aprendizagem mais efetivo, explorando as múltiplas experiências que a literatura infantil permite desenvolvendo a compreensão de mundo.

A literatura permite acessar um universo que o aluno não conhece sem precisar sair do lugar, ajuda a lidar com os seus sentimentos, na compreensão de seu espaço na sociedade e na formação de alunos críticos que são capazes de refletir sobre os acontecimentos da sociedade e do mundo. Os livros de literatura são fontes de conhecimentos inigualáveis.

Para Zilberman (2005, p. 9-11), um ótimo livro é aquele que conquista o leitor, não dando importância “se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros”. O livro que agrada provoca uma nova leitura, e o leitor costuma ler novamente ou voltar em partes específicas que marcaram. E, desse modo, a “literatura para crianças não é diferente: livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar”. Os

livros lidos na infância fazem parte da construção do homem, fazendo “imprimirem-se na memória e tornarem-se referência permanente quando aludimos à literatura”.

E dentre os inúmeros estímulos à memória afetiva está o livro, pois lembramos do que nos marca, do que nos toca, e o livro tem esse poder de deixar marcas para a vida toda, pois nos traz recordações e nos transporta para outros mundos. Segundo Coelho (2003, p. 64), “é ainda ao livro, à palavra escrita, que estamos atribuindo a maior responsabilidade na *formação da consciência de mundo* das crianças e dos jovens”. Assim, para Lajolo e Zilberman (2017, p. 22-26), “a expressão literatura [originária do latim (*littera* = letra)] encampou o que, até então, era denominado poesia, favorecendo a prática da leitura silenciosa em detrimento do som e da voz”, mencionando que “talvez se possa afirmar que a literatura nasceu quando começou a era do livro. Antes dele, havia a poesia, o gesto, a imagem, o som, que se produziam e eram transmitidos por meio da voz, do corpo, do olhar e da audição”, sendo que o livro nessa perspectiva colaborou para a promoção da literatura.

O próximo capítulo discorrerá sobre a literatura infantil.

### 3 LITERATURA INFANTIL E PRÁTICAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA: OS CONTOS NO CONTEXTO ESCOLAR

A literatura infantil é um percurso que leva a criança a aperfeiçoar sua imaginação, criatividade, raciocínio lógico, seus sentimentos, desenvolvimento cognitivo e a linguagem de forma gostosa. É muito importante as crianças ouvirem histórias e terem contato com os livros de literatura desde cedo, pois isso possibilita que as crianças se reconheçam como parte da história e vivenciem os problemas reais da sociedade de forma lúdica. Neste capítulo, vamos abordar sobre a literatura infantil, sobre a contação de histórias e sobre os contos no contexto escolar.

#### 3.1 Compreendendo a literatura infantil

Coelho (2000, p. 27) fala que é difícil definir exatamente a palavra literatura, uma vez que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...

A literatura vai se transformando a cada época, conforme muda a sociedade, muda a literatura, entretanto, não muda a sua essência que é auxiliar na construção do ser humano.

Segundo Faria (2013, p. 23), na Europa, Charles Perrault, no final do século XVII, e os irmãos Grimm, no começo do século XIX, foram em busca de contos orais populares nos seus países e logo após foram registrando os contos recolhidos através da escrita, levando em consideração suas concepções e estilos. Esses estudos para recolher os contos populares se perduram até então, com investigadores que andam por todas as extensões do continente grafando essa literatura popular. Dessa forma, a literatura infantil tem início nos contos populares.

Conforme assinala Cademartori (1986, p. 19), a literatura infantil, como o nome designa, é a literatura para crianças, se “manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo”, a literatura faz parte da cultura da humanidade. A literatura infantil auxilia as crianças na construção da sua personalidade, dando vida ao universo mágico e encantador, despertando a criatividade e o desenvolvimento social da criança. Porém, conforme Coelho (2000, p. 40-46)

menciona, as histórias infantis no passado eram destinadas aos adultos, com as modificações sociais foram se transformando em literatura para as crianças, começando a serem escritas no século XVII como tal literatura infantil. Nesse sentido, a literatura popular foi se modificando em literatura infantil, porém, tanto na literatura quanto na literatura infantil prevalecia a perspectiva moralista, com o intuito de “passar determinados *valores* ou *padrões* a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento”. Percebe-se que o intuito era moldar os cidadãos de acordo com os valores da sociedade da época.

Segundo Cademartori (1986, p. 36), “a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Com o passar do tempo, essa visão foi modificando, passando a serem vistas como crianças que tinham necessidades e desenvolvimentos diferentes dos adultos, conseqüentemente as preocupações com as distinções para a educação das crianças também.

Em conformidade, Cademartori (1986, p. 33) salienta que Charles Perrault foi responsável por criar vários clássicos infantis e é considerado como o iniciador da literatura infantil. Coelho (1987, p. 68) acrescenta que a princípio as literaturas escritas por Charles Perrault não eram para crianças. Contudo, a partir de sua publicação dos oito *Contos de Mãe Gansa* que nascia a literatura infantil, que nos tempos atuais são chamadas de Literatura Clássica. Os contos eram: A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Assim, Cademartori (1986, p. 33) menciona que, posteriormente, no século XIV, surgem os escritores Andersen (O patinho Feio, Os trajes do imperador), os irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), Collodi (Pinóquio), Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas), Frank Baum (O mágico de Oz) e James Barrie (Peter Pan). Estes escritores também recolhiam contos populares e “constituíram padrões de literatura infantil”, e suas obras fazem sucesso até hoje. Conseqüentemente, surgiram mais e mais escritores que com as suas narrativas encantam as crianças e promovem o gosto pela leitura.

Nessa perspectiva, Coelho (2000, p. 30), em seu livro intitulado “Literatura infantil, teoria e análise”, menciona que até pouco tempo a literatura infantil foi vista como um gênero secundário, até pelo adulto, como algo “(nivelada ao brincar) ou útil (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta). O caminho para a redescoberta da literatura infantil, no século XX, foi aberto pela psicologia experimental”, sendo a inteligência o desenvolvimento que cada pessoa constrói dentro de si, alertando para os “diferentes *estágios de seu desenvolvimento*”, sendo muito importante para a formação da sua personalidade. “Cada *estágio* corresponde a uma *certa fase de idade*”, a idade pode variar de

acordo com cada criança e o meio no qual ela está inserida. Desse modo, a partir dessas descobertas acerca dos conhecimentos do ser humano, a concepção de “criança” muda, sendo necessário a “literatura infantil/juvenil adequar-se ou conseguir falar, com autenticidade, aos seus possíveis destinatários”. Assim, a valorização da literatura infantil é conquista recente (COLEHO, 2000, p. 30). Como ratifica Zilberman (2005, p. 11), “os primeiros livros brasileiros escritos para crianças apareceram ao final do século XIX”, posto que estamos no século XXI a literatura infantil contabiliza mais de 200 anos, e desde a sua criação tem conquistado muito leitores, escritores, tocado e encantado muitas pessoas.

No Brasil, de acordo com Cademartori (1986, p. 41-46), a literatura infantil brasileira tem início com Monteiro Lobato com a obra do criador do “Sítio do Picapau Amarelo”; a história que se passava em um ambiente rural atuava “como agente formador e modificador da percepção do público”. Seu primeiro livro foi “A Menina do Narizinho Arrebitado”, voltado para o público infantil. Monteiro Lobato instiga o leitor a ver a realidade por meio de “conceitos próprios”, vinculando sempre a vida cultural brasileira, “cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios”. Monteiro Lobato, nas suas obras de literatura infantil, ganha maior amplitude devido ao rompimento com os padrões característicos do gênero, seus livros infantis constroem um mundo que não se constituiu como reflexo do real, mas, superando os preconceitos da situação histórica. Cademartori (1986, p. 45) assevera que Monteiro Lobato tinha certeza da importância da literatura no processo social do indivíduo, percebendo que o livro é uma ponte para transformar a percepção do indivíduo e, desse modo, o leitor ganha um lugar de prestígio em seu mundo ficcional.

Soares (2011, p. 3) diz que a literatura infantil sempre esteve imbricada com o caráter educativo, formadora do intelecto e da moral de crianças e jovens. Soares reitera que o livro que Monteiro Lobato escreveu (A Menina do Nariz Arrebitado) foi com o intuito de ser um livro adotado pelas escolas, sua edição foi aprovada e vendida pelo governo de São Paulo na época. Pode-se observar que a expansão da literatura infantil/juvenil no Brasil acompanha o compasso da expansão da educação escolar (SOARES, 2011, p. 3).

Para Faria (2013, p. 25), as histórias moralizantes tradicionais eram muito comuns nos livros didáticos adotados pela escola e possuíam a seguinte estrutura:

- a) Equilíbrio: reproduz a ordem adulta da sociedade, com normas rígidas de comportamento.
- b) Problema: dá-se com o rompimento dessas normas.

- c) Desenvolvimento: o sujeito sofre as consequências do rompimento das normas (doença, privações, medo, etc.).
- d) Desenlace: o equilíbrio é restabelecido (o sujeito se arrepende e aceita a norma ou é castigado).

Percebe-se que nos dias atuais a literatura infantil é bem vasta e importante, permite ao leitor ampliar seus conhecimentos e envolve variados tipos de contos, desde os tradicionais até os modernos. Os textos literários tradicionais são moralistas, enquanto os textos literários modernos se preocupam em narrar fatos do dia a dia das crianças. O importante não é o gênero literário, mas que a literatura infantil forneça para as crianças um mundo de descobertas e aprendizagens.

E para que ocorra uma formação adequada do leitor com as leituras literárias é preciso levar em conta algumas considerações, como adequar os textos de acordo com as diferentes etapas do desenvolvimento cognitivo e psicológico infantil e juvenil. Essas etapas podem ser divididas do seguinte modo: o pré-leitor que envolve duas fases que são primeira infância e segunda infância, leitor iniciante, leitor-em-processo, leitor fluente e leitor crítico (COELHO, 2000, p. 32-40).

O pré-leitor é uma categoria que envolve duas fases: a primeira infância e a segunda infância. Na primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) a criança começa a identificar a realidade que a cerca através do contato afetivo e pelo tato. É a fase em que a criança utiliza muito a sua mão para poder pegar tudo que ela encontra na sua frente, é o momento em que a criança desenvolve a linguagem e nomeia os objetos à sua volta. A intervenção de um adulto é muito importante para estimular a leitura da criança, dispendo para ela imagens de animais, bichinhos de pelúcia, chocalho, objetos sensoriais para que eles sintam suas texturas, assim as crianças começam a conhecer o espaço global ao seu redor de diferentes formas, mas esses estímulos precisam agradar ao tato, despertar o desejo das crianças para manipulá-los. A segunda infância (a partir dos 2/3 anos) é fase em que começa o egocentrismo, maior adaptação ao meio em que vive e maior desenvolvimento pela comunicação verbal. É também importante a atuação do adulto para direcionar as brincadeiras e atividades com o livro de maneira lúdica, as crianças começam a conhecer o mundo e a linguagem de forma mais intensa, qualquer ação que acontece ao redor da criança é observada por ela e muito significativa. Os livros precisam ter muitas gravuras, ou pequenos textos, desenhos, pinturas, e livros que possuam humor e que sejam divertidos são ótimos para despertar o interesse e conquistar o pré-leitor (COELHO, 2000, p. 33-34).

Na fase do leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos), fase da alfabetização, da aprendizagem da leitura, a criança já identifica sílabas simples e complexas. Nessa fase é essencial a mediação de um adulto, pai, mãe ou professores que auxiliem a criança a descobrir o mundo maravilhoso contido no livro, que estimulem a decodificar os signos linguísticos que lhe abrem portas para o mundo da escrita. Por isso, um dos melhores incentivos é elogiar as crianças, pois faz com que elas acreditem em si mesmas e que são capazes de se desenvolverem cada vez mais. Os livros adequados a essa fase são com muitas imagens, narrativas em que apresentam começo, meio e fim, os personagens da história podem ser reais ou simbólicos, sendo importante que o texto contenha palavras de sílabas simples, os argumentos devem instigar o imaginário, a afetividade, a empatia e inteligência. As histórias que têm humor, comicidade e astúcia contribuem muito para atrair o leitor dessa fase (COELHO, 2000, p. 35-36).

Ao leitor em processo (a partir dos 8/9 anos), fase em que a criança já domina a leitura e desse modo lê com facilidade, seu pensamento lógico está organizado de forma concreta, permitindo que chegue a uma conclusão para resolver os problemas, pois é curioso para descobrir tudo, gosta de um desafio e de questionamentos. Os livros adequados para essa fase são livros em que as imagens estão ligadas com o texto, e esses textos devem ser escritos com frases simples e direta. O humor, a graça e a sátira atraem o leitor dessa fase (COELHO, 2000, p. 36-37).

O leitor fluente (a partir de 10/11 anos) está na fase da consolidação dos mecanismos de leitura e do mundo expresso no livro. Sua concentração aumenta, o que faz com que o leitor engaje mais nas histórias e conseqüentemente amplie seu conhecimento e sua compreensão de mundo, sendo correto afirmar que há um grande aumento nas leituras literárias que atraem o leitor dessa fase. Portanto, a presença do adulto já não é essencial, e o uso das imagens nos textos já não é necessário igual nas outras fases, apenas algumas imagens já é o suficiente para entreter o leitor, posto que o texto possui valor individual (COELHO, 2000, p. 38).

O leitor crítico (a partir de 12/13 anos), fase em que a criança já possui total domínio da leitura e da escrita, tem a capacidade de desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo mais intenso sobre as realidades do mundo. A interação do leitor com as obras literárias deve passar da mera fruição e fazê-lo aprofundar nas obras literárias, visto que as obras literárias despertam no leitor um mundo de possibilidades. Nessa fase completa os propósitos de leitura, que têm por objetivo a formação de leitores críticos e proficientes, capazes de interagir com os textos presentes na contemporaneidade em que vivemos, posto que, nessa fase, o leitor já desenvolveu uma capacidade muito importante que é a de se posicionar diante dos textos e resolver os problemas advindos do dia a dia (COELHO, 2000, p. 39-40).

Conforme pode-se observar, as crianças passam por fases até consolidarem as competências de leitura, por isso é necessário que os adultos estimulem as crianças para que elas se desenvolvam de forma concreta e ampla. E para o desenvolvimento de cada fase é importante utilizar os livros de literatura adequados e específicos para cada fase, colaborando de maneira significativa para a formação desses leitores.

Assim, mediante as contribuições, pode-se salientar a importância de incentivar o contato com a leitura literária, e continuar o incentivo ao longo do crescimento das crianças para que possam ser leitores fluentes na leitura literária, contribuindo, assim, para enriquecer a sua experiência de vida e promover um pensamento crítico acerca de questões éticas e sociais presentes na sociedade.

### **3.2 Escolarização da literatura infantil**

Muitos professores se deparam com a dificuldade de trabalhar textos literários na escola com os alunos, devido à carga horária limitada para estudar profundamente as obras, dificuldade em ofertar livros que contribuam para a formação de leitores literários e devido à falta de leitura por parte dos alunos. O ensino da literatura é feito de forma tradicional nas escolas, com aulas expositivas restritas às obras do livro didático. Com isso, a escola ao invés de despertar a curiosidade, a paixão dos alunos pela arte da literatura, acaba se afastando, por isso é necessário refletir sobre a escolarização da leitura literária na escola.

De acordo com Soares (2011, p. 4), não tem como ter escola sem escolarizar, pois a escola está intrínseca aos saberes escolares. Porém, é preciso descobrir como fazer de maneira certa a escolarização da literatura, sem distorcer, sem falsificar, sem desfigurar, fazendo que seja prazeroso e sedutor. Soares (2011, p. 5) pontua que:

Portanto, não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, *em tese*, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola.

A autora supracitada diz em “tese” que na realidade essa escolarização da literatura acaba adquirindo sentido negativo, pela forma como ela vem sendo trabalhada na escola. Isso é, o que pode negar não é a escolarização da literatura, mas a maneira errada e inadequada como ela é realizada no cotidiano escolar. A escolarização feita de maneira errada não ocorre só com a literatura, ela pode ocorrer com outros conhecimentos também quando são transformados em



conhecimentos escolares. Desse modo, faz-se necessário repensar como fazer a escolarização da literatura para que ela não perca o seu verdadeiro sentido, como deve ser trabalhado o texto literário, como deve ser incentivada a leitura de livros para que desperte o gosto dos alunos para os textos literários, para permitir aos alunos a escolarização adequada (SOARES, 2011, p. 6). Assim, para Zilberman (2012, p. 17),

Tal decisão por uma mudança de rumos implica algumas opções por parte do professor, delimitadas estas, de um lado, pela escolha do texto e, de outro, pela adequação deste último ao leitor. Dessa maneira, as fronteiras se estendem da valorização da obra literária à relevância dada ao procedimento da leitura.

O professor é responsável pela seleção dos textos que serão trabalhados com os alunos, e faz-se necessário que ele adeque o texto à realidade dos alunos, e não use apenas para fins gramaticais, ou normas de obediência, as obras literárias requerem um leitor ativo, levando-o a refletir sobre suas necessidades e as demais.

Em relação à escolarização da literatura, Soares (2011, p. 6-10) considera que há três instâncias: a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura; e a leitura e o estudo de textos. Na *biblioteca* realiza a escolarização da literatura infantil e a literatura em geral, através de um espaço que é visto como um local onde está o acesso à literatura, que constrói uma relação do aluno com o livro, da organização do lugar, do tempo e do acesso aos livros de literatura, quanto tempo e qual lugar pode ler no espaço da biblioteca, quando pode ir na biblioteca buscar um livro, são utilizados alguns rituais de leituras como, por exemplo, leitura em voz baixa, em grupo, cuidado ao passar as folhas do livro, a seleção dos livros e em que posição se deve ler. Na *leitura e estudos de livros de literatura* quase sempre a leitura é escolhida pelos professores, tornando-se uma tarefa ou dever escolar, o que faz com que a leitura nunca seja o “ler para ler”, o ler para lazer, que se faz fora do ambiente escolar. A leitura é feita sempre com intuito avaliativo, os alunos sempre têm que demonstrar, comprovar, visto que é essência da escola avaliar os alunos. Porém, fora do ambiente escolar nunca é preciso demonstrar, comprar as leituras que foram realizadas. Quando a escola se apropria da literatura ela é inevitavelmente escolarizada. A última instância *a leitura e estudos de textos* escolariza através de fragmentos de textos, que devem ser lidos, compreendidos e interpretados, “certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa” e é também nessa instância que ela é realizada de maneira errônea.

Soares (2011, p. 9) considera várias as formas inadequadas da escolarização da literatura infantil. Os aspectos primordiais da leitura e de textos na escola são: os *gêneros literários nos*

*livros didáticos*, os textos narrativos são desestruturados nos livros didáticos, a descaracterização da poesia, ou se ensina apenas os aspectos formais como estrofe, rima, ou a poesia é usada para finalidades de ortografias ou gramática. Quanto à *seleção de autores e obras*, neste aspecto são usados os mesmos autores e as mesmas obras nas coleções didáticas, ficando restritas aos mesmos autores e às mesmas obras oferecidas às crianças, visto que a literatura infantil brasileira é tão rica e vasta, o que resulta na escolarização da literatura errada, formando o pensamento de que o conceito de literatura são só aqueles autores e aqueles textos. O que seria certo é a compreensão do texto literário e o prazer pela leitura literária. Há falta de critérios para a seleção de autores e de textos, o que acaba acontecendo é que os próprios autores dos livros colocam seus textos nos livros didáticos. Ocasionalmente a ausência de referências bibliográficas, e conhecimentos sobre o autor do texto, o texto torna-se independente da obra, podendo ver mais uma vez a escolarização feita de maneira distorcida, pois a escolarização certa potencializaria no aluno a concepção de autoria, de obra. Em relação à *seleção do fragmento que constituirá o texto*, os textos para leitura são fragmentos em textos maiores, para que possam ser estudados no tempo limitado imposto pela escola e pelos currículos escolares. Todavia, ao escolher um fragmento de texto, este tem que se constituir como um texto. Porém, não tem como um fragmento de texto ser um texto, pois não são significativos nem coerentes, falta textualidade, e isso ocorre com frequência nos livros didáticos com os textos narrativos, fragmentados em pseudotextos, que apresentam somente o início das histórias e a complicação que desencadeará os acontecimentos. Os textos nem permitem que os leitores possam ter estratégias para compensarem essas fragmentações da narrativa. Soares (2011, p. 21) acrescenta dizendo que:

Em síntese, e concluindo este item sobre a fragmentação da narrativa em “textos” propostos à leitura em livros didáticos, pode-se afirmar que a escolarização — *inevitável*, repita-se o adjetivo — da literatura infantil faz-se frequentemente de forma inadequada e, mais que isso, prejudicial mesmo, pois abala o conceito que a criança tem, intuitivamente, da estrutura da narrativa, dá-lhe uma ideia errônea do que é um texto e pode induzi-la a produzir ela mesma pseudotextos, já que estes é que lhe são apresentados como modelo.

Essas fragmentações de textos fazem com que os alunos criem uma visão de que as estruturas de uma narrativa são feitas pelos ciclos de uma apresentação inicial e uma exposição dos fatos que desencadeará os acontecimentos da história. Isso é muito prejudicial, pois muitas crianças apenas terão contato com esses textos na escola, e se os livros didáticos fazem essa escolarização distorcida os alunos tendem a reproduzir esses textos.

A escolarização da literatura pela transferência do texto de seu suporte literário para a página do livro didático faz com que o texto acabe sofrendo mudanças, já que passa de um lugar para o outro. Se não podem ser evitadas essas mudanças, é necessário respeitar as características fundamentais da obra literária, que não sejam modificados os aspectos que afetam a literalidade do texto, como alterações de parágrafos, de estruturas linguísticas, de título, troca de palavras, alteração do contexto do texto, isso é, modificam-se as páginas e suas ligações com a ilustração é uma forma mais grave ainda, é a alteração do gênero do texto. Entretanto, é preciso admitir que não tem como não alterar o texto ao transferi-lo do seu suporte, nesse caso do livro de literatura infantil para o suporte escolar. Mas é preciso respeitar a essência característica do texto, se é indispensável escolarizar a literatura que esta respeite os critérios que preservem o literário, que promovam à criança a experiência do literário e não distorções (SOARES, 2011, p. 22-28).

Nos livros didáticos, os objetivos de leitura dos textos se baseiam sempre em atividades de “estudo do texto”, mais uma das exigências do desenvolvimento da escolarização da leitura, com intuito de que “a escola deve conduzir o aluno à análise do texto e à explicitação de sua compreensão e interpretação”. Porém, os exercícios que geralmente são propostos aos alunos sobre os textos de literatura infantil não contemplam o que é primordial neles, como sua literalidade e o uso estético das palavras no texto. O trabalho com os textos literários na escola tem foco nos conteúdos, nas informações que o texto possui, não para contemplar o texto literário, e ao transpor o livro de literatura infantil para o livro didático, ele deixa de ser um texto para emocionar, para lazer, para prazer, e torna-se um texto apenas para ser estudado (SOARES, 2011, p. 28).

As perguntas que podem ser feitas depois da leitura dos textos para os alunos são aquelas perguntas que fazem os alunos pensar, analisar, debater, são perguntas e atividades que colaboram para a formação de um bom leitor de literatura. Não é o que se vê nos livros didáticos, nos quais as atividades são exercícios de preenchimento de ficha literária, localizar informações no texto que já são pré-definidas pelos professores, fazer cópia do texto no caderno, preencher atividades com palavras do texto nas lacunas, identificar título, nome do autor, do ilustrador e do livro. São várias as atividades que os alunos precisam fazer mera localização das informações no texto que são adequados para textos não literários, não para a leitura de textos literários (SOARES, 2011, p. 29-32).

Desse modo, requer tanto da instituição escolar quanto dos professores um pensamento mais crítico de como os textos literários e de como a literatura infantil vêm sendo ensinados e trabalhados na escola com os alunos, qual a formação dos alunos que eles estão propondo com

atividades sistematizadas que não levam os alunos a pensarem sobre a leitura que fazem, que não passam de mera decodificação das informações ali presentes. Se a instituição escolar e os professores querem formar alunos críticos, que saibam discutir sobre qualquer tema, formando alunos informados sobre os acontecimentos do mundo, necessitando repensar a maneira como a escolarização da literatura infantil vem sendo realizada.

### **3.3 Contar histórias**

Contar, ler e ouvir histórias são práticas que estão presentes na sociedade há muito tempo. Pais e avós, geralmente, contam histórias para os filhos e netos; histórias de suspense, de terror, lendas folclóricas, inspiradas em contos de fadas, de ficção, histórias inventadas e que ficam presentes na memória do indivíduo. Para Bussatto (2005, p. 13), a arte de contar histórias é muito importante, e o contador utiliza da narração oral para organizar os conflitos, perpetuar os mitos da sua cultura e o pensamento do seu povo. Assim, “o contador narra para se sentir vivo, para transformar sua história pessoal numa epopeia, uma narrativa essencial”.

Contar e ouvir histórias são práticas que estão presentes desde as antigas sociedades agrárias, suas narrativas se alongam através de um tempo o qual não podemos contabilizar. Existem inúmeros contos, mas seu início é indeterminado, “alguém, num tempo remoto, os teria imaginado e os perpetuados através da oralidade”. Apesar de não ter como provar certamente, existem diversos trabalhos que buscam descobrir a origem dos contos de literatura oral, e conforme foram estudando e se aprofundando descobriram que os caminhos indicam para o Oriente, “oriente berço das mil e uma noites e tantas histórias” (BUSATTO, 2003, p. 21). Busatto ainda esclarece que os contos nasceram de uma demanda intrínseca ao ser humano em esclarecer o seu princípio e o princípio das coisas que o cercam, atribuindo significados à sua vivência. Busatto (2003, p. 22) acrescenta que:

Fossem os contos um sistema de crenças, ou uma maneira encontrada para explicar a existência dos elementos da natureza e seus cataclismas, ou um conjunto de ensinamentos, isto constituiu o que hoje conhecemos como literatura oral, e que foi se transformando à medida que foi sendo narrada.

Essas mudanças se deram devido aos acréscimos de conhecimentos de cada povo, de acordo com a época e seus valores. A exclusão de detalhes que para aquele contador não eram significativos, fez que cada contador de histórias visse o conto sob uma ótica, o que faz incluir

aspectos pessoais na sua narrativa adaptando de acordo com os anseios de seus ouvintes (BUSATTO, 2003, p. 22).

Para os povos orientais, o conto oral era mais que um estilo literário, eles sabiam que os contos continham a tradição e as ideias de um povo, podendo mudar a conduta dos indivíduos, resgatar princípios e até sanar doenças. Os orientais “acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio era ouvir um conto e meditar sobre ele”, e neste caso o conto atua como um restaurador da instabilidade emocional que ocasionou o transtorno físico. Então, para esses povos, o conto tinha um caráter curador, terapêutico, cativa curando (BUSATTO, 2003, p. 17).

(...) acrescentando que o conto de tradição oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior. Ao narrar um conto concede ao ouvinte a possibilidade de criar o seu cenário, a sua música e as suas cores. (BUSATTO, 2003, p. 17).

Um conto nunca vai ter o mesmo significado nos vários indivíduos que o ouvem. É o conhecimento de mundo que cada um possui que vai determinar como será o cenário, a música, as cores e como ele irá ressoar. Cada indivíduo tem a sua vivência e com isso irá imaginar e construir a história de uma forma única, logo o conto permite essa possibilidade de provocar em cada indivíduo um efeito (BUSATTO, 2003, p. 18).

Para Grossi (2014, sp), a arte de contar histórias pode ser realizada por qualquer indivíduo que goste de narrativas e que disponha a desenvolvê-la. Uma tradição que vem desde muito tempo, as narrativas orais vão passando de geração em geração. O contador de histórias tem um papel muito importante, pois é ele quem cria as cenas para despertar a imaginação dos ouvintes, despertar as emoções por meio do olhar, movimentos corporais, ritmos, silêncios. Esses componentes criam uma ponte com os ouvintes trazendo-os para dentro das histórias.

Por isso, Abramovich (1997, p. 16) menciona como é necessário para o desenvolvimento de qualquer criança ouvir inúmeras histórias, pois “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”. Nesse viés, Sisto (2012, p. 32) fala que “é exatamente do fascínio de ler que nasce o fascínio de contar. E contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário”, pois na sociedade em que vivemos, uma sociedade cada vez mais tecnológica na qual as imagens ganham destaque, as histórias são reproduzidas em vídeos, filmes, animações, o que muitas vezes atrapalha o exercício da imaginação de criar, pois o espaço que sobra para as pessoas agirem no produto é muito pequeno.

Em conformidade com Sisto (2012, p. 24), uma parte importante na contação de histórias é ter a liberdade de ser o coautor, é poder criar, imaginar as roupas, os cenários, as paisagens, o enredo, a fisionomia dos personagens, as cores, tudo que foi apenas proposto pelo narrador. E mesmo com o passar do tempo ainda ficarão na memória as partes que mais marcaram da história, propiciando a vontade de folhear os livros novamente para poder reviver aqueles momentos que fizeram os olhos reluzirem. Assim, não tem um lugar único para ouvir histórias, vai depender de quem conta. A sala de aula pode se transformar em um espaço do castelo, pode ser no pátio transformado em um jardim encantado, pode ser embaixo de uma árvore transformada em uma torre alta, pode ser na praça, na rua, na biblioteca, no quarto, desfrutando de cada lugar para dar asas à imaginação e enriquecendo as narrativas. Para ser um excelente contador de contos é preciso “ler muito, os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida que vai em cada coisa”, não ter pressa para contar as histórias, “tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer”. Sisto (2012, p. 24) acrescenta que contar uma história é diferente de ler, que também é diferente de explicar uma história.

Devemos deixar claro aqui que contar história é diferente de ler uma história, e na escola há lugar para as duas práticas. Como bem coloca Grossi, na contação de histórias “o contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público”. O contador tem a liberdade de alterar as palavras do texto, usar a informalidade da língua para chamar a atenção do seu público. “Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor”, e nessa prática o leitor faz a narração do texto da forma como o autor escreveu, sem fazer adaptações no texto (GROSSI, 2014, sp).

Em relação à contação de histórias, Sisto (2012, p. 57) menciona que é estranho em um país como o Brasil as pessoas ainda não saberem o que fazem os contadores de histórias. Podemos observar que, no Brasil, os índios e os negros contribuíram muito para a cultura, os índios tinham o costume de reunir em um círculo ritual para compartilharem suas experiências, suas crenças, suas experiências do dia a dia, partilhando em forma de narrativas. Os índios e os negros contavam suas histórias para as pessoas e não liam em livros, “portanto, o contador de histórias é aquele que conta histórias! Confusão comum é pensar que o contador de histórias é aquele que lê uma história diante de uma plateia!”. A história sempre se fez presente “como defesa de suas raízes, era uma maneira de não se entregar. A história, como elemento lúdico, por exemplo, era um artifício das escravas, das amas de leite, para tranquilizarem as crianças deixadas sob sua guarda”. Assim, as histórias

Tem que preencher em nós alguma coisa que provavelmente nos falta. É como se o contador nascesse a cada história que ele conta. Contar histórias não é nunca uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo. E nossas escolhas os revelam. (SISTO, 2012, p. 39).

A cada história o contador se redescobre, o ato de contar histórias proporciona conhecimentos de si mesmo e do mundo para quem conta e para quem ouve, resgata as memórias afetivas, abre portas para novas descobertas, para o mundo imaginário. Desse modo, Sisto (2012, p. 41) diz que cada contador vai contar de um jeito a mesma história, “porque o texto literário é essa ação de forças entre o dito e o não-dito, que oferece, em suas brechas, maneiras “infinitas” de leituras”.

Como bem coloca Sisto (2012, p. 73), “mais do que agregar, o contador de histórias tornou-se obrigatório na promoção da leitura e no resgate do lúdico e da fantasia!”. Com o passar do tempo, ao invés de terem desaparecidos, os contadores de histórias aumentaram, nascendo vários grupos, o que é um diferencial, pois na maioria das vezes eram individuais. Assim, instituições e faculdades têm promovido a formação de contadores de histórias a fim de não perder essa tradição e de modificações na cidadania. A atividade que antes parecia destinada aos docentes, às pessoas que trabalham na biblioteca, conquistou diversas pessoas (SISTO, 2012, p. 73).

### **3.4 Contar histórias no ambiente escolar**

Em seu primeiro e inesquecível contato com a sala de aula, Coelho (1986, p. 7-8) aprendeu sua primeira lição do magistério: “ouvir histórias e cantar são coisas de que as crianças gostam muito”. A contação de histórias é uma prática pedagógica que auxilia na prática da oralidade, na autonomia, exercita a fantasia e tem o poder de encantar a todos.

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se conheça a importância da história para elas. (COELHO, 1986, p. 9).

Coelho (1986, p. 9) fala que no começo da sua docência ela contava histórias apenas pelo prazer de contar, para ver a felicidade das crianças, e as crianças a ensinaram muitas coisas a seu respeito, no lugar de ouvintes. As crianças fizeram dela uma grande contadora de histórias e, então, ela passou a observar e a refletir sobre as reações das crianças quando ela contava

histórias. Seu público era variado, desde crianças com nível socioeconômico alto, a nível socioeconômico baixo, deficientes físicos e mentais, contava no shopping, na sala de aula, na biblioteca, orfanatos. E em todas essas crianças ela pode perceber o encantamento, o brilho nos olhos, a felicidade, as quais sempre pediam “conte de novo”, “conte outra vez!”. Pode-se perceber que quando uma história é contada com sensibilidade, ela se torna uma experiência contagiante e de grandes trocas entre os participantes.

A contação de histórias é realizada em diversos lugares e estilos, no entanto, na escola ela ganha destaque maior, pelo fato de estimular o gosto dos alunos para as leituras literárias. Uma história é capaz de despertar nos ouvintes emoção e admiração pelo modo como é narrada. “Sabe-se que as crianças vivenciam na instituição escolar experiências significativas e duradouras. A contação de histórias é uma dessas experiências que contribuem para a permanência do gosto pela literatura para além da infância”, e diante disso é essencial contar muitas histórias para os alunos, histórias que podem ser lidas em um livro ou contadas da memória (GROSSI, 2014, sp). Mas, para contar histórias, é preciso que o narrador se atente para alguns requisitos básicos:

Algumas sugestões são importantes para quem deseja se aventurar pela arte de contar histórias: é recomendável uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando apreender o seu sentido mais profundo, ou seja, buscando compreender a sua essência; é interessante, também, que se faça uma divisão do conto em cenas ou partes principais, e que se identifique a estrutura da narrativa; por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam na sequência narrativa. (GROSSI, 2014, sp).

Qualquer professor pode ser um contador de histórias, mas para ele ser um contador é preciso que ele seja um bom leitor, que leia muitas histórias de diferentes tipos para os alunos. Dessa forma, com a leitura de diferentes histórias, o professor vai se apropriando das narrativas lidas e conseqüentemente começa a narrar aquelas que mais chamam a sua atenção. Cada contador possui habilidades diferentes e conta de uma forma, dando vida às histórias narradas (GROSSI, 2014, sp).

O importante não é o professor se tornar uma biblioteca ambulante, que decora várias histórias para depois contar, mas, sim, impactá-los para a importância da literatura oral (BUSATTO, 2003, p. 10).

E o professor pode explorar os contos na sala de aula fazendo com que os alunos reflitam sobre as histórias narradas, recuperando aspectos da sua cultura, sobre a sua origem, porque é contando e ouvindo histórias que resgatamos nossas memórias afetivas e identidade cultural.



Em conformidade, Busatto (2003, p. 37) diz que “o conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos”, o conto ajuda os alunos a resolverem dilemas da vida real, a conhecerem diversas culturas, contribui para eles expressarem seus desejos, sentimentos e preocupações.

Sobre o trabalho da literatura oral, Busatto (2003, p. 38) menciona que o que se tem visto na atualidade é que o conto de literatura oral tem sido trabalhado de maneira errônea. Nossas lendas, mitos só recebem visibilidade no mês do folclore, e são executados de maneira distorcida com “caráter folclórico”, pouco merecedor de créditos. Nesse mês, várias escolas e professores trabalham cansativas atividades com o objetivo de somente trabalhar aquela data comemorativa. E os acervos da literatura oral não têm o valor que merecem, não são respeitados pelo que são, como “um patrimônio de cultura e sabedoria, legado pelas tantas etnias responsáveis pela formação da raça brasileira”. Trazer para a sala de aula histórias de outros povos contribui para os alunos expandirem seus conhecimentos sobre a diversidade cultural presente no mundo, propicia novos olhares e novas perspectivas perante a realidade vivida.

O professor pode trabalhar através de um conto narrado muitos conteúdos, como por exemplo conteúdos de linguagem oral e escrita, conto e reconto, fazer novas leituras do mesmo conto e traduzi-lo por meio de vários dialetos, “como a história em quadrinhos, reportagem jornalística, texto teatral, poema”. No campo da arte é possível reformulá-lo por meio da linguagem visual, o professor pode pedir para os alunos fazerem um desenho, uma pintura, criar um desenho usando os aparatos digitais, uma videoanimação; por meio da linguagem corporal pode utilizar-se dos movimentos corporais para encenar, ensaiar coreografias de dança dos povos que são tratados nos contos, explorar as noções espaciais com os alunos; por meio da linguagem sonora pode musicalizá-lo a partir de sons produzidos pelo próprio corpo ou de outros objetos sonoros, pesquisar as músicas daquele povo, da região; e por meio da linguagem cênica pode fazer apresentações livres sobre o tema do conto, construir figurinos representando a época retratada na história, fazer uma apresentação de teatro. São muitas as possibilidades a serem exploradas (BUSATTO, 2003, p. 39).

Os contos podem ser um grande estimulante para ensinar Geografia, pois através dos contos você pode trabalhar a construção de mapas, onde está localizada aquela região que dá origem ao conto e suas características. Em História “podemos ir longe, pois a história nos leva à História”. Ao abrir espaço para o desenvolvimento do raciocínio lógico, o conto nos encaminha para a área da Matemática. Em Ciências Naturais também é possível trabalhar a

partir dos contos, “pois aqui pode-se pesquisar desde o ambiente onde este povo vive, até quem é esse povo, quais são seus hábitos, sejam eles alimentares, higiênicos, e como eles afetam este homem”. Sempre considerando a evolução da criança e a sua série é possível elaborar um projeto, onde as disciplinas estejam unidas e harmônicas. O conto que é narrado no início da semana pode ser o pressuposto para estas indagações e conhecimentos. “Com imaginação e boa vontade é possível desenvolver um trabalho lindo”, ao falar sobre uma temática tão encantadora o grupo mesmo tratará de criar propostas inovadoras para acrescentar e contribuir na pesquisa (BUSATTO, 2003, p. 39-40).

O professor pode incentivar os alunos a contarem histórias, posto que isso ajuda as crianças a interagirem umas com as outras, fortalecem a autonomia, a criatividade, aprendem a lidar com os sentimentos presentes nas histórias e conseqüentemente a enfrentarem os seus, aprimorando a linguagem verbal e desenvolvendo a empatia de se colocar no lugar do personagem.

Nota-se que a narrativa precisa de um espaço na sala de aula, sendo essencial incentivar as crianças para esse momento. Para o momento da contação de histórias, o professor poderá fazer pacto com as crianças ensinando-as a ouvir. Conversar com elas e fazer alguns combinados, como por exemplo na hora que começar a história ninguém pode sair da sala, na hora da história não é permitido interromper porque, assim como as outras apresentações ou manifestações artísticas, a narrativa também pede um público qualificado para acolhê-la. É um ótimo momento para treinar a audição dos alunos, pois a narrativa implica ouvir e quando as crianças treinam ouvir elas aprendem a forma como o narrador entona cada parte da história, o ritmo que o narrador conduz a história. E “nós educadores devemos estar cientes da urgência em realizar esta tarefa, ou seja, mostrar opções para a criança trilhar o seu caminho”, por isso a importância de oportunidades de que envolvam os alunos em aprendizagens educacionais significativas que os façam pensar, refletir e participar de forma ativa na sua formação (BUSATTO, 2003, p. 41).

A contação de histórias é um momento mágico, tem o poder de entreter as crianças exercitando sua fantasia, criatividade e imaginação. Por isso a importância de contar e ler muitas histórias durante a infância, pois, diante das narrativas, as crianças aprendem a lidar com os seus sentimentos baseados nos personagens das histórias. Em conformidade, Scheffer (2010, p. 20-21) ressalta que na contemporaneidade existe uma gama de recursos que auxiliam na contação de história como livros interativos que as crianças podem tocar nos personagens feitos de pelúcia, alguns você consegue até sentir a textura igual ao pelo do animal que está na história, vídeos, televisão, cinema, todos contribuem para tornarem a narrativa mais atraente. Mas a

forma como o narrador narra as histórias usando a sua criatividade e a forma com que as crianças usam sua imaginação caminham juntas na construção do enredo transitando entre o real e o imaginário, sendo ainda a forma mais envolvente.

Mas, para contar histórias, o narrador precisa adquirir algumas técnicas para fazer com que a narrativa faça sentido para os ouvintes. Busatto (2003, p. 48) apresenta em seu livro “Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa” algumas técnicas que ela usa para narrar os contos, e menciona que narrar com o coração é princípio básico para que essa atividade obtenha sucesso. E, para que isso aconteça, é preciso que ocorra uma identificação entre o narrador e o conto que será narrado. Antes de comover o ouvinte, o conto tem que comover o narrador, pois a forma como o narrador enxerga o conto será a forma como os outros a enxergarão. “Se considerarmos uma mera distração e entretenimento, será assim que ela irá soar; porém, se acreditarmos que ele pode ser uma pequena luz lançada sobre nosso caminho, ele será ouvido como tal”. Quando o narrador se identifica e cria laços de afetividade com o conto narrado, a história passa a ser contada com o coração, e o narrador conduz a narrativa de forma que atende às necessidades dos ouvintes criando ponte entre eles, e quando não há essa identificação o conto não passa de meras informações repassadas. Busatto (2003, p. 49) acrescenta que:

Por contar com o coração, quero dizer também que acredito numa educação onde está presente o afeto e não apenas o impulso profissional em repassar conhecimentos, visando a formação técnica do ser humano. Penso que educar relaciona-se com este estar com, implicando numa troca de experiências que tem como base o respeito mútuo e o reconhecimento dos afetos. Educar implica em amorosidade (...).

O ato de educar pressupõe afeto, pois esses vínculos criados entre o professor e aluno são as chaves do sucesso para aquisição de saberes; quando há afeto as crianças se sentem mais acolhidas, motivadas, visto que a interação entre professor e aluno passa a ser construída pelo companheiro, escuta e acolhimento, e não através de medo e imposições.

Na hora da contação de histórias, o contador não pode entregar nada pronto para os ouvintes, ele precisa deixar que eles mesmos criem a ideia do cenário, dos personagens e dos fatos da narrativa de acordo com as suas suposições.

Nada mais é entediante do que uma narrativa monótona, que abre brechas para o bocejo e para a desconcentração, que faz você viajar nos pensamentos que não são sugeridos pelas histórias. Isso dispersa a plateia. Essas atitudes podem ser claramente percebidas quando o narrador começa a gaguejar e a usar vícios de linguagens, e isso mostra que o narrador não

possui o domínio do texto. Todos esses fatores interferem no ritmo. Pode ocorrer uma confusão ao se falar sobre ritmo, pois colocar ritmo na narrativa não é sair lendo rapidamente a história e chegar ao final dela sem fôlego; colocar ritmo na narrativa implica em um vínculo entre essa velocidade mental, que é saber pensar rápido, e de saber se ajustar aos acontecimentos que forem apresentados pelo conto, é saber o momento que a narrativa precisa de um ritmo ágil e o momento que ela pede silêncio (BUSATTO, 2003, p. 66).

Busatto (2003, p. 66-67) aponta outro fato que faz o narrador romper com o ritmo, que é a autorização de comentário no decorrer da narrativa; é comum as crianças desejarem falar na hora da história, mas que cabe a nós educadamente desconsiderar naquele momento e deixar para responder aos questionamentos ao final da narrativa. “Devemos lembrar que a contação de histórias é uma atividade bem diferente da leitura de histórias que permite o diálogo, enquanto o professor mostra figuras, faz e aceita comentários”. Narrar sugere outra intenção, na qual o conto leva a um mundo imaginário, fabuloso, a um mundo não real, viajar por um universo extraordinário onde é permitido animais conversarem, pessoas terem poderes, carruagens serem mágicas, pessoas se transformarem em animais e com um beijo encantado voltarem à forma humana, um universo onde tudo é realizável. E permitir comentários no meio da narrativa faz ela perder todo o encantamento, faz perder o raciocínio do texto e torna difícil retomar a história com um comentário feito na hora errada.

Mediante as contribuições, pode-se observar o quanto a contação de histórias é importante, através dela podemos conhecer sobre os costumes e culturas de todo o mundo. E Busatto (2003, p. 85) fala como é valoroso resgatar a literatura oral, em buscarmos na memória aquelas histórias que nos contavam quando éramos pequenos. Pedir para os familiares, mãe, pai, avós ou tios, para contarem histórias que eles ouviam quando eram mais novos, é uma prática riquíssima, pois você está resgatando aquelas histórias que foram contadas há muito tempo e que são passadas de geração em geração, possibilitando que elas não sejam esquecidas e sim perpetuadas na memória de cada um; resgatar a literatura oral é também ir em sebos e bibliotecas, pois normalmente lá se encontram os livros em que têm as histórias menos modificadas e mais completas. Nos dias atuais, nas livrarias se encontram livros que as histórias são muito resumidas e trazem imagens que pouco contribuem para a construção do texto e para a imaginação.

Desse modo, Busatto (2003, p. 85-87) fala que “recuperar esta literatura é também fazer um trabalho com os alunos, sugerindo que eles saiam a campo para coletar histórias com seus avós, vizinhos, pessoas mais velhas, e em outras fontes onde este material possa ser colhido”. Esta é uma excelente estratégia para resgatar essas memórias, e o professor pode ser um grande

mediador para realizar essas atividades com os alunos; depois do momento de coletar as histórias, o professor pode propor aos alunos a confecção de um livro, e recriar a história por meio da linguagem visual realizando uma exposição com pinturas e desenhos ou até mesmo uma feira literária na qual os alunos podem apresentar as histórias coletadas para toda a escola. Assim, “recuperar o conto de literatura oral é também perpetuar a nossa cultura e a nossa história”, é deixar sempre acesa a chama do conhecimento.

O conto é um gênero caracterizado por ser uma narrativa literária curta que conta uma sequência de fatos, sendo reais ou fictícios, e ações de seus personagens em um espaço e tempo determinados. E, de acordo com Coelho (1986, p. 21-24), os elementos fundamentais de uma história são:

- Introdução: é o início da narrativa, quando são apresentados os personagens, o tempo e o espaço; situa o leitor dispondo de informações iniciais para o desenvolver da narrativa. Deve ser breve e dar informações fundamentais para o leitor, a introdução diz: quando, que geralmente é iniciado com “era uma vez”, “um dia”; onde: o lugar onde acontece e se passa a história; quem: quais são os personagens.
- Enredo: é a sucessão de acontecimentos; os conflitos e a ação dos personagens da história formam o enredo.
- Clímax: é o momento de maior inquietude da narrativa, quando o conflito está no ápice.
- Desfecho: situação final da história, quando todos os conflitos são resolvidos.

O professor, antes de escolher o texto que será narrado para os alunos, precisa levar em conta os estágios psicológicos dos alunos, pois, como afirma Coelho (1986, p. 14), “a história é alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral”. Nesse viés, a autora Coelho (1986, p 15) apresenta um quadro com sugestões de interesses para auxiliar na escolha dos textos de acordo com idade e o que contar às crianças, no qual divide os leitores em pré-escolares e escolares. Conforme Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Faixa etária e interesses.

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>INTERESSES</b>
Até 3 anos: fase pré-mágica	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados);</li> <li>● Histórias de criança.</li> </ul>
3 a 6 anos: fase mágica	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve, etc.);</li> <li>● Histórias de fadas.</li> </ul>
7 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Histórias de crianças, animais e encantamento;</li> <li>● Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade;</li> <li>● Histórias de fadas.</li> </ul>
8 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Histórias de fadas com enredo mais elaborado;</li> <li>● Histórias humorísticas.</li> </ul>
9 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Histórias de fadas;</li> <li>● Histórias vinculadas à realidade.</li> </ul>
10 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções;</li> <li>● Fábulas, mitos e lendas.</li> </ul>

Fonte: Coelho (1986, p. 15).

Pode-se observar que a escolha dos textos de acordo com as preferências por faixa etária a serem narrados é muito importante, pois tornam o ensino-aprendizagem mais efetivo e torna o momento da contação de histórias mais prazeroso.

Assim, segundo Sisto (2012, p. 25), o momento da escolha da história que será contada é essencial, visto que é indispensável levar em conta a qualidade literária do texto que será contado. Abrir espaços para o lúdico, atentar-se às falas dos personagens, “para a magia e a fantasia ou o real entremeando os diálogos fluidos e ricos”. Quem conta precisa criar um espaço para o ouvinte dialogar com o texto, e esses espaços podem ser uma pausa na história, ações, gestos, todos de forma autêntica sem que a narrativa se perca. O contador de histórias não pode ser jamais uma pessoa que conta de forma mecânica o texto que escolheu contar. “Como garantia de uma narração viva estão elementos, como originalidade, surpresa, conflitos instigantes, questionamentos nas entrelinhas, a agilidade da contação e a expressividade”; parte fundamental na hora da contação de histórias também é o olhar do narrador, o qual precisa olhar

para as pessoas para elas sentirem confiança, para trazê-las para dentro da narrativa; fingir que está olhando para elas ou olhar para um ponto específico onde não tem ninguém faz com que as pessoas percam a concentração, se afastem da contação (SISTO, 2012, p. 25-62).

As histórias permitem descobrir outros lugares, outros mundos, outras concepções, outras maneiras de agir, outras formas de pensar e ficar sabendo todas as disciplinas escolares sem precisar mencionar o nome e sem achar que tem cara de aula teórica, “(...) porque, se tiver, deixa ser literatura. Deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (...)”; a literatura na escola muitas vezes perde o seu sentido real dando espaço para complementar as aulas de Língua Portuguesa ou para estudos de gramáticas sem se preocupar com a compreensão de mundo que a literatura permite (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

O ato de contar histórias não pode ser um momento em que você coloca uma condição para contar, como, por exemplo, se as crianças pararem de conversar e ficarem quietas conto uma história. Para disciplinar os alunos tais atitudes não fazem sentido, pois a contação de história já é o inverso, tem o poder de entreter, de aquietar, educar, aprender novos conhecimentos (COELHO, 1986, p. 12).

As práticas de contação de histórias tem um papel importante na aprendizagem dos alunos, e o professor pode criar situações criativas para envolver os alunos nesse processo, incentivar diariamente a leitura de narrativas, colaborando para o desenvolvimento do vocabulário dos alunos, visto que eles aprendem com a repetição da ação pedagógica, e por isso ela deve ter sempre uma intencionalidade.

Algumas ações pedagógicas que colaboram para o incentivo à leitura e para o universo da narrativa são os projetos sacola viajante, mala viajante, hora da leitura e lá vem história, que têm como objetivo incentivar e despertar o gosto pelas leituras narrativas, pois os alunos entram em contato com variados livros, as crianças fazem o reconto da história do livro que levou para casa, o professor pode pedir para a criança trazer um objeto que tem a ver com a história e que possa auxiliar na hora da narrativa; essas atividades envolvem os alunos para um mundo mágico, possibilitando aprenderem sobre outras culturas, atendendo aos desejos da atual sociedade que é formar leitores assíduos, críticos e apaixonados pelo ato de ler e contar histórias. Por isso, é fundamental o corpo docente reconhecer a importância da literatura infantojuvenil para o desenvolvimento das crianças.

Assim, é por meio das narrativas que as crianças podem sentir emoções, como o medo, a raiva, a tristeza, a alegria, a tranquilidade, entre outros sentimentos que a narrativa provoca em quem as escuta, devido às sensações que cada uma delas faz nascer ou não, pois ler “(...) é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17). Desse

modo, o professor tem uma tarefa importante na hora de contar histórias, que é saber criar um enredo que envolva as crianças com os personagens, com o cenário, contar as histórias de uma forma lúdica, mudando a entonação da sua voz e propiciando, assim, nas crianças o encantamento pelas narrativas; as crianças que são leitores-ouvintes no momento da contação de histórias vão despertando ainda mais o gosto pela leitura.

O professor na sala de aula pode utilizar-se da contação de histórias para incentivar os alunos para o mundo da leitura, mas para contar uma boa história o professor precisa de alguns requisitos, como ter domínio do texto que vai contar, saber escolher bem a história, preparar-se antes de contar, saber usufruir dos gestos, sons, entonação e saber se expressar diante do texto escolhido, fazendo as pausas no momento certo e variando a intensidade da voz. Para contribuir ainda mais para o incentivo à leitura, é necessário o professor variar nos livros sugeridos para os alunos, assim ampliando o leque e o interesse.

Conforme Sisto (2012, p. 117), para o público infantil, o número de histórias a serem contadas não deve passar de quatro a cinco, atentando para não serem narrativas longas. E “o tempo ideal para duração de uma história para crianças não deve ultrapassar os 10 minutos, a não ser que a história seja muito boa, dinâmica (...)” e o contador consiga prender a atenção das crianças de tal modo que elas não se dispersem.

A próxima seção abordará sobre os contos de fadas.

### **3.5 O surgimento dos contos de fadas e suas características**

De acordo com Coelho (2000, p. 175), os contos de fadas teriam surgido entre os Celtas por volta do século II a.C.; “a essa herança Céltica é atribuído o fundo de maravilhoso, de estranha fantasia, imaginação e encantamento que caracteriza as novelas de cavalaria do ciclo bretão (...)”. Porém, “foi, pois, nas novelas de cavalaria que as fadas teriam surgido como personagens, representando forças psíquicas ou metafísicas”. Com o decorrer dos anos, ao se modificarem e expandirem, todas as pessoas e as crianças perderam o seu caráter mais profundo e só guardaram o seu poder maravilhoso, visto que seria difícil às culturas seguintes terem interpretado e passado essa antiga literatura com os mesmos valores que foi criada.

De acordo com Coelho (2000, p. 173), o conto de fadas “é de natureza espiritual/ética/existencial” e possui “heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano”, por isso “a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “*fatum*”, que significa destino”. Se há personagens que, apesar das épocas, dos acontecimentos e das transformações de hábitos,



seguem mantendo o seu poder de encantamento sobre crianças e homens, essas são as fadas. As fadas pertencem à área dos mitos e ocupam um espaço privilegiado, desempenhando a função de colocar em ação os desejos que são intrínsecos à condição do homem.

Bettelheim (2022, p. 11) compartilha do mesmo pensamento da autora Coelho (2000) e afirma que nada é tão “enriquecedor e satisfatório” tanto para crianças, como para adultos, do que os contos de fadas. Eles não ensinam sobre as vivências da vida moderna da sociedade de massa, os contos de fadas foram criados bastante tempo antes do seu aparecimento. Entretanto, os contos ensinam sobre os problemas interiores de cada indivíduo e acerca das soluções apropriadas para seus problemas, seja qual for a sociedade, mais do que qualquer outra história que seja compreensível por uma criança. “Como a criança está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-lo” (BETTELHEIM, 2002, p. 12). Por essa razão, as crianças precisam entrar em contato com os diversos contos de fadas a fim de enriquecerem ainda mais a sua vida interior e por conseguinte resolverem com êxito os conflitos presentes na sociedade.

Antes dos contos virarem filmes da Disney, vídeos no Youtube ou livros de histórias, eles tinham outra configuração, como fala a autora Tatar (2004, p. 10):

Os contos de fadas, outrora narrados por camponeses ao pé da lareira para afugentar o tédio dos afazeres domésticos, foram transplantados com grande sucesso para o quarto das crianças, onde florescem na forma de entretenimento e edificação. Esses contos, que passam a constituir um poderoso legado cultural transmitido de geração em geração, fornecem mais que prazeres amenos, enlevos encantadores e deleites divertidos.

Os contos, que na sua origem eram realizados como forma de entretenimento e de passar o tempo, hoje são vistos como riquíssimas histórias que ajudam no crescimento e desenvolvimento das crianças, mas o mais importante é que os contos de fadas ensinam que os conflitos e as dificuldades são inerentes à vida real, e que quando o personagem da história passa dessa fase, vem a parte vitoriosa em que tudo fica bem.

Vários estudiosos procuraram descobrir com precisão qual seria a origem das fadas, qual o lugar, quando e por que ela nasceu na imaginação dos homens. Entretanto, não conseguiram determinar com exatidão a sua origem. O fato é que o início desses seres fantásticos, cheio de poderes mágicos, perde-se nos tempos (COELHO, 2000, p. 174).

Nos primeiros registros, as fadas se apresentavam sob forma de mulher e intervinham na vida dos homens com poderes sobrenaturais, os quais o homem apenas com solução natural

não conseguiria resolver. Elas também poderiam se transformar em bruxas, a partir do segundo que elas tivessem atitudes negativas. As fadas são representações de bondade, pureza e beleza, enquanto as bruxas representam o lado malvado e destruidor. Pode-se perceber que essas características são levadas em contas pelos ilustradores dos contos quando vão desenhar as histórias, as fadas são sempre lindas e transitam leveza e as bruxas caracterizadas por personagens mais velhos, sem muita beleza e que transmitem medo (COELHO, 2000, p. 174).

Em conformidade com Coelho (1987, p. 112-113), os contos de fadas se diferenciam dos contos maravilhosos em primeiro lugar por possuírem a problemática central diferente. Os contos de fadas têm suas origens nos Celtas, são de natureza existencial, e buscam pela realização interior; alguns exemplos de contos de fadas são: A bela e a fera, Rapunzel e Bela Adormecida. Nestes contos pode ter a presença das fadas ou não, mas sempre com magias feéricas (príncipes, princesas, rainhas, reis, gigantes, entre outros); a problemática da história é a busca do herói pela realização social, e nessa busca o herói encontra muitos obstáculos e adversidades e consegue na maioria das vezes a ajuda de fadas para alcançar seu objetivo existencial. Há duelos entre o bem e mal, por meio dos quais as histórias nos mostram que o bem sempre vence o mal.

Já os contos maravilhosos têm suas origens no Oriente, são de natureza social e os personagens buscam a realização pessoal pela riqueza material. Alguns exemplos de contos maravilhosos são: Aladim e a lâmpada mágica, O Gato de Botas e O pescador e o gênio. Nestes contos, os personagens são os protagonistas (heróis) ou antagonistas (bruxas, monstros), a problemática da história gira em torno da ascensão social que parte da pobreza em busca de ascender socialmente, e no meio dessa busca acontecem aventuras e descobertas. Nos contos maravilhosos, as fadas não integram o universo maravilhoso, mas estão presentes outros elementos mágicos (duendes, objetos e animais falantes, etc.) (COELHO, 1987, p. 12-13).

Os contos de fadas também apresentam um acontecimento que precisa ser solucionado pelas heroínas ou pelos heróis. Na maior parte dos contos, os personagens comumente não possuem nome próprio. São somente apresentados como os reis, rainhas, princesas, príncipes, bruxa, fada madrinha, e assim sucessivamente. E os personagens que têm nome próprio normalmente são nomes comuns, passando a impressão de que os personagens podem ser qualquer criança. Por mais difícil que sejam os obstáculos que os personagens enfrentam na história, no término eles sempre conseguem vencer. Nos contos de fadas, geralmente, quando o personagem cumpre o seu papel na narrativa, ele desaparece (BUSATTO, 2003, p. 30).

Um das características dos contos é que eles usam fórmulas mágicas e são caracterizados por iniciar com a expressão “era uma vez”, “há muitos e muitos anos”, “certa

vez”. Tais expressões são palavras que remetem à ideia de abrir portas para o imaginário, criam no leitor e no ouvinte a sensação de encantamento, rompem com o mundo real e emergem na fantasia.

Considerados como clássicos, os contos de fada nem sempre tiveram as características que apresentam hoje. No passado, quando o conceito de infância ainda não se fazia presente nas sociedades, os contos eram histórias muitas vezes assustadoras, utilizadas como forma de passar o tempo para o entretenimento dos adultos da época. Os contos eram usados, também, para assustar as crianças e fazer com que elas não desobedecessem aos mais velhos.

Segundo Cademartori (1986, p. 33), as narrativas dos contos de fadas tinham objetivo de transmitir os valores da época. Na França no século XVII, Charles Perrault coletou contos e lendas da tradição oral que eram conhecidas como folclóricas; a princípio as histórias tinham muita violência e eram banhadas por sangue. Charles Perrault recolheu os contos e tinha como propósito acrescentar detalhes para agradar a burguesia da época; as histórias tinham o objetivo de passar valores moralizantes, o que não condizia com a camada que ele coletou os contos, mas com a educação burguesa vigente. Com o passar dos anos, Charles Perrault foi adaptando e tornando mais amenas as histórias, que constituíram-se nos contos de fadas. Os contos de fadas precisaram ser adaptados a fim de atenderem à nova concepção de infância que nascia na sociedade daquela época, e ao fomento da imaginação e crescimento intelectual das crianças.

De acordo com Busatto (2003, p. 23), na Alemanha, no século XIX, é realizada outra coleta dos contos populares feita pelos irmãos Grimm, ampliando a coleção dos contos de fadas. Os irmãos Grimm publicaram seu primeiro livro “Contos para crianças e para o lar”, que a princípio não eram destinados às crianças, mas ganharam o público infantil. Os irmãos Grimm editaram o que é chamada hoje de Literatura Clássica Infantil. Hans Cristian Andersen também se tornou famoso por escrever contos clássicos e, em consequência da sua contribuição para a literatura infantojuvenil, no dia 2 de abril se comemora o dia internacional do livro data essa em que se comemora todo o universo da literatura voltada para as crianças. Essa data foi escolhida para homenagear o dia do seu nascimento. No Brasil os contos de fadas se tornaram mais conhecidos a partir do final do século XIX, chamados como Contos da Carochinha.

### **3.6 Contos de fadas no contexto escolar**

Os contos de fadas que hoje conhecemos e contamos para as crianças não eram assim no passado, eles tiveram suas origens em uma cultura em que as histórias eram contadas apenas para os adultos. Antigamente, as pessoas não viam as crianças como indivíduos que precisam

de uma atenção especial, as crianças eram tidas como uma criança em tamanho menor e consequentemente não havia valorização delas. Diferentemente dos dias atuais, em que as crianças têm direitos e deveres e possuem um Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que assegura direitos essenciais para o desenvolvimento e crescimento de uma infância saudável.

Na contemporaneidade, as escritas sobre contos de fadas continuam e os autores abordam em seus textos obras que tratam valores, como bondade, solidariedade, honestidade, gentileza, medos, amores, entre outros, e esses contos auxiliam na construção de personalidades mais fortes, prontas para os desafios da vida. Segundo Coelho (2000, p. 95), os contos de fadas são retratados nas narrativas por uma realidade mágica:

É este o mundo dos contos de fadas ou dos contos maravilhosos em geral, povoados por personagens que representam, simbolicamente, valores e estruturas sociais arcaicas. Nesse mundo, convivem seres maravilhosos (fadas, bruxas, anões, gigantes, ogros...); seres superiores, privilegiados pela realeza (reis, rainhas, príncipes, princesas...), e seres inferiores, ou seja, plebeus, que exercem funções consideradas “servis” (servos, servas, amas, escudeiros, lacaios, guardas, mercadores, gente do povo em geral).

Os contos de fadas são importantes meios para trabalhar os valores morais com as crianças, permitindo assim que elas construam os seus próprios valores a partir das reflexões acerca dos contos ouvidos. Os contos de fadas não são apenas um divertimento, eles contribuem para o desenvolvimento global das crianças por meio de histórias que vão desde a ficção que transforma o imaginário da criança, permitindo que elas possam viver o mundo narrado nos contos de fadas, até a reflexão dos alunos acerca das históricas contadas. O momento da narração do conto de fadas precisa ser um momento interessante para os alunos e, desse modo, o professor pode realizar atividades nas quais os alunos narrem, recontem e até escrevam um conto, caso já estejam alfabetizados. Nessa direção, Bettelheim (2022, p. 20) diz que:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

As crianças precisam de estímulos para ajudarem na sua aprendizagem, e os contos de fadas podem contribuir muito, pois estimulam a mente, desenvolvem o senso crítico, despertam a sensibilidade e a reflexão acerca do ser humano. Assim, conforme aponta Bettelheim (2022, p. 21), “os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como

nenhuma outra forma de arte integralmente compreensíveis pela criança como nenhuma outra forma de arte o é”. O autor afirma que o significado mais profundo dos contos de fadas não será igual para cada indivíduo e será dessemelhante também em diferentes etapas da vida. A criança, ao ler o mesmo conto de fadas, construirá significados diferentes de acordo com o seu objetivo no momento. Tendo chance, a criança voltará ao mesmo conto quando estiver preparada para aumentar os antigos significados ou trocar por novos.

Assim, o trabalho com os contos de fadas no ambiente escolar é de extrema importância, posto que os contos de fadas têm o poder de despertar nas crianças o gosto pela leitura, desenvolvendo a imaginação e a criatividade. Quando um conto é bem contado, ele prende a atenção dos alunos e faz com que eles mergulhem no mundo da história, e se identifiquem com os personagens do enredo vendo possibilidade de desenvolvimento. Por isso, é necessário que o professor ao planejar as suas aulas leve em conta o tempo de concentração de acordo com a faixa etária que as crianças se encontram, desenvolvendo atividades que envolvam os alunos, que chamem a atenção. Nesse sentido, a literatura infantil colabora muito com os professores na sala de aula, já que as crianças vão a escolas quase todos os dias e estão sempre em processo de construção e reconstrução de pensamentos, ideias, costumes, hábitos e ensinamentos.

Os contos de fadas incentivam o imaginário das crianças, das pessoas que contam, das pessoas ao redor e dos ouvintes. Do mesmo modo que os contos de fadas ensinam, eles entretêm cada ouvinte e cada leitor. A literatura permite o ensino de forma prazerosa, enriquece a experiência de vida das crianças, desenvolve a criticidade e ajuda na formação das mentes. Por isso, é importante apresentar às crianças desde cedo o mundo literário, para que elas possam embarcar em um universo fabuloso, mágico, cheio de mistérios e aventuras.

Os conteúdos ensinados na sala de aula precisam ter relação com as necessidades das crianças, pois só assim irão fazer sentido para elas, e os contos de fadas são uma ótima ferramenta de estímulo a aprendizagens, pois contribuem para levar as crianças a situações que proporcionam curiosidades, desejos, medos e angústias, sentimentos que fazem parte do ser humano. Os simbolismos que estão presentes no enredo e nos personagens atuam no inconsciente das crianças agindo pouco a pouco e auxiliando na solução dos conflitos interiores normais nessa faixa etária.

Por isso, o trabalho com a literatura na sala de aula, em especial com os contos de fadas, é de grande importância para o desenvolvimento completo do ser humano. Com o contato com esse gênero, os alunos se sentem capazes de enfrentar seus medos, ampliam o senso de solidariedade e cooperação que é essencial para o convívio em sociedade, e por meio das

histórias as crianças aprendem de forma lúdica a vencer as incertezas que carregam transformando em bravura, os receios em coragem e a dor em superação.

As atividades com os contos de fadas precisam ser trabalhadas de modo que as crianças possam não apenas decodificar a história, mas impregnar nela sentidos, através de seus conhecimentos, experiências e vivências.

Os contos de fadas, segundo o ilustrador britânico Arthur Rackham, tornaram-se “parte de nosso pensamento e expressão cotidianos, e nos ajudam a moldar nossas vidas”. Não há dúvida alguma, ele acrescenta, “de que estaríamos nos comportando de maneira muito diferente se Bela não tivesse jamais se unido à sua Fera... Ou se a irmã de Rapunzel não tivesse visto ninguém chegando; ou se o ‘Abre-te Sésamo!’ não tivesse aberto o caminho, ou Simbá navegado.” Quer tenhamos ou não consciência disso, os contos de fadas modelaram códigos de comportamento e trajetórias de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que nos forneceram termos com que pensar sobre o que acontece em nosso mundo. (TATAR, 2004, p. 6).

Os contos de fadas são histórias com enredos simples e são eficazes porque falam a língua da criança, passando lições de valores com narrativas de fácil compreensão, despertam os sonhos, a curiosidade das crianças e seu amadurecimento social, psicológico e cognitivo.

No contexto escolar, o professor desempenha um papel fundamental, que é o de mediar o conhecimento, e como mediador é necessário que ele proporcione ambientes que incentivem a leitura. O professor pode levar os alunos para um ambiente bem gostoso, onde eles possam se sentar no chão ou embaixo de uma árvore, deixar os alunos escolherem o livro de contos de fadas que eles gostariam de ler naquele momento, fazer brincadeiras tendo como ponto de partida a leitura que os alunos fizeram do conto, pedindo para fazerem mímicas para os colegas adivinharem qual é o conto de fadas e recontarem a partir de desenhos a parte principal da história, enfim, são muitas as possibilidades para o trabalho com os contos de fadas. E para aproximar os alunos da leitura dos contos de fadas é necessário que o trabalho com a literatura tenha uma finalidade bem definida, que o professor possa promover situações prazerosas que levem os alunos a aprenderem de forma significativa.

Durante a leitura de contos de fadas para as crianças nas salas de aula, ou nas bibliotecas em horários dedicados a isso, elas parecem fascinadas. Mas com frequência não lhes é dada nenhuma oportunidade de meditar sobre os contos ou de reagir de outra forma; ou elas são conduzidas imediatamente para alguma outra atividade, ou outra história de um tipo diverso lhes é contada, que dilui ou destrói a própria impressão criada pelo conto de fadas. (BETTLHEIM, 2022, p. 86-87).

É preciso que as crianças reflitam sobre o conto de fada narrado, a fim de que elas possam fazer interferência das situações que os personagens passam nas histórias com as suas dificuldades diárias; as crianças têm muitas incertezas e os contos ajudam com que elas pensem sobre como superar esses problemas, mexem com o consciente e o inconsciente delas. E quando o professor dá a chance da criança externalizar o que ela pensa sobre o conto, ela desenvolve a sua imaginação criativa, os sentimentos são alargados e aprofundados. É notório que as crianças precisam de tempo ao final da narrativa, mas nem sempre esse tempo é dado pelo professor devido às demandas curriculares e outras demandas impostas pela escola, entretanto, talvez seja na escola que a criança tem a oportunidade de entrar em contato com os contos de fadas e todas as possibilidades afetivas que eles proporcionam; por isso o trabalho com a literatura na sala de aula, e nesse caso com os contos de fadas, é tão importante.

Para Abramovich (1997, p. 120), os contos de fadas têm se eternizado há milênios:

Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...).

Nos contos de fadas, as histórias se passam em um lugar e tempo indeterminados, fazendo com que a imaginação flua, em que qualquer pessoa pode viver as aventuras com os personagens; os nomes comumente são atribuições de suas características e a idade dos personagens não são bem definidos, o que faz com que as crianças usem a imaginação para transformarem as histórias lidas ou ouvidas em situações que façam sentido no plano real; as crianças tiram dos contos de fadas ensinamentos para ressignificarem a sua vida.

Os contos de fadas podem trazer carências emocionais, tristeza, amores e medos, que fazem parte do dia a dia de todo ser humano, medo de lugares onde não há iluminação, de tomar injeção, medo de dentista, de altura, de cachorro, de gato, de levar bronca, de não passar de ano na escola ou de fantasmas. Temos inseguranças existentes ou criadas pela imaginação relativas à escola, medo dos mais fortes e dos que agem pelas costas, enfim, muitos medos, medos esses que todo mundo convive diariamente, de um jeito ou de outro, mais intensamente ou não. Mas que aprendemos a enfrentá-los, a superá-los e aprendemos a conviver com eles (ABRAMOVICH, 1997, p. 125).

De acordo com Bettlheim (2022, p. 14), os contos de fadas têm grande valia por ofertarem novas perspectivas à imaginação das crianças que elas seriam incapazes de adquirir sozinhas, assim, “sua forma e estrutura sugerem à criança imagens com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida”. Além disso, os contos de fadas ajudam na tomada de decisões das crianças e na acomodação de seus sentimentos, por isso a importância do trabalho pedagógico com os contos.

As crianças amam ouvir histórias e isso se dá pelo fato de que elas se sentem confortadas pela história narrada, principalmente quando o professor narra colocando o nome delas nos personagens. A história fomenta o conhecimento que a criança tem de si mesma e isso traz mais significado para as crianças quando elas vão brincar de faz de conta com os personagens da narrativa. Nessas brincadeiras, a criança está começando a interagir com o mundo à sua volta, dando novas funções a objetos, representando novos papéis, enquanto ela brinca ela descobre e se redescobre. Nesse viés, Bettelheim (2022, p. 95) aponta que:

Quando todos os anelos da criança passam a ser corporificados numa fada boa; seus desejos destrutivos, numa bruxa má; seus medos, num lobo voraz; as exigências de sua consciência, num homem sábio encontrado numa aventura; sua raiva ciumenta, em algum animal que arranca os olhos de seus arquirrivais - ela pode então finalmente começar a organizar suas tendências contraditórias. Tão logo isso tenha início, ela ficará cada vez menos engolfada pelo caos ingovernável.

Por meio do conto, ao ouvir uma história, a criança vai exteriorizar seus sentimentos e o que se passa no seu pensamento, colocará suas emoções de acordo com o seu momento atual. Os contos de fadas mostram qual a melhor maneira para concretizar suas vontades num personagem, personificar de outra forma suas angústias, e assim por diante, de acordo com o momento que ela se encontra. A criança vai validar de fato qual o conto de fadas é pertinente para a sua situação interior, por isso muitas vezes o professor conta uma história e a criança pede para ele repetir de novo, de novo e de novo, às vezes não é porque ela gosta muito da história, mas sim porque ela se identificou com algum acontecimento que ela está passando naquele momento.

Os contos de fadas trazem lições para as crianças serem boas pessoas, agirem corretamente, a entenderem o que a outra pessoa passa e que nem todo mundo é bonzinho ou tem o coração generoso, possibilitam novas descobertas e emoções em seu universo afetivo. As histórias, embora fictícias, se tornam reais a partir do momento em que se tratam de experiências cotidianas em que todo mundo está inserido.



Para elucidar o exposto, pode-se fazer referência ao posicionamento de Bettlheim (2022, p. 34), que diz que “os contos de fadas dão a entender que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade - mas apenas se ela não se intimida com as lutas arriscadas sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade”. Portanto, o papel do professor nesse momento é de explicar para os alunos que todo mundo terá adversidades ao longo da vida e que cabe a eles serem corajosos e enfrentar, pois se eles deixarem o medo tomar conta da situação a ponto de não se aventurarem a novas descobertas, eles serão fadados a aceitarem a situação maçante.

A sociedade se preocupa muito com a formação dos alunos para o mercado de trabalho, e por isso muitas vezes a escola deixa de lado o trabalho com o emocional dos alunos. E, hoje em dia, sabemos que as pessoas procuram trabalhadores que sejam emocionalmente equilibrados, que saibam lidar com as dificuldades impostas no ambiente de trabalho, que sejam proativas, criativas e capazes de construir argumentos sólidos. E nos contos de fadas estão presentes a ficção, a imaginação, a fantasia, e estes elementos auxiliam na construção do emocional e da personalidade humana.

Tecidas tais considerações, o próximo capítulo apresentará o percurso metodológico desta pesquisa.

## **4 O PERCURSO METODOLÓGICO**

Este capítulo tem por objetivo descrever o percurso metodológico utilizado para a elaboração desta pesquisa, entendendo-se que a metodologia é muito importante, pois está “associada a caminhos, formas, maneiras, procedimentos, para atingir determinado fim” (VERGARA, 1998, p. 45), sendo imprescindível o uso de processos metodológicos por parte do pesquisador. Desse modo, o objeto desta pesquisa circunscreve a discutir sobre práticas de leituras no contexto escolar. Tal objeto decorre de indagações e busca por conhecimentos advindos da experiência como monitora nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Questiona-se acerca das práticas de leituras no contexto escolar e acerca da importância que os contos têm para desenvolverem habilidades leitoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Desse modo, os objetivos que direcionam esta investigação são: Essa pesquisa apresenta como objetivo geral compilar estudos sobre a leitura literária na formação de leitores e produzir um caderno pedagógico com sugestões de uma Sequência Básica que podem auxiliar nas práticas pedagógicas com o letramento literário, a partir de contos clássicos. Para isso, elenca como objetivos específicos: (i) refletir sobre a leitura e a função que a leitura exerce no contexto escolar e (ii) apontar as contribuições da leitura de contos clássicos em sala de aula. A partir dessas teses, apresenta-se o percurso metodológico.

### **4.1 Apresentação da pesquisa**

Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza por uma revisão bibliográfica realizada em livros, artigos, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, revistas eletrônicas, Scielo e Docero. Para essa primeira busca, fez-se um recorte temporal de 2006 até 2022. Dando continuidade à delimitação da pesquisa, foram eleitos os seguintes descritores: letramento literário, importância da leitura na formação dos alunos, importância da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, literatura na sala de aula, literatura infantil, importância dos contos e contação de história.

Assim, após o levantamento dos títulos e trabalhos publicados, foi produzido um fichamento do material encontrado, buscando conhecer melhor cada trabalho, para sobretudo realizar um estudo sobre como os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades leitoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Conforme Prodanov (2013, p. 54-70), na pesquisa bibliográfica em que se utiliza da internet para buscar informações é necessário que o pesquisador se atente à confiabilidade e autenticidade das obras encontradas

no espaço virtual, se atentando às possíveis e existentes controvérsias encontradas nas obras pesquisadas. A pesquisa bibliográfica tem por objetivo dispor o pesquisador diante de toda obra já escrita sobre o assunto pesquisado.

Caracteriza-se, ainda, como uma pesquisa exploratória, ou seja, de acordo com Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória tem por finalidade que o pesquisador se familiarize com o problema, tentando “esclarecer e modificar conceitos e ideias” com vistas a torná-lo mais explícito. Dessa forma, a pesquisa discorre sobre a leitura literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a Sequência Básica como proposta para o desenvolvimento de habilidades leitoras.

#### **4.2 A produção de um caderno pedagógico para trabalhar práticas de leituras por intermédio dos contos clássicos**

Tendo em vista que o Mestrado Profissional tem como uma das suas exigências para alcançar o título de mestre a criação de um produto educacional, ao final este será apresentado para atingir o objetivo que é a elaboração de um caderno pedagógico que auxiliará o professor nas práticas pedagógicas sobre a temática “A leitura de contos clássicos” e que possa colaborar para o trabalho com a leitura no 1º ano do Ensino Fundamental I. As atividades propostas serão orientadas pelas indicações de Cosson (2018), seguindo as quatro etapas da Sequência Básica do letramento literário.

Com base nessa proposta, foram selecionados os textos para a construção do produto educacional: duas versões do conto Chapeuzinho Vermelho, sendo uma versão de Charles Perrault e a outra versão dos Irmãos Grimm, uma vez que consideramos importante trabalhar com versões mais tradicionais, visto que elas contribuem para a ampliação dos conhecimentos culturais dos alunos.

- Uma versão do conto Chapeuzinho Vermelho em vídeo e uma plataforma digital que possibilita a construção de histórias pelos alunos, a fim de possibilitar a exploração de múltiplas linguagens e contribuir para a formação de leitores em um contexto em que as tecnologias digitais estão presentes no cotidiano familiar.
- A versão Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, e um vídeo de contação de histórias sobre a obra. Tal escolha se justifica por possibilitar ao professor trabalhar, desde os anos iniciais, com a intertextualidade.

Consideramos, ainda, para a escolha, a pertinência aos gêneros textuais que devem ser trabalhados em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental I, nos campos de atuação e campo

artístico-literário, de acordo com a BNCC, tendo em conta a premissa de que a literatura deve ser explorada para além da decodificação do texto literário, visto que a literatura permite a vivência de experiência e o poder humanizador. A história de Chapeuzinho Vermelho é um clássico da literatura infantil e pode contribuir para o professor explorar temas como cuidado com os idosos, o medo, dentre outros.

Cabe salientar que com esse caderno pedagógico o intuito não é trazer sugestões de atividades prontas para trabalhar práticas de leitura no contexto escolar utilizando os contos clássicos, mas, sim, propor ideias para o professor trabalhar habilidades de leitura de forma prazerosa e lúdica chamando a atenção dos alunos para o prazer da leitura, entretanto, o professor precisa levar em conta o contexto da sua sala de aula. Dessa forma, esse caderno contribuirá para a formação continuada do professor no entendimento de que alguns recursos de ensino da atualidade podem ser ótimos aliados no aprendizado e no desenvolvimento das habilidades de leitura, de forma lúdica, atrativa, e que o uso dos recursos que será exposto nesse caderno possibilitará a interação entre o professor e o aluno, dado que eles constroem conhecimentos juntos, mediados por diferentes aparatos digitais, colaborando para se tornarem protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem.

### **4.3 A organização do produto educacional**

O caderno pedagógico se organiza em torno de duas grandes unidades: a primeira unidade explora a leitura literária por meio de duas versões do conto Chapeuzinho Vermelho; a segunda unidade apresenta a leitura do conto Chapeuzinho Amarelo. As duas unidades privilegiam o trabalho com a leitura literária, a partir da proposta de oficinas de Cosson (2009). Em cada unidade foi construída uma seção privilegiando outras linguagens, como vídeos e plataforma educacional para o trabalho com a leitura.

As atividades propostas foram articuladas às orientações da BNCC e privilegiam o trabalho com a leitura literária, com o fito de desenvolver o gosto pela leitura e a experiência com o texto literário.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se despertam consciência” (Jean de La Fontaine).

Ao olhar para trás e comparar as experiências acadêmicas anteriores, observo que a graduação contribuiu para minha formação. Os cursos, minicursos, oficinas e palestras abriram caminhos para novos saberes. Por sua vez, o Mestrado Profissional em Educação me abriu portas para novos horizontes, novas experiências e novos caminhos, proporcionou-me aprender e debater mais profundamente sobre a importância dos contos para o desenvolvimento de habilidades leitoras. Pude pesquisar diferentes trabalhos e aportes teóricos para compreender melhor o meu tema de pesquisa, além de oportunizar diálogos e reflexões sobre trabalhos que partilham da mesma pesquisa que a minha e também outros temas diferentes do meu; pude perceber o quanto eu aprendi com todos esses estudos. Estou com uma bagagem cheia de aprendizados e devo isso a meus professores do Mestrado Profissional em Educação da UFLA que tanto me ensinaram e às disciplinas que ministraram e contribuíram muito para a escrita do meu trabalho, fazendo-me ter um olhar diferente para o ato de lecionar e, conseqüentemente, proporcionando-me a vontade de estar em constante formação continuada, ampliando e atualizando os meus saberes. Com certeza essa oportunidade de cursar o Mestrado Profissional em Educação foi um divisor de águas na minha vida acadêmica e profissional.

O tema para esta pesquisa se deu através da minha experiência quando comecei a fazer estágio em uma escola particular e pude observar o quanto é importante o incentivo à leitura dos alunos desde pequenos. Decidi fazer uma pesquisa que contribuísse para o incentivo à leitura utilizando os contos para desenvolver habilidades leitoras, uma vez que a leitura é de fundamental importância para a introdução das pessoas na sociedade. Por meio da leitura, podem-se incorporar novas ideias, despertar sonhos, ativar a criatividade e também pode mudar a nossa realidade. É nesse viés que embasamos a nossa pesquisa intitulada “Leitura Literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental: A Sequência Básica como proposta para o desenvolvimento de habilidades leitoras”.

Assim sendo, estabelecemos como objetivo geral compilar estudos sobre a leitura literária na formação de leitores e produzir um caderno pedagógico com sugestões de uma Sequência Básica que podem auxiliar nas práticas pedagógicas com o letramento literário, a partir de contos clássicos. E elegemos como objetivos específicos: (i) refletir sobre a leitura e a

função que a leitura exerce no contexto escolar e (ii) apontar as contribuições da leitura de contos clássicos em sala de aula.

As práticas de leitura no contexto escolar se ampliaram no decorrer do tempo, assim não é plausível investir nas velhas formas de leitura na sala de aula. O mundo mudou e as crianças também, por isso vemos que cada vez mais é necessário criar um ambiente motivador, lúdico e que desperte nas crianças o prazer pela leitura. E é na infância que a criança tem os primeiros contatos com a leitura por meio dos contos clássicos, intermediados pela narração dos adultos, e com o passar do tempo já consegue escolher e ler sozinha as narrativas; por isso é importante o incentivo para que a criança desenvolva sua capacidade cognitiva, a atenção, o raciocínio e o aprendizado.

A leitura é indispensável para a inserção do indivíduo na sociedade. Deparamo-nos com as diversas formas de leituras, sejam nas placas de trânsito, *outdoors*, vídeos, imagens e caixa eletrônico, sendo necessário preparar o aluno para compreender essas múltiplas formas de ler o mundo. E, para incentivar a leitura dos alunos, o professor precisa gostar de ler, e quando o professor não gosta ou não busca outras estratégias para aperfeiçoar as suas práticas de leitura, por conseguinte, não consegue despertar nos alunos o interesse pela leitura; porém, nunca é tarde para começar a criar o hábito pela leitura. A escola, sendo um ambiente de desenvolvimento, é propícia para o professor criar estratégias de leitura no seu planejamento, no qual o foco seja a leitura pelo prazer e pelo deleite que façam parte da rotina escolar, sem usar a leitura como meio para pretextos. Logo, há de se pensar na formação continuada dos professores para que eles possam refletir sobre as suas ações pedagógicas e aprimorem os seus saberes ressignificando as suas práticas na sala de aula.

Partimos do entendimento de que o ensino de literatura não pode ser descaracterizado e usado para outros fins, como estudo de gramática, para fazer avaliações ou para estudar determinados autores. A leitura literária contribui para a formação de leitores. Cosson (2018) argumenta que as aulas de literatura precisam ser atrativas e interessantes, pois a literatura é uma fonte inesgotável de aprendizado.

Assim, retomamos a perguntas de pesquisa: Como o professor pode explorar os contos de modo a contribuir para o processo de leitura dos educandos? Creio que durante o trabalho essas perguntas já tenham sido respondidas, a partir do referencial teórico. Ficou nítido que os contos têm um grande valor educacional e pedagógico, já que são um ótimo recurso que desperta nas crianças as suas primeiras experiências imaginativas, pois através dos contos elas podem viajar pelo mundo, conhecer novas culturas e sua inteligência emocional e social é aguçada. Por isso, a necessidade de trabalhar mais os contos no ambiente escolar a fim de

proporcionar a formação de um aluno mais crítico, pois os contos transmitem valores por meio das histórias, fazendo com que as crianças reflitam sobre suas atitudes, e muitas vezes encontrando respostas para os seus medos e temores. Sem falar que as crianças amam ouvir histórias e se um conto é envolvente ele desperta na criança a atenção, o prazer em ouvi-los e, sobretudo, a paixão pela leitura.

Podemos perceber que os contos de fadas são muito importantes e despertam o interesse e a atenção desde crianças até adultos, pelo fato de serem uma narrativa que acontece em um tempo indeterminado, permitindo que todos nós possamos vivenciar juntos a história. O professor pode explorar mais os contos de fadas na sala de aula criando projetos que resultem em alunos leitores, bem como proporcionar ambientes lúdicos, nos quais os livros ficam à disposição e que as crianças se sintam à vontade para ler o livro que desejar, propiciar atividades que façam as crianças pensarem sobre cada parte da história, que elas possam contar e recontar do seu jeito a história fazendo com que elas sejam protagonistas, uma vez que as crianças aprendem muito através da sua imaginação e das brincadeiras de faz de conta.

Os contos de fadas na sala de aula permitem que as crianças mergulhem no mundo da fantasia, nas histórias nas quais elas podem ser quem elas quiserem, permitem viver diversas aventuras, lutar contra monstros, bruxas e dragões; no momento da leitura a criança conhece outras formas de viver, agir, outros comportamentos e costumes de diferentes épocas. É imprescindível que o professor ofereça variados livros de contos clássicos para que a criança possa vivenciar diversas situações que ampliem os seus horizontes, visto que os contos sensibilizam para refletir sobre a narrativa e falam de forma simples a língua da criança. Quanto mais contos as crianças ouvirem, mais conhecimento de si e do outro elas terão; cada história possui um ensinamento que as crianças levarão para a vida toda, pois ouvindo histórias as crianças conseguem se expressar melhor e se sentem confortadas pela história contada, afinal, qual criança não gosta de ouvir uma boa história?

Entendemos que a literatura é de fundamental importância para a formação do ser humano e precisa ser trabalhada desde cedo, a fim de chamar a atenção dos alunos para o quanto ela é transformadora. A literatura permite que a criança saia do mundo real e adentre o mundo mágico, que entenda o seu espaço na sociedade, conheça sobre os acontecimentos que foram marcantes antigamente, e que refletem até hoje no dia a dia, e permite formar opiniões críticas. A literatura é arte e como arte deve ser trabalhada na sua totalidade.

Mediante o exposto, passamos para a metodologia utilizada. Optamos pela pesquisa exploratória de revisão bibliográfica, a qual foi realizada em livros, artigos, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em revistas eletrônicas, Scielo e Docero. Para buscar embasamento

teórico nessa primeira busca, fez-se um recorte temporal de 2006 até 2022, dando continuidade à delimitação da pesquisa. Os descritores usados para a pesquisa foram: letramento literário, importância da leitura na formação dos alunos, importância da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, literatura na sala de aula, literatura infantil, a importância dos contos e contação de história. Desse modo, após o levantamento dos trabalhos publicados por meio desses descritores, foi realizado um fichamento do material encontrado, buscando conhecer e entender melhor cada trabalho, para sobretudo realizar um estudo sobre como os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades leitoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Considerando que o letramento literário é pouco explorado na sala de aula, e como forma de alinhar a presente pesquisa com o objetivo da Universidade Federal de Lavras - UFLA que oferta a pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação e que reitera que pesquisa e extensão devem caminhar juntas, elaboramos como produto final um caderno pedagógico que auxiliará o professor nas práticas pedagógicas sobre a temática “A leitura de contos clássicos” e que possa colaborar para o trabalho com a leitura no 1º ano do Ensino Fundamental I. As atividades propostas serão orientadas pelas indicações de Cosson (2018), seguindo as quatro etapas da Sequência Básica do letramento literário.

Com base nessa proposta, foram escolhidos os textos para a construção do produto educacional, sendo duas versões do conto Chapeuzinho Vermelho: a versão de Charles Perrault e a versão dos Irmãos Grimm, uma vez que consideramos importante trabalhar com versões mais tradicionais; trazemos a versão do conto em vídeo e em uma plataforma, possibilitando as múltiplas linguagens e utilizando recursos digitais, uma vez que eles contribuem para a ampliação dos conhecimentos culturais dos alunos. E uma versão do conto Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, e um vídeo sobre a mesma obra, pela importância de trabalhar a intertextualidade. O caderno dialoga com os gêneros textuais que devem ser trabalhados em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental I, nos campos de atuação e campo artístico-literário, de acordo com a BNCC, considerando a premissa de que a literatura deve ser explorada para além da decodificação do texto literário.

Por fim, acreditamos que para trabalhar os textos literários são necessárias novas estratégias, novas metodologias e uma ação conjunta entre a escola e o corpo docente. E essa proposta da Sequência Básica sugerida por Cosson (2018) é muito importante para os professores, visto que estes sempre encontram desafios na sala de aula; e essa sequência vem propor estratégias de como trabalhar os textos literários na sala de aula, visando um ensino significativo da literatura e trazendo os passos de como explorar mais cada parte da história de



maneira contínua e contextualizada, conduzindo os alunos para o protagonismo e para a reflexão. Para que ocorra uma mudança na forma como a literatura é vista e trabalhada no ambiente escolar, é preciso que os profissionais estejam em constante formação continuada, qualificados e apaixonados pela educação, para que a literatura seja explorada de forma prazerosa, com intencionalidade, e proporcione diversas experiências para que torne o livro uma fonte de conhecimento inesgotável e de desenvolvimento dos alunos. Especialmente os livros de literatura infantil, nos quais começam todo o encantamento e a magia.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALVES, Maria da Penha Casado; MIRANDA, Neusa Salim. **Ensino de literatura no ensino fundamental**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018. 1 v.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167, mar./ago. 2011. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf>. Acesso em: 02 maio 2022.
- BASTOS, Gabriele Miranda. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. 2015. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília, DF: 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2021.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa/resultados>. Acesso em: 20 out. 2021.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: para o ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.
- BUSSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUSSATTO, Cleomari. **Narrando histórias no século XXI - Tradição e ciberespaço**. 2005. 132 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Campinas: Remate de Males, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 17 maio 2023.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 171-193.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CUNHA, Maria Antonieta. Experiência estética literária. **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita par educadores**. Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG, 2014.
- ECO, Umberto. **Seis passos pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- FAR, Alessandra El. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 71 p.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. O dicionário da Língua Portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GADOTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80 p.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GROSSI, Maria Elisa de Araújo. Contação de histórias. *In*: CEALE. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura-teoria e prática**. Campinas: Editora Pontes, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. Texto e Leitor. **Aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KRUG, Flávia Suzana. A importância da leitura na formação do leitor. **REI - Revista de Educação do Ideau**, Getúlio Vargas, v. 10, n. 22, p. 1-13, jul./dez. 2015. Disponível em: [https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files\\_mf/b80cee602abb950b63a6d6c5cb43df40277\\_1.pdf](https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files_mf/b80cee602abb950b63a6d6c5cb43df40277_1.pdf). Acesso em: 30 abr. 2022.
- LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**: 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: Uma nova/ outra história. Curitiba: PUBPress, 2017.
- LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- LISBOA, Flavia Alexandra Lopes *et al.* A importância das versões diferentes nas histórias de contos de fadas, no processo ensino aprendizagem dos alunos: Uma ação pibidiana na escola estadual belvinda ribeiro. *In*: FEPEG, 2017, Montes Claros. **Anais eletrônicos [...]**. Montes Claros, 2017. Disponível em: <http://www.fepeg2017.unimontes.br/anais/ver/1133>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- MACHADO, Maria Zélia Versiani. Entrevista sobre letramento literário. **Escrita**. Belo Horizonte, 30 jul. 2008. Disponível em: <http://escritabrasil.blogspot.com/2008/07/letramento.html>. Acesso em: 14 maio 2022.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- MILITÃO, Débora Viana. **A importância da leitura no ensino fundamental**. 2014. Monografia (Pós-Graduação em Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

MOHR, Denise Kostycz. **Leitura - Reflexões, divergências e sugestões metodológicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NÓVOA, Antonio. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, out. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/84910>. Acesso em: 15 out. 2021.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 3-28, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/d8qjjXtVvK3FzRTXJfRg7Pd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

PAULINO, Graça. Leitura literária. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROJO, Roxane. **Entrevista - Outras maneiras de ler o mundo: educação no Século XXI**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. Disponível em: [http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/2013/03/caderno3\\_multiletramentos.pdf](http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/2013/03/caderno3_multiletramentos.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista Ibero americana de Educación/Educação**, Madrid, v. 45, n. 5, p. 1-11, mar. 2008. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2028>. Acesso em: 17 set. 2022.

SANTOS, Marcus Vinícius Machado dos. A leitura como prática cotidiana e motivacional: da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 11, n. 1, p. 29-37, jan./jul. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/462/579>. Acesso em: 20 out. 2021.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

SCHEFFER, Cristiane Sebastião. **A literatura no contexto da educação infantil**. 2010. 44 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71999/000880870.pdf?seque>. Acesso em: 17 set. 2022.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOARES, Ludmila Louslene; FERREIRA, Bruna Milene. **A importância do letramento literário para a formação do leitor**. 8º Pesquisas. Faculdade Alfredo Nasser, 2020. 9 p. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/wp-content/uploads/sites/2/2020/07/A-IMPORT%C3%82NCIA-DO-LETRAMENTO-LITER%C3%81RIO-PARA-A-FORMA%C3%87%C3%83O-DO-LEITOR.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zéliza Versiane (orgs.). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128 p.

SOARES, Margarida. A importância da leitura no mundo contemporâneo. **Revista Ozarfaxinars**. n. 16, 2010. Disponível em: [https://cfaematosinhos.eu/A%20importancia%20da%20leitura\\_.pdf](https://cfaematosinhos.eu/A%20importancia%20da%20leitura_.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP, 2011.

TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 1. ed. São Paulo: Editora Global, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil e introdução à leitura. *In*: SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M. K. (org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007.

## **APÊNDICE A - O PRODUTO EDUCACIONAL**

Produto Educacional

# Caderno Pedagógico

Mestrado Profissional em Educação  
PPGE/UFLA





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro Chapeuzinho Vermelho. ....	98
Figura 2 - Baú de histórias.....	100
Figura 3 - Exemplo de uma cantiga para iniciar a história.....	101
Figura 4 - Capa do livro Chapeuzinho Vermelho. ....	107
Figura 5 - Cantiga Chapeuzinho.....	108
Figura 6 - Chapeuzinho Vermelho - Charles Perrault.....	112
Figura 7 - Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm. ....	112
Figura 8 - Exemplo da capa do livro. ....	114
Figura 9 - Página inicial da plataforma Dentro da História.....	116
Figura 10 - Página para colocar o nome e o sexo do aluno.....	116
Figura 11 - Como criar o avatar.....	117
Figura 12 - Capa da história. ....	117
Figura 13 - Dedicatória.....	118
Figura 14 - Página do livro pronto. ....	118
Figura 15 - História Chapeuzinho Vermelho completa.....	120
Figura 16 - Anúncio publicitário do Greenpeace com personagens infantis.....	120
Figura 17 - Capa do livro Chapeuzinho Amarelo.....	122
Figura 18 - Proposta da lata transformadora de medos da Chapeuzinho Amarelo. ....	124
Figura 19 - História Chapeuzinho Amarelo. ....	131
Figura 20 - Chapeuzinhos Coloridos.....	132

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - História da Chapeuzinho Vermelho versão de Charles Perrault. ....	102
Quadro 2 - História Chapeuzinho Vermelho Irmãos Grimm. ....	109
Quadro 3 - História Chapeuzinho Amarelo. ....	126
Quadro 4 - Exemplo do quadro para colocar as características dos personagens. ....	129

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>92</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>94</b>
<b>LETRAMENTO LITERÁRIO - CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS</b>	
<b>VERSÕES .....</b>	<b>97</b>
<b>HABILIDADES ABORDADAS: .....</b>	<b>97</b>
<b>UNIDADE 01 - O TRABALHO COM O CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO...</b>	<b>98</b>
<b>SEQUÊNCIA 1 .....</b>	<b>98</b>
<b>1ª ATIVIDADE .....</b>	<b>99</b>
<b>1º MOMENTO.....</b>	<b>99</b>
<b>2º MOMENTO.....</b>	<b>100</b>
<b>3º MOMENTO.....</b>	<b>102</b>
<b>4º MOMENTO.....</b>	<b>105</b>
<b>ATIVIDADE 1 – 30 min.....</b>	<b>105</b>
<b>ATIVIDADE 2 – 30 min.....</b>	<b>106</b>
<b>ATIVIDADE 3 – 45 min.....</b>	<b>106</b>
<b>SEQUÊNCIA 2 .....</b>	<b>107</b>
<b>1º MOMENTO.....</b>	<b>108</b>
<b>2º MOMENTO.....</b>	<b>110</b>
<b>3º MOMENTO.....</b>	<b>110</b>
<b>4º MOMENTO.....</b>	<b>113</b>
<b>EXPLORANDO OUTRAS LINGUAGENS .....</b>	<b>115</b>
<b>ATIVIDADE 1 – 45 min.....</b>	<b>115</b>
<b>ATIVIDADE 2 – 25 min.....</b>	<b>119</b>
<b>ATIVIDADE 3 – 25 min.....</b>	<b>120</b>
<b>1º MOMENTO.....</b>	<b>123</b>
<b>2º MOMENTO.....</b>	<b>125</b>
<b>3º MOMENTO.....</b>	<b>126</b>
<b>4º MOMENTO.....</b>	<b>129</b>
<b>ATIVIDADE 1 – 30 min.....</b>	<b>129</b>
<b>ATIVIDADE 2 – 30 min.....</b>	<b>129</b>
<b>ATIVIDADE 3 – 35 min.....</b>	<b>130</b>
<b>ATIVIDADE 4 – 30 min.....</b>	<b>130</b>

<b>EXPLORANDO OUTRAS LINGUAGENS .....</b>	<b>130</b>
<b>ATIVIDADE 1 – 20 min.....</b>	<b>130</b>
<b>ATIVIDADE 2 – 45 min.....</b>	<b>131</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>134</b>

## APRESENTAÇÃO

Olá, professores!

Gostaria de parabenizá-los pela iniciativa de sempre estarem em busca de conhecimentos e aprimorando sua prática pedagógica. O ato de lecionar impõe alguns desafios, deparamo-nos com diferentes contextos sociais e contextos familiares que na maioria das vezes interferem diretamente no aprendizado dos alunos, e nós, professores, temos um papel importante na vida desses alunos. Lecionar não pode ser um mero repasse de conhecimentos, precisa ser uma troca de conhecimento mútuo, na qual o professor ao mesmo tempo que ensina também aprende, é uma interação mútua.

Que ótimo que você acredita que a formação continuada é um dos caminhos que assegura a atuação de profissionais mais capacitados e preparados para atuarem na sala de aula! Quando o professor é capacitado, o ensino possui melhor qualidade para os alunos e por consequência para a comunidade escolar na qual a escola está introduzida. Teorias e práticas precisam caminhar juntas, portanto, fico feliz em saber que você acredita que um ensino contextualizado e articulado com a realidade pode ser uma excelente estratégia para gerar bons resultados, visto que quando o ensino é realizado de forma contextualizada prepara os alunos para a vida.

Desse modo, este Produto Educacional em formato de Caderno Pedagógico tem como temática “A leitura de contos clássicos”, possui o objetivo de auxiliar o professor nas práticas pedagógicas e resulta de uma pesquisa vinculada ao programa Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras - MG. As atividades aqui sugeridas são baseadas nas propostas de Rildo Cosson (2018), seguindo as quatro etapas da Sequência Básica do letramento literário tendo como público-alvo alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I.

Nesse viés, as atividades presentes neste caderno visam fomentar o incentivo à leitura baseado nos textos literários para alunos que estão em fase de alfabetização, apresentando várias etapas para a consolidação do letramento literário em sala de aula. Tendo em vista que muitos alunos têm resistência para ler textos literários e interpretá-los, quando fazem a leitura não sabem o que leram, quem é o autor e não possuem a habilidade mais importante, que é a relação do texto e leitor, que permite a troca do indivíduo que escreve com o indivíduo que lê. Por isso, foram pensadas atividades que são pertinentes e imprescindíveis para a atuação do professor na sua prática pedagógica.

Que possa estimular em você o desejo de trazer para a sala de aula o letramento literário, oportunizando atividades significativas para que os alunos se sintam atraídos pela leitura, oferecendo gêneros literários variados, contribuindo assim para a formação de leitores literários. E que a literatura esteja sempre presente na vida escolar dos alunos de maneira lúdica, prazerosa, gostosa e cativante.

Boa leitura!

Um grande abraço!



Professora Antônia Flúvia Carvalho dos Santos

## INTRODUÇÃO

Olá, professores!

Este material faz parte de minha pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação, na modalidade Mestrado Profissional. A opção por elaborar um produto educacional se justifica uma vez que esse tipo de material pode auxiliar o docente nas práticas pedagógicas, além de contribuir para alinhar a teoria à prática. Desse modo, o objetivo que orientou esta pesquisa foi elaborar uma proposta de material sobre a temática “A leitura de contos clássicos”.

Levando em conta que é por intermédio da leitura que adquirimos diversas informações, e que a escola se destaca por ser uma instituição sociocultural, ela tem entre as suas principais atribuições o desenvolvimento da competência leitora. Portanto, é imprescindível que a promoção de atividades de incentivo à leitura faça parte da rotina dos alunos. O momento de leitura com as crianças é muito rico, pois proporciona o desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas e emocionais, amplia o uso das diferentes utilizações da linguagem e aumenta o vocabulário. Enquanto as crianças leem, elas estimulam a imaginação e a criatividade. Além disso, a leitura permite que o aluno se coloque no lugar dos personagens e vivencie as diversas sensações que a narrativa proporciona. Essa relação lúdica do aluno com a obra literária possibilita fomentar as práticas de leitura.

É notório que quando você, professor, vai contar uma história para os alunos, não deve fazer uma simples leitura, pois para que uma história de fato prenda a atenção dos alunos ela deve entreter e instigar sua curiosidade (BETTELHEIM, 2022, p. 11). A leitura deve despertar a imaginação do leitor e, em se tratando de leitores em formação, a leitura pode ajudar a criança a “desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam”; a leitura precisa fazer sentido para as crianças. Nesse sentido, para Abramovich (1997, p. 17), é no momento em que os alunos estão ouvindo histórias que eles podem sentir diferentes e importantes emoções, como a felicidade, o medo, a raiva, a tranquilidade, a tristeza, o alívio, a insegurança “e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!”. A literatura é muito importante para a formação dos alunos e é a porta de entrada para o universo mágico das histórias, permitindo ao leitor a percepção de si e do mundo que o cerca.

Ressureição (2010, p. 20) considera que os contos são de fundamental importância para as crianças, pois é através deles que vão sendo trabalhados os sentimentos que são “comuns a todos nós, como: ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, que só podem ser compreendidos e vivenciados pela criança através das emoções e da fantasia”, além de aprenderem a lidar com as dificuldades do cotidiano. Bettelheim (2022, p. 219-220) acrescenta que “ouvir um conto de fadas e absorver as imagens que ele representa pode ser comparado a espalhar sementes, de que apenas algumas serão implantadas na mente da criança”, algumas vão mexer com a mente da criança instantaneamente, outras ficarão estimulando o seu inconsciente, outras levam tempo até a mente da criança conseguir uma condição apropriada para a sua germinação, outras tantas não conseguirão criar raízes. Entretanto, “aquelas sementes que caíram no solo certo se transformarão em belas flores e árvores robustas - isto é, darão validade a sentimentos importantes, promoverão percepções, alimentarão esperanças, reduzirão angústias – e, ao fazê-lo, enriquecerão a vida da criança então e para sempre”.

Assim, os contos de fadas são muito ricos para as crianças, sua narrativa encanta desde criança até adultos, ajuda na construção da identidade, deixando fluir o imaginário com o seu enredo. Assim, “um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem. É a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ele vai soar” (BUSATTO, 2003, p. 18).

Desse modo, professor, apresentaremos propostas de atividades para trabalhar a leitura de contos de fadas como potencializadoras dos processos de práticas de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. A escolha dos textos a serem trabalhados está de acordo com os gêneros textuais que devem ser trabalhados nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental I, sugeridos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) no que tangem a todos os campos de atuação e campo artístico-literário, partindo do ponto de que é muito importante trabalhar com práticas de leitura na sala de aula, contribuindo para que os alunos possam se desenvolver de modo mais completo e se tornarem cidadãos ativos.

As atividades aqui sugeridas são apoiadas nas propostas de Rildo Cosson (2018), seguindo as quatro etapas da Sequência Básica do letramento literário, que são:

- **Motivação:** consiste em buscar estratégias para fazer com que ao aluno possa despertar o interesse pelo texto;
- **Introdução:** é a apresentação do autor e da obra, sendo muito importante na leitura literária;
- **Leitura:** nessa etapa, Cosson chama a atenção para essa parte da proposta de letramento literário, considerando ser mais essencial que o acompanhamento da leitura;



- Interpretação: constitui-se das inferências para chegar à construção do sentido do texto.

Essa proposta sugerida por Cosson (2018) tem o objetivo de ensinar a ler e escrever literatura de maneira adequada, pois sabemos que é inevitável a escolarização da literatura. Por isso, a importância de sugerir novas alternativas para superar as velhas práticas pedagógicas na sala de aula.

Assim, neste caderno, estamos dando ênfase às atividades propostas que potencializam as práticas de leitura por intermédio de atividades baseadas em textos literários como auxiliares do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, este caderno se apresenta em uma perspectiva teórica e metodológica. Não pretendemos esgotar os tipos de letramentos, mas dar sugestões para desenvolver práticas de leitura através dos contos de fadas, contribuindo para tornar os alunos mais ativos na construção de conhecimentos, visto que a leitura é a porta de entrada do universo do conhecimento. Esperamos que as atividades aqui propostas possam agregar para um letramento literário mais significativo para os alunos!



Segundo Sá (2018, sp), o reconto é a reconstrução oral de um texto já existente. O principal procedimento é a imitação a partir de um texto modelo: um conto clássico, anúncio, texto expositivo, uma notícia, entre outros. Tal procedimento implica recontar parecido com o que estava no livro, no jornal, na revista, no encarte, ou como se fosse o autor. O propósito é a adesão ao texto selecionado, respeitando seu tipo de linguagem, as marcas do gênero, o tema e a sua estrutura.

De acordo com Lisboa *et al.* (2017, p. 1), é muito importante que o professor explore as diferentes versões de um mesmo conto. Visto que “os contos são modificados com o passar do tempo e se diferem em algumas regiões, ou quando outro autor explora a visão da personagem “mau” sobre o que aconteceu na história”.

**LETRAMENTO LITERÁRIO - CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS VERSÕES****HABILIDADES ABORDADAS:**

**(EF15LP02)** Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio, etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

**(EF15LP15)** Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

**(EF15LP19)** Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

## UNIDADE 01 - O TRABALHO COM O CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO

### SEQUÊNCIA 1

Título: Chapeuzinho Vermelho

Autor: Charles Perrault

Ilustrador: Georg Hallensleben

Editora: Companhia das Letrinhas

Ano: 2007

A seguir é apresentado a capa do livro Chapeuzinho Vermelho (FIGURA 1):

Figura 1 - Capa do livro Chapeuzinho Vermelho.



Fonte: Perrault (2007).

Sinopse da obra: Era uma vez uma menina muito linda, sua avó gostava muito dela e por isso sua avó mandou fazer um chapéu vermelho que ficou tão bonito nela que todos passaram a conhecê-la por Chapeuzinho Vermelho. Certo dia, a mãe de Chapeuzinho Vermelho ficou sabendo que sua mãe estava doente e, então, pediu que Chapeuzinho Vermelho levasse um bolo e um potinho de manteiga para sua avó, pois ela morava em outra aldeia. No caminho Chapeuzinho encontra com um lobo que estava doido para comê-la, mas estava com medo dos lenhadores, então ele pensa em um plano para enganar a Chapeuzinho e chegar primeiro na casa da sua avó.

## 1ª ATIVIDADE

### 1º MOMENTO

#### **MOTIVAÇÃO - Iniciando a proposta - 1 hora/aula (1º dia)**

Para dar início às atividades, será realizado o primeiro passo sugerido por Cosson (2018) que é a motivação, e nela o propósito é trazer algo que desperte a curiosidade do aluno para o texto que será lido. Cosson (2018, p. 54) menciona que o núcleo da motivação “consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação”, todavia, essa motivação não pode ultrapassar uma hora/aula.

Nesse momento o professor, antes da chegada dos alunos, irá esconder peças de um quebra-cabeça, o qual não contenha muitas peças, com a imagem de um lobo. Assim que os alunos chegarem, o professor pede para que eles sentem em roda e com o intuito de aguçar a curiosidade deles irá falar que eles têm uma missão hoje: ajudar a encontrar as peças de um quebra-cabeça que está escondido na sala de aula. Depois que os alunos encontrarem todas as peças, o professor solicitará que eles montem o quebra-cabeça de forma coletiva.

Logo após a construção do quebra-cabeça, o professor pode fazer algumas perguntas norteadoras para a discussão:

- I. Qual imagem formou?
- II. Vocês já viram um lobo de verdade?
- III. Têm medo de lobo?
- IV. Conhecem alguma história em que o lobo é um personagem? Se sim, qual?
- V. O que os lobos comem?

Com essa atividade de motivação, o professor pode investigar o conhecimento dos alunos acerca da história que será lida, já que na maioria das versões da Chapeuzinho Vermelho o lobo é o vilão.

**2º MOMENTO****INTRODUÇÃO - 1 hora/aula (2º dia)**

Nessa etapa o professor vai apresentar o livro de fato para os alunos, e para fazer essa apresentação o professor poderá colocar o livro do conto Chapeuzinho Vermelho dentro de um baú de história (FIGURA 2), o baú é um excelente recurso didático para o professor, uma vez que ele ajuda a narrar a história, estimula a curiosidade dos alunos, deixando o momento mais emocionante e os alunos mais envolvidos na atividade.

Figura 2 - Baú de histórias.



Fonte: Imagem extraída de [https://www.flickr.com/photos/tralala\\_eva/4899146859/](https://www.flickr.com/photos/tralala_eva/4899146859/). Acesso em: 22 maio 2022.

Na sala de aula, para iniciar a apresentação do livro, o professor pedirá para os alunos fazerem uma rodinha e em seguida irá mostrar o baú de histórias. O professor pode aproveitar esse momento e ir fazendo algumas perguntas, como:

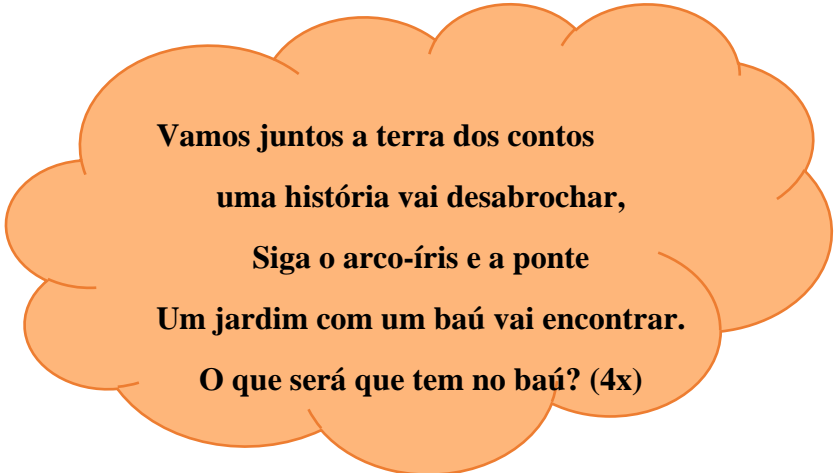
I. Qual história tem aqui dentro?

II. Vocês acham que a história que está aqui tem a ver com o personagem que vocês montaram no quebra-cabeça?

### III. Já viram um baú de verdade? Para que ele serve?

É preciso deixar os alunos verbalizarem o que eles pensam sobre essas perguntas. Espera-se que a partir dessas pistas os alunos identifiquem o conto que será lido. Após essa conversa com os alunos, o professor irá convidá-los para cantarem uma cantiga (FIGURA 3) para adentrarem o mundo mágico dos contos, uma vez que as cantigas ajudam a prender a atenção dos alunos e tornar aquele momento de aprendizagem mais gostoso.

Figura 3 - Exemplo de uma cantiga para iniciar a história.



**Vamos juntos a terra dos contos  
uma história vai desabrochar,  
Siga o arco-íris e a ponte  
Um jardim com um baú vai encontrar.  
O que será que tem no baú? (4x)**

Fonte: Texto extraído de [https://www.youtube.com/watch?v=0MHJ\\_EzuXYo](https://www.youtube.com/watch?v=0MHJ_EzuXYo). Acesso em: 22 maio 2022.

Depois de cantar a cantiga, o professor apresenta o livro da Chapeuzinho Vermelho que está dentro do baú de histórias e faz uma pequena sondagem para saber qual conhecimento os alunos têm da história. Após apresentar o livro, é importante o professor chamar a atenção dos alunos para todos os elementos da capa, observar as imagens que estão na capa, se aquelas imagens aparecem no decorrer da história, qual é a editora, o ilustrador, as cores, fazer suposições dos elementos pertencentes à capa, ressaltar com os alunos que a capa do livro é muito rica, podendo falar muito sobre o seu conteúdo. É essencial apresentar o nome do autor do livro e contar brevemente a sua história. O professor pode falar oralmente, mostrar ou entregar um pequeno texto falando da biografia do autor da obra para cada aluno.

Na hora que o professor for explorar a capa, pode fazer perguntas para os alunos a fim de levantar hipóteses sobre o desenvolvimento do texto, como por exemplo:

- I. O que você vê nessa capa do livro da Chapeuzinho Vermelho?
- II. Para onde ela está indo?
- III. O que ela está levando na sua cesta?
- IV. Será que vai acontecer algo com ela?

- V. Será que existem outros personagens além da Chapeuzinho Vermelho que está na capa?  
 VI. Em qual estação do ano vocês acham que aconteceu a história?

Essa etapa instiga a introdução antes da leitura propriamente dita, faz com que os alunos criem familiaridade com a história, conheçam sobre o autor da obra e sintam curiosidades para descobrirem o que acontecerá na história.



Segundo Cosson (2018, p. 60), “(...) a introdução, apesar de ser uma atividade relativamente simples, demanda do professor alguns cuidados. Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos”.

### 3º MOMENTO

#### LEITURA - 1 hora/aula (2º dia)

Nessa etapa, o professor fará a leitura do livro. Conforme o Quadro 1 a seguir.

#### Quadro 1 - História da Chapeuzinho Vermelho versão de Charles Perrault.

Era uma vez uma jovem aldeã, a mais bonita que fosse dado ver; a sua mãe era louca por ela e a avó mais ainda. Esta boa mulher mandou fazer-lhe um chapéu vermelho, que lhe ficava tão bem que em todo o lado lhe chamavam Chapeuzinho Vermelho.

Um dia a mãe, tendo cozido pão e feito bolo, disse-lhe:

«Vai ver como está a tua avó, porque me disseram que está doente; leva-lhe um bolo e este potinho de manteiga».

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar num bosque, encontrou o compadre Lobo, que tinha muita vontade de comê-la, mas não se atrevia a tal por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe aonde ela ia; a pobre criança, que não sabia que é perigoso deter-se para escutar um Lobo, disse-lhe:

«Vou ver a minha avó e levar-lhe um bolo com um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda».

«Ela mora muito longe?», perguntou o lobo.

«Ó! Sim», disse Chapeuzinho Vermelho, «é para lá do moinho que vê lá mesmo ao fundo, ao fundo, na primeira casa da aldeia».

«Pois bem», disse o Lobo, «eu também quero ir vê-la; vou por este caminho e tu vai por aquele, a ver quem chega lá primeiro».

O Lobo desatou a correr com toda a força pelo caminho mais curto e a jovem foi pelo caminho mais longo, entretendo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer ramos com as florezinhas que encontrava.

O Lobo não demorou muito a chegar à casa da avó; bate à porta: Toc, toc. «Quem está aí?»

«É a sua pequena, Chapeuzinho Vermelho», disse o Lobo disfarçando a voz, «que lhe traz um bolo e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda».

A boa avó, que estava de cama por se achar adoentada, gritou-lhe: «Puxa a cavilha, que o trinco cairá».

O Lobo puxou a cavilha e a porta abriu-se. Ele atirou-se à velhinha e comeu-a em menos de nada; porque há três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi-se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que algum tempo depois veio bater à porta. Toc, toc.

«Quem está aí?»

Chapeuzinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do Lobo, primeiro teve medo, mas pensando que a avó estivesse constipada, respondeu: «É a sua pequena, Chapeuzinho Vermelho, que lhe traz um bolo e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda».

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz: «Puxa a cavilha, que o trinco cairá».

Chapeuzinho Vermelho puxou a cavilha e a porta abriu-se.

O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe enquanto se escondia sob a colcha: «Põe o bolo e o potinho de manteiga em cima da masseira e vem sentar-te comigo».

Chapeuzinho Vermelho vai sentar-se na cama, onde ficou muito espantada de ver as formas da avó e disse-lhe:

«Avó, que grandes braços tem!»

«É para melhor te abraçar, minha filha.»

«Avó, que grandes pernas tem!»

«É para correr melhor, minha pequena.»

«Avó, que grandes orelhas tem!»

«É para escutar melhor, minha pequena.»

«Avó, que grandes olhos tem!»

«É para ver melhor, minha pequena.»

«Avó, que grandes dentes tem!»



«É para te comer.»

E, ao dizer estas palavras, o Lobo malvado atirou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e comeu-a.

Fonte: Adaptado de Perrault (2022). Disponível em:  
[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_port\\_pdp\\_deuzimeri\\_da\\_luz\\_fagundes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_port_pdp_deuzimeri_da_luz_fagundes.pdf). Acesso em: 22 maio 2022.

O professor deve pedir para os alunos sentarem-se no chão e organizar a turma em um formato de semicírculo, pois assim é possível ver todos os alunos e proporcionar um ambiente afetivo para a realização da atividade. Combinar com os alunos que essa atividade será realizada durante toda a semana e será dividida em dois momentos, o primeiro será a leitura do livro da Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault (**1º, 2º e 3º dias**) e o segundo momento a leitura de outra versão de Chapeuzinho Vermelho, dos irmãos Grimm (**4º e 5º dias**).

Assim como Coelho (1986, p. 47-55), a autora propõe que antes de iniciar a leitura o professor poderá realizar uma conversa com os alunos a fim de evitar interrupções durante a leitura, pois as crianças gostam de dar opiniões e comentar ditos que às vezes não têm a ver com o enredo da história e, como sabemos que na história da Chapeuzinho Vermelho tem a vovó, o professor pode começar perguntando quem ainda tem uma vovó e como ela se chama, neste momento é importante deixar os alunos falarem um de cada vez para que todos possam ouvir, eles ficam animados quando estão participando e contando sobre a sua vida. Porém, esse momento não deve ser longo apenas o tempo para que a criança se sinta familiarizada com a história despertando a identificação com a história.

Para ler a história da Chapeuzinho Vermelho na versão de Charles Perrault, o professor irá fazer a leitura segurando o livro nas mãos virando as páginas devagar para as crianças e tendo o cuidado para que todos vejam as imagens simultaneamente à leitura realizada, que será feita em voz alta para a turma; a entonação, os gestos e o tom da voz são fundamentais para enriquecer a narração, visto que uma voz monótona muitas das vezes desvia o interesse dos alunos, por isso o professor deve evitar também interromper a história para dar explicações sobre vocabulário, pois essas pausas quebram a mágica da história. Na hora da leitura, o professor pode explorar com os alunos as imagens presentes no decorrer da história, as cores que o ilustrador usou, precisando ficar atento para eventuais questionamentos e interagir com as crianças durante a leitura; porém, voltando rapidamente para a leitura. Faça desse momento um momento mágico, prazeroso, lúdico, cheio de conhecimentos e afetividade.

Findada a leitura, o professor irá conversar com os alunos a respeito da história para saber se as hipóteses levantadas por eles foram confirmadas ou não durante a leitura, de forma

a estimular para que eles ajudem a lembrar determinada cena da história, pedindo que imitem o som, ou a fala do personagem atentando-se as respostas e expressões das crianças.

Possíveis falas que o professor poderá dizer para conduzir esse momento após a leitura?

I. Você adivinhou o que iria acontecer?

II. Por que ela se chama Chapeuzinho Vermelho?

III. O que a mãe da Chapeuzinho Vermelho pediu para ela fazer?

IV. Ela ouviu os conselhos da sua mãe? Você ouviu o que a mãe fala para você?

V. O que você achou do comportamento da Chapeuzinho Vermelho?

VI. Como era o lobo que ela encontrou?

VII. Por que a Chapeuzinho não tem medo do lobo?

VIII. O que ela leva na cestinha para a avó?

Depois do professor realizar as perguntas e ouvir as opiniões dos alunos, ele vai dizer para a turma que no outro dia acontecerá a 2ª atividade. Pergunte se os alunos têm em casa alguma versão do livro Chapeuzinho Vermelho e se eles podem trazer na próxima aula para poderem mostrar para os colegas verem quem é o escritor, como são as ilustrações e como é o enredo da história.

#### 4º MOMENTO

##### INTERPRETAÇÃO - (3º dia)

A quarta etapa, de acordo com Cosson (2018), é a interpretação, e para essa etapa propomos três atividades para interpretação dos alunos.

##### ATIVIDADE 1 – 30 min

O professor pode convidar os alunos para fazerem um reconto da história Chapeuzinho Vermelho. O reconto oral é uma atividade importante, pois possibilita que os alunos organizem as ideias e desenvolvam a oralidade. Converse com os alunos para que possam pensar juntos como poderiam organizar o reconto, qual personagem cada aluno gostaria de ser, converse sobre como é a característica de cada personagem; desse modo, as crianças podem refletir como farão a encenação do personagem escolhido.

Proponha que cada aluno faça a sua máscara para o reconto; esse momento é bom para os alunos colocarem a mão na massa e usarem a criatividade para construir sua máscara. O professor disponibilizará os materiais necessários para os alunos e, caso precise, poderá ajudar os alunos que tiverem dificuldade. Assim que todos terminarem de fazer a máscara, o professor

disponibilizará tempo para os alunos treinarem as partes pelas quais ficaram responsáveis, devendo o professor orientar que eles possam contar de forma espontânea, mas devendo respeitar a ordem dos fatos importantes da história.

O reconto da história poderá ser feito para uma turma da escola ou o professor pode combinar com a coordenação da escola um dia para os alunos apresentarem para todas as turmas. No reconto os alunos ampliam o vocabulário, a noção de espaço, a linguagem verbal e percebem como se desenvolve a narrativa, além de ser um momento no qual eles podem ser o personagem que quiserem, podem se fantasiar e entrar no mundo mágico que só os contos de fadas permitem.

### **ATIVIDADE 2 – 30 min**

Nessa atividade o professor poderá dividir a turma em grupo e entregar um bilhete para cada grupo com o nome de dois objetos modernos que devem ser incorporados na história da Chapeuzinho Vermelho, com coerência e criatividade. Pode pedir para os alunos desenharem a história com esses objetos modernos e, ao final, fazer uma roda de leitura das histórias de modo que os alunos possam mostrar os desenhos e contar como criaram a sua história. Essa atividade permite que os alunos usem a criatividade para pensarem como será o enredo da história, permitindo estimular o trabalho em equipe, desenvolver a concentração e atenção para fazer os desenhos.

### **ATIVIDADE 3 – 45 min**

O professor pode convidar os alunos para confeccionarem um personagem da história da Chapeuzinho Vermelho coletivamente; podendo ser confeccionado com material reciclável. Ele vai ser criado de acordo com as características físicas que os alunos preferirem. Depois de criado o personagem, vai ser levado para casa, a cada dia por uma criança. Junto com o boneco a criança levará um caderninho onde ela terá que anotar (se a criança ainda não souber escrever pode pedir ajuda para um familiar) e ilustrar como foi o seu dia com a visita do personagem à sua casa. No dia seguinte, a criança na hora da rodinha relata para os colegas como foi a experiência de passar o dia com o personagem da história.

## SEQUÊNCIA 2

Título: Chapeuzinho Vermelho

Autor: Irmãos Grimm

Ilustradores: Manuel Victor de Azevedo Filho; Mario Couto Pita

Editora: Rideel

Ano: 2000

A seguir é apresentado a capa do livro Chapeuzinho Vermelho (FIGURA 4).

Figura 4 - Capa do livro Chapeuzinho Vermelho.



Fonte: Grimm (2000).

**Sinopse da obra:** Era uma vez uma menina muito linda e meiga, sua avó gostava muito dela e então para agradá-la resolveu dar um chapeuzinho vermelho de presente. Ela gostou tanto que não quis tirar mais, então todas as pessoas passaram a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho. Certo dia, sua mãe pediram para ela levar um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para a sua avó que estava doente. Sua mãe alertou que não era para sair da estrada, mas Chapeuzinho Vermelho encontra com um lobo perverso na floresta, é enganada por ele e acaba saindo da floresta.

**1º MOMENTO****MOTIVAÇÃO – 30 min (4º dia)**

Na hora que as crianças chegarem, o professor vai pedir para que os alunos se sentem em semicírculo novamente e coloquem os livros que trouxeram da sua casa no meio do semicírculo para que todos possam ver. Assim, o professor pode chamar um aluno por vez para poder apresentar o livro que trouxe e mostrar como é a ilustração dele por dentro, quem foi o autor e o ano que foi publicado, permitindo ser um momento de troca de conhecimentos e experiências.

Em seguida, o professor convida os alunos para irem juntos até a biblioteca para retirarem o livro diretamente na estante, pede que façam uma fila, dizendo que hoje a atividade será bem legal. No caminho da sua sala até a biblioteca o professor pode ir cantando uma música com eles, perguntando se eles conhecem como é a cantiga que a Chapeuzinho Vermelho canta no caminho até chegar à casa da sua vovozinha, chamando os alunos para irem cantando até chegarem à biblioteca. Conforme Figura 5.

Figura 5 - Cantiga Chapeuzinho.

**Pela estrada fora, eu vou bem sozinha  
Levar esses doces para a vovozinha  
Ela mora longe, o caminho é deserto  
E o lobo mau passeia aqui por perto  
Mas à tardinha, ao sol poente  
Junto à mamãezinha dormirei contente**

Fonte: Braga (2022). Adaptada de <https://www.letras.mus.br/braguinha/pela-estrada-a-fora/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

O professor pode dispor na biblioteca um tapete e colocar algumas almofadas para deixar o ambiente mais acolhedor e aconchegante; ao chegar à biblioteca o professor perguntará aos alunos se eles lembram qual história ele vai contar hoje, sendo bem provável que eles digam que é uma outra versão da história da Chapeuzinho Vermelho; confirme que eles estão certos.

Faça perguntas indagadoras:

I. Você já ouviu uma outra versão da história da Chapeuzinho Vermelho? Como ela era?

II. Elas tinham final igual ou diferente?

III. Será por que uma mesma história pode ter versões diferentes?

Esse momento de sondagem é importante para saber o que os alunos sabem sobre o assunto e para deixá-los curiosos para saberem como é o enredo da história. Antes de ler a história, crie uma rotina de cantar uma música para iniciar a leitura como se fosse uma chave para adentrar o mundo mágico. Conforme Quadro 2.

#### Quadro 2 - História Chapeuzinho Vermelho Irmãos Grimm.

Chapeuzinho Vermelho era uma menina linda, mas um pouco distraída. Um dia sua mãe lhe disse:

- Acabei de fazer uns deliciosos pãezinhos de mel para a sua avó, que está doente. Leve-os para ela; mas, cuidado ao atravessar o bosque! Não fale com ninguém, nem se desvie do seu caminho.

Mas a menina esqueceu-se das recomendações da mãe.

Colhendo flores aqui e ali, distraiu-se; e um grande lobo, aproveitando-se da situação, perguntou-lhe:

- Aonde vai, linda menina?

Ela, sem malícia, respondeu:

- Vou a casa de vovó levar-lhe estes pãezinhos.

Os bichinhos da floresta que sabiam da maldade do Lobo, inutilmente tentaram impedir Chapeuzinho Vermelho de continuar a conversa com o malvado, que deu um salto e saiu correndo à frente da menina!

Chegando primeiro à casa da vovó, o Lobo abriu a sua enorme boca e engoliu a boa velhinha! Depois, deitou-se no lugar dela, com sua touca na cabeça e seus óculos no nariz.

Ao chegar, Chapeuzinho Vermelho estranhou as feições da velhinha na cama e disse:

- Vovozinha! Que braços compridos você tem!

E o lobo:

- São para abraçar melhor minha netinha!

- Que orelhas tão grandes!

- São para ouvir melhor as suas belas palavras!

- E que olhos enormes!

- São para melhor enxergar você!

- Mas que dentes pontudos!

- São para melhor comer você!

E o lobo começou a correr atrás de Chapeuzinho Vermelho, que gritava!

Um caçador que passava por ali ouviu os gritos da menina; depressa entrou na casa e atirou no lobo, que, ferido, desmaiou.

Usando uma grande tesoura, o caçador abriu a barriguinha do lobo e de lá tirou a vovó! Chapeuzinho Vermelho trouxe um saco de pedras, com que o caçador encheu a barriga do lobo e costurou o corte que tinha feito. Quando o lobo o acordou e foi beber água, tão pesado estava, que caiu e ficou preso no fundo do rio!

Livres e felizes, Chapeuzinho Vermelho e a vovó comeram os pãezinhos de mel com um gostoso chá. E a vovó disse à netinha:

- Não torne a esquecer os conselhos da mamãe! Nunca pare para conversar com desconhecidos, nem se desvie do seu caminho!

E as duas riram, riram muito!

Fonte: Grimm (2000).

## 2º MOMENTO

### INTRODUÇÃO – 30 min (4º dia)

Com os alunos em círculo sentados no chão da biblioteca, mostre a capa do livro e explore o título, nome do autor, a editora, o ilustrador, cenários e personagens, fale da importância da obra e o porquê você escolheu contar essa história. Faça novamente perguntas que ajudem os alunos a anteciparem o que acontecerá na leitura. Possíveis falas são:

I.O que você vê na capa dessa versão da Chapeuzinho Vermelho?

II.O cenário é o mesmo?

III.Será que terão personagens novos?

IV.Ela vai encontrar o lobo na floresta?

Após as crianças responderem a essas perguntas, o professor passará para a próxima etapa, que é a leitura.

## 3º MOMENTO

### LEITURA - 1 hora/aula (4º dia)

Se as crianças forem alfabetizadas, a professora poderá escolher três alunos para fazerem a leitura compartilhada e combinarem com os outros alunos que a cada vez que uma

criança for fazer a leitura de um livro ela escolherá outros alunos para que todos possam ter a oportunidade de contribuir na leitura. Assim, depois de escolher os três alunos que ajudarão na leitura naquele dia, se a biblioteca dispuser de mais livros, cada aluno poderá ficar com um, caso tenha apenas um a professora, pode colocar os alunos escolhidos ao lado dela, e então eles irão fazer a leitura de uma página do livro e assim por diante, até acabar a história. Entretanto, se os alunos não forem alfabetizados, a professora irá segurar o livro de modo que todos possam ver as imagens acompanhando a leitura.

Quando acabar a história, a professora promoverá um pequeno debate com os alunos a respeito das hipóteses que eles tiveram antes da leitura, a partir das seguintes perguntas:

I.O que a Chapeuzinho Vermelho leva na cesta para a sua avó é a mesma coisa?

II.Nesta versão o Lobo tem uma atitude diferente. Que atitude é essa?

III.Quando o Lobo se encontra com Chapeuzinho Vermelho ele diz a mesma coisa da primeira versão?

IV.Como se dá a morte do Lobo nesta versão?

V.O que a Chapeuzinho Vermelho prometeu à sua avó?

VI.Que lições essas duas histórias nos trazem?

Deixe os alunos falarem o que eles pensam sobre as duas histórias e o que os autores usaram para chamar a atenção para a leitura. Convide os alunos para comparar a capa das suas versões. Conforme apresentado nas Figuras 6 e 7.



Figura 6 - Chapeuzinho Vermelho - Charles Perrault.



Fonte: Perrault (2007).

Figura 7 - Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm.



Fonte: Grimm (2000).

I. Nas duas versões as capas são iguais?

II.O diálogo entre o Lobo e a Chapeuzinho Vermelho quando chega na casa da sua avó é diferente?

III.O final da história possui diferença? Qual?

IV.Em qual versão a Chapeuzinho tem a ajuda do caçador?

V.Quais eram as características dos personagens?

Esses debates são importantes para o aluno inferir e fazer comparação entre as duas versões lidas, a intertextualidade presente nas histórias é importante para os alunos, pois proporciona uma valiosa experiência de leitura. Discuta com eles as informações implícitas e explícitas do texto e a mensagem que cada aluno tirou da história. À medida que o aluno vai escutando a história, ele vai aprendendo cada vez mais e enchendo de significado o texto.

Podemos perceber claramente na história da Chapeuzinho Vermelho, a começar pelo título, que são iguais nas duas versões os personagens como a avó, a mãe, a Chapeuzinho e o lobo; nas duas versões o lobo encontra com a Chapeuzinho Vermelho e a engana, e o diálogo entre Chapeuzinho e o lobo quando se encontram na casa da vovozinha são parecidos.

Comente com os alunos que os contos de fadas sofreram transformações com o passar do tempo, os autores foram adaptando as suas obras de acordo com as suas crenças e convicções morais, por isso é que existem várias versões de um mesmo conto.



De acordo com Koch e Elias (2008, p. 86), “a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto)”. Este texto faz parte da memória social da coletividade, ou seja, a “intertextualidade é um elemento constituinte e constitutivo do processo de leitura e escrita”.

#### 4º MOMENTO

#### INTERPRETAÇÃO - (5º dia)

Depois de ter lido e trabalhado a intertextualidade e a construção de sentido da história, o professor irá trabalhar a quarta etapa, que é a interpretação. Cosson (2018, p. 65) diz que a interpretação acontece em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interior é o “encontro do autor com a obra” e o exterior é “a concretização, a materialização da interpretação

como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”. O momento interior é quando os alunos entram em contato com a obra e procurar sentido no que está lendo; o momento exterior é quando o aluno compartilha os sentidos e significados do texto com os colegas. Desse modo, Cosson (2018, p. 65) reitera que é importante as atividades de interpretação terem “como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro”.

### **ATIVIDADE 1 – 20 min**

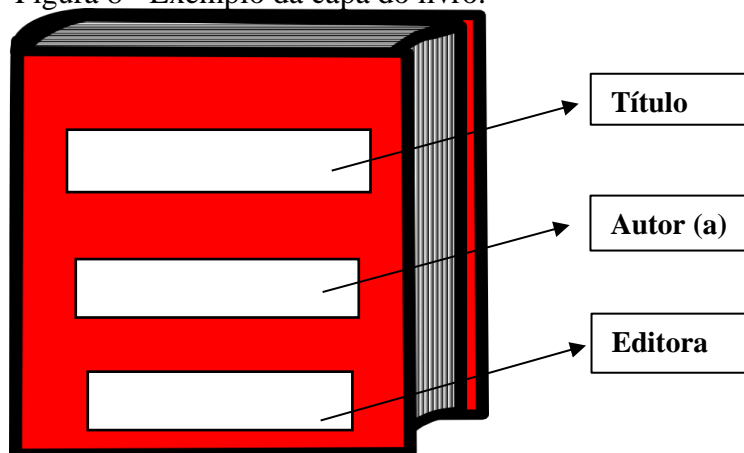
Para registro do conto da Chapeuzinho Vermelho na versão dos Irmãos Grimm, o professor poderá fazer um cronograma para que não fique cansativo para a turma e colocar o nome de duas crianças para fazerem o reconto da história por dia. O professor poderá pedir para cada criança fazer desenhos da história que foi lida, e usar como suporte os desenhos que fizeram para fazer o reconto. Deixe as crianças recontarem do seu jeito e com as suas palavras, evite fazer intervenções, faça apenas se a criança precisar de ajuda para recontar, mas busque incentivá-la para recontar sozinha e do jeito que lembrar da história.

Esse momento do reconto é muito importante, pois ele amplia o vocabulário, o raciocínio lógico, ajuda as crianças a organizarem as suas ideias em sequência, desenvolve a imaginação ao contar com as suas palavras, visto que o reconto desperta nas crianças prazer, além de ser uma atividade muito divertida contribui para um ensino-aprendizagem mais efetivo.

### **ATIVIDADE 2 – 25 min**

O professor poderá realizar uma atividade na qual os alunos identifiquem na capa do livro as suas partes, de acordo com a Figura 8 abaixo:

Figura 8 - Exemplo da capa do livro.



Fonte: Imagem extraída de <https://www.pngwing.com/pt/free-png-nberv>. Adaptada. Acesso em: 10 dez. 2022.

Nessa atividade, o professor pode pedir para os alunos também criarem um título bem especial para um novo conto de fadas; o nome do autor será o nome deles mesmo e a editora os alunos poderão escolher o nome de um brinquedo ou comida que eles gostam muito. Essa atividade irá reforçar os conhecimentos adquiridos durante a leitura das duas versões do conto da Chapeuzinho Vermelho e também servirá para o professor sondar se o aluno realmente aprendeu a identificar as partes que compõem o livro.

### EXPLORANDO OUTRAS LINGUAGENS

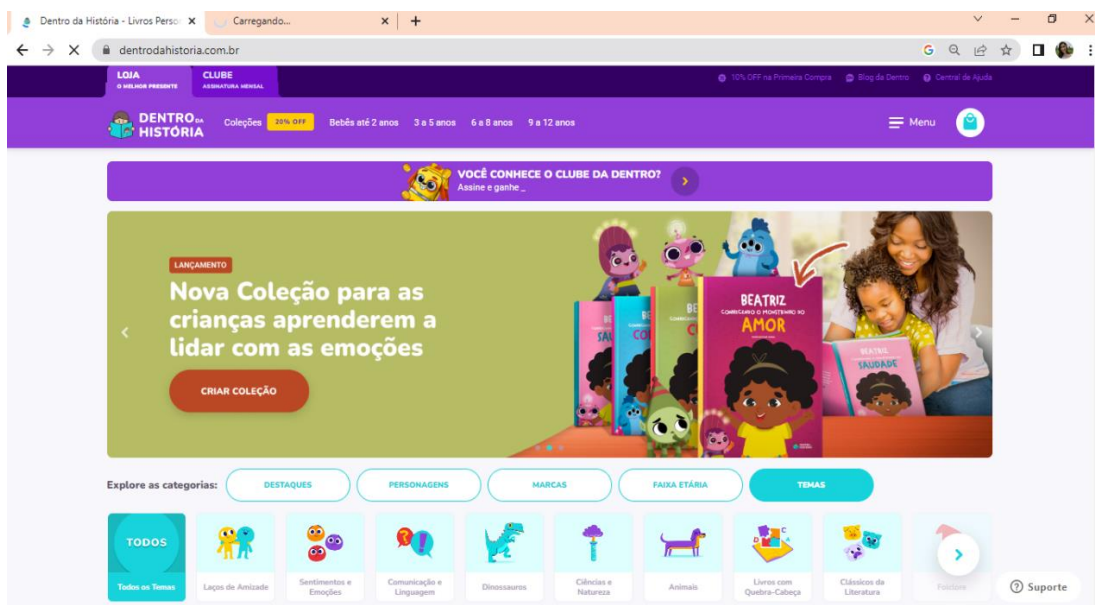


#### ATIVIDADE 1 – 45 min

Professor, para aliar o uso de tecnologias digitais, você poderá acessar a plataforma “Dentro da História”, basta acessar o *site*: <https://www.dentrodahistoria.com.br/>. Essa plataforma permite à criança se transformar em um personagem de livro infantil, oferta experiências aos alunos, familiares, professores e equipe pedagógica. Na plataforma há vários livros de acordo com a faixa etária, Ensino Fundamental ou Ensino Infantil.

Como está trabalhando com a história da Chapeuzinho Vermelho, o professor pode instigar os alunos perguntando se eles já viram algum livro com o próprio nome ou com os personagens parecidos com eles, ouvindo o que todos os alunos têm para dizer, sendo possível que a grande maioria dirá que nunca viu um livro com o seu nome, nem com o personagem parecido com ele. Então, convide os alunos para irem à sala de informática da escola e fale que hoje eles terão uma surpresa. Ao chegar na sala de informática converse com os alunos e diga que hoje eles terão a oportunidade de criar um livro com o seu nome. Com os computadores abertos na plataforma, o professor pedirá para os alunos clicarem no menu escrito “tema” e depois “todos os temas” e, então, procurarem pelo livro da Chapeuzinho Vermelho. Conforme Figura 9.

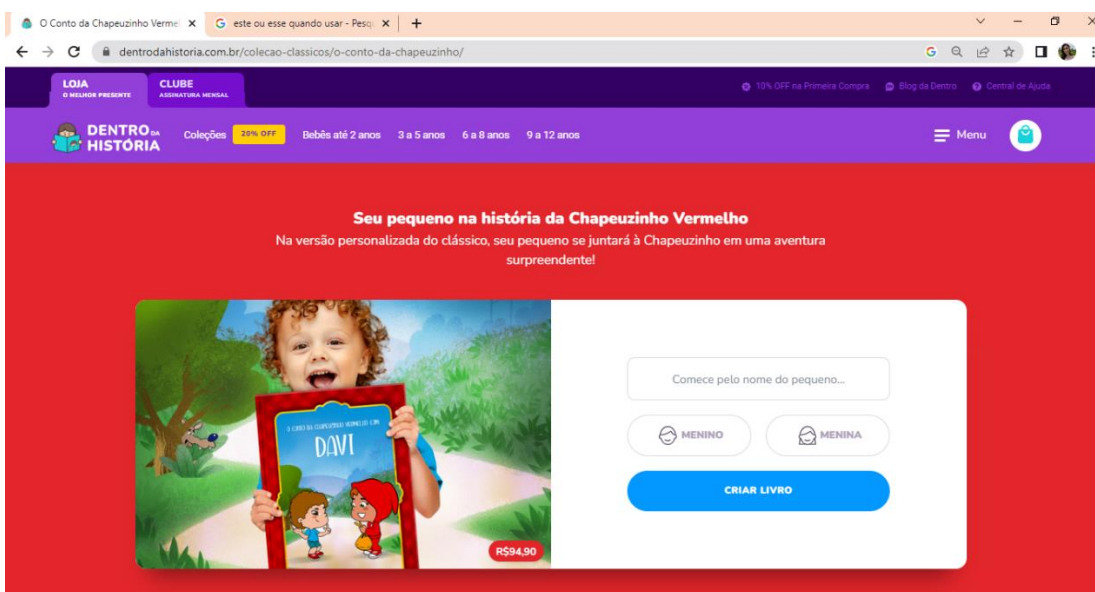
Figura 9 - Página inicial da plataforma Dentro da História.



Fonte: *Print screen* da página inicial da plataforma Dentro da História. Acesso em: 10 dez. 2022.

Depois de encontrarem o livro da Chapeuzinho Vermelho, peça para os alunos clicarem no ícone “criar livro”. No próximo passo, o aluno poderá colocar o seu nome no espaço indicado e selecionar a opção de menino ou menina; para finalizar o aluno deve clicar em “criar livro”. Conforme Figura 10.

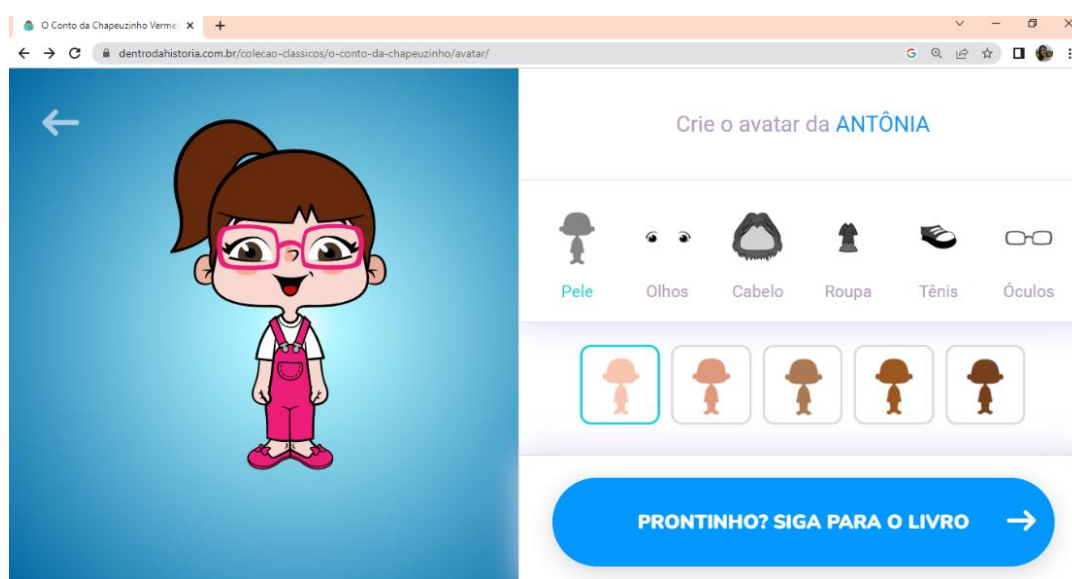
Figura 10 - Página para colocar o nome e o sexo do aluno.



Fonte: *Print screen* da página inicial da plataforma Dentro da História. Acesso em: 10 dez. 2022.

Nesse momento, o professor falará para os alunos que podem personalizar seus avatares de acordo com suas características físicas. Podem escolher o tom de pele, o formato e a cor dos olhos, estilo e cor do cabelo, roupa, sapato e óculos. Feito esse passo, o aluno terá criado o livro personalizado com seu nome e seu avatar. Agora é só clicar em “prontinho! Siga para o livro!”. Conforme Figura 11.

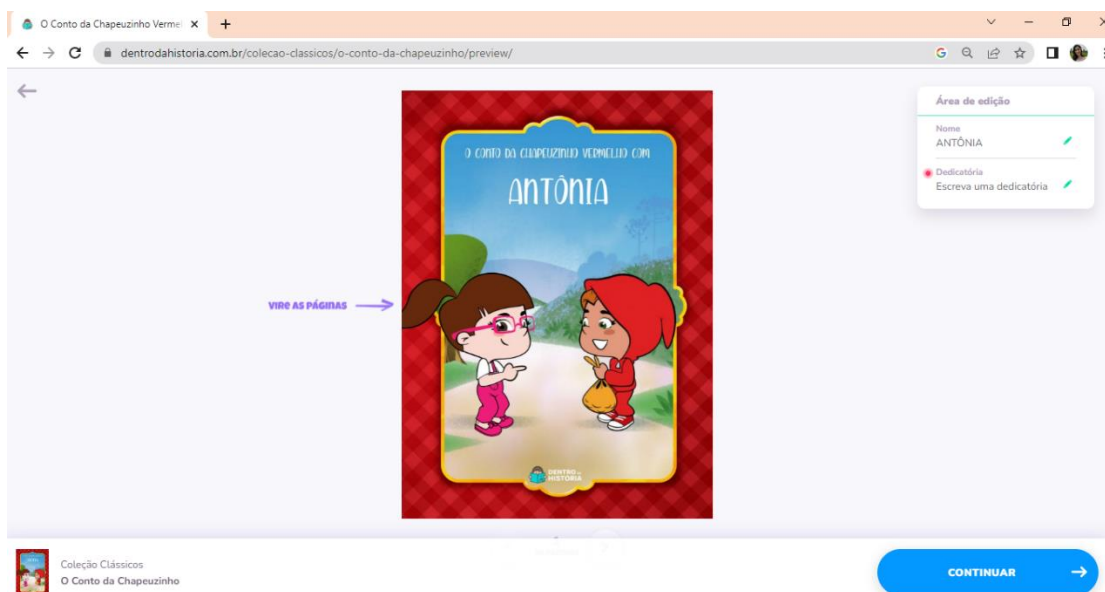
Figura 11 - Como criar o avatar.



Fonte: *Print screen* da página inicial da plataforma Dentro da História. Acesso em: 10 dez. 2022.

A partir daí, o aluno poderá ver como ficou a capa de seu livro. Conforme Figura 12.

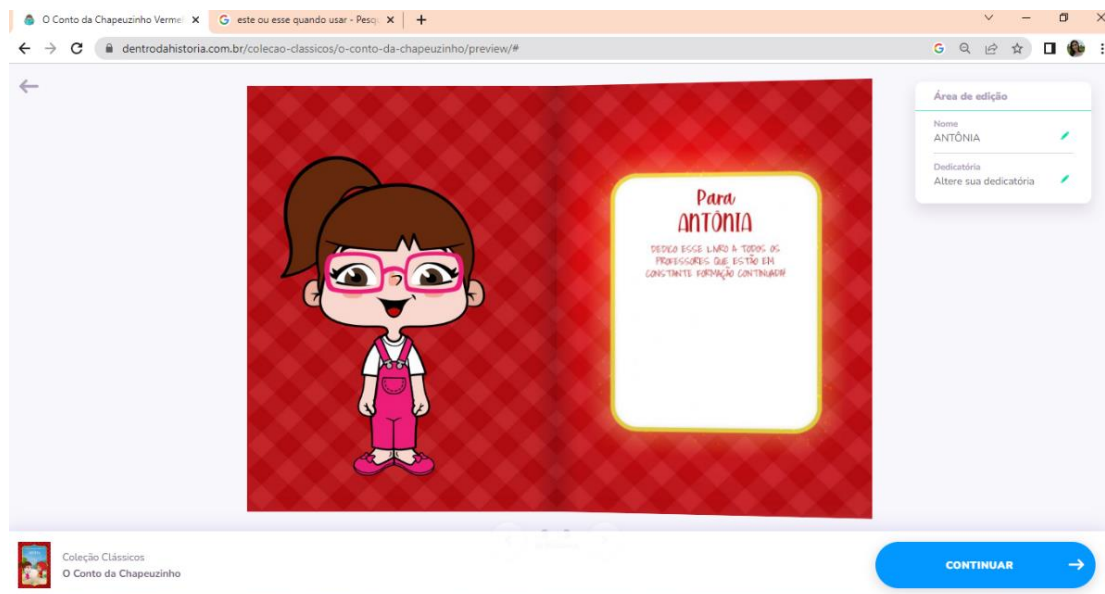
Figura 12 - Capa da história.



Fonte: *Print screen* da página inicial da plataforma Dentro da História. Acesso em: 10 dez. 2022.

É possível ainda adicionar uma dedicatória personalizada, clicando no ícone “escreva uma dedicatória”. Conforme Figura 13.

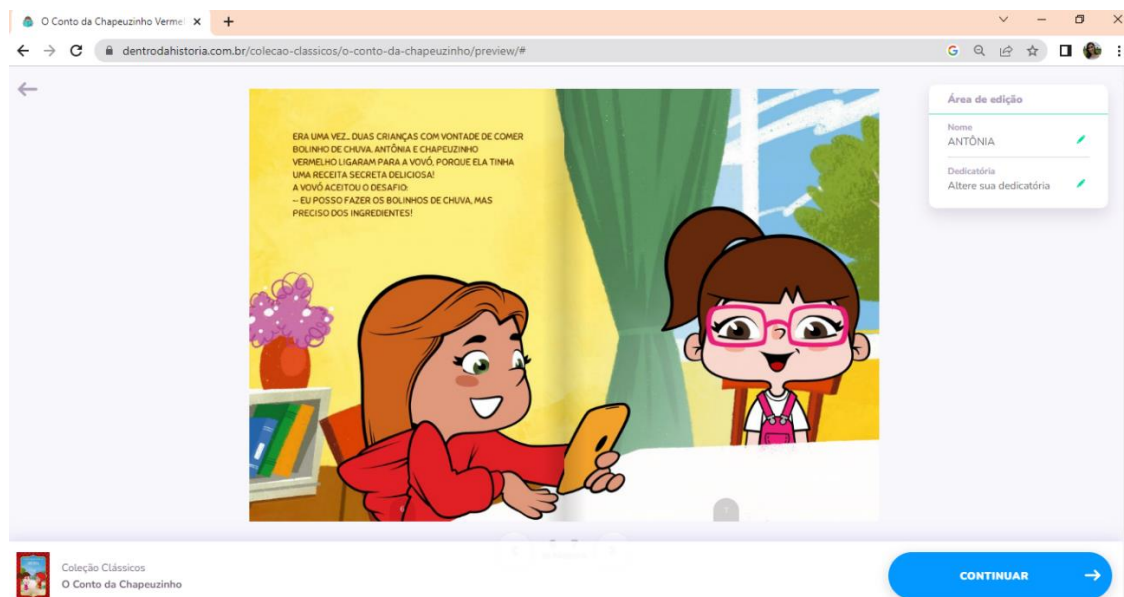
Figura 13 - Dedicatória.



Fonte: *Print screen* da página inicial da plataforma Dentro da História. Acesso em: 10 dez. 2022.

E agora o livro já está pronto e o aluno poderá ler a história clicando nas setas de avançar ou voltar as páginas. Conforme Figura 14.

Figura 14 - Página do livro pronto.



Fonte: *Print screen* da página inicial da plataforma Dentro da História. Acesso em: 10 dez. 2022.

Sinopse da obra: Antônia e Chapeuzinho vão comprar os ingredientes para uma deliciosa receita da vovó. Elas decidem passar por caminhos diferentes e Antônia chegou primeiro. Quando ela entrou na casa da vó de Chapeuzinho Vermelho logo percebeu que havia algo de errado. Por que será que a vovó estava tão diferente?

O livro é criado com o avatar personalizado feito pela criança como personagem principal da história; esse livro conta a releitura da história da Chapeuzinho Vermelho e a criança se juntará à Chapeuzinho Vermelho em uma fantástica aventura.

Essa atividade permite que a criança seja protagonista, pois com a personalização do livro ela se identifica com a história, estimulando o hábito de leitura. É possível também fazer a personalização com vários livros disponibilizados no *site*, a plataforma é bem lúdica e fácil. O livro depois de personalizado pode ser comprado na plataforma.



Aproxime a câmera do seu celular no código QR Code para poder acessar a plataforma Dentro do Livro e conhecer mais sobre essa inovadora startup.



#### **ATIVIDADE 2 – 25 min**

O professor poderá passar o vídeo da história da Chapeuzinho Vermelho. Na contação de histórias em sala de aula, as tecnologias digitais ganham destaque pela função midiática que os recursos audiovisuais apresentam. O professor poderá explorar o uso das tecnologias digitais como suporte para contar a história. Deverá explorar os múltiplos recursos semióticos utilizados no vídeo, como, por exemplo, a entonação do narrador, as cores, os personagens e o fundo musical que faz com que o leitor não se distraia e fique concentrado no vídeo. Note que o uso dos recursos tecnológicos pode ser ótimo potencializador na mediação do trabalho com as habilidades de leitura. Conforme apresentado na Figura 15.



Figura 15 - História Chapeuzinho Vermelho completa.



#AplicativoOsAmiguinhos #OsAmiguinhos  
Chapeuzinho Vermelho - História completa em Português com Os Amiguinhos

Fonte: *Print screen* da História Chapeuzinho Vermelho - História completa em Português com Os Amiguinhos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k8WImcqa64Q>. Acesso em: 25 jan. 2022.

### ATIVIDADE 3 – 25 min

O professor pode trabalhar a leitura e interpretação de imagens usando como suporte o anúncio publicitário (FIGURA 16) que foi feito pelo Greenpeace usando a personagem infantil Chapeuzinho Vermelho.

Figura 16 - Anúncio publicitário do Greenpeace com personagens infantis.



Fonte: Campanha publicitária do Greenpeace com personagens infantis. Estados Unidos, 2003.

O professor levará impressa ou passará no *datashow* a imagem para as crianças observarem. Comece questionando os alunos acerca do que eles veem na imagem:

I. Você conhece quem é essa menina que passeia no meio da floresta?

II. Quais elementos da imagem fez você identificar que é a Chapeuzinho Vermelho?

III. O que o conto da Chapeuzinho Vermelho tem em relação a esse anúncio?

IV. O que o leitor quis nos mostrar com essa cena?

V. Este cenário é o mesmo cenário das versões da Chapeuzinho Vermelho que trabalhamos? O que foi modificado?

VI. Que ensinamento ela nos traz?

Podemos perceber que a partir da leitura do conto da Chapeuzinho Vermelho é possível desenvolver muitas atividades para além do livro; os alunos precisam de atividades que dialoguem com o mundo que os cerca, que os façam pensar, refletir, que ampliem a sua visão de mundo. É importante trabalhar os diversos gêneros com os alunos a fim de desenvolver a capacidade interpretativa deles; é importante trabalhar também esses diversos gêneros que estão presentes em variados meios de circulação e de linguagem.



Aproxime a câmera do seu celular no código QR Code para poder assistir ao filme Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho. O professor poderá fazer a intertextualidade entre o conto tradicional e o filme que é um conto de fadas moderno.



## UNIDADE 02 – CHAPEUZINHO AMARELO

Essa proposta tem a finalidade de trabalhar novos sentidos a partir da leitura intertextual da história Chapeuzinho Vermelho e da história Chapeuzinho Amarelo (FIGURA 17). As atividades propostas seguirão as quatro etapas da Sequência Básica do letramento literário sugerida por Cosson (2018). Combine com os alunos que essa atividade será realizada durante quatro dias.

Título: Chapeuzinho Amarelo

Autor: Chico Buarque

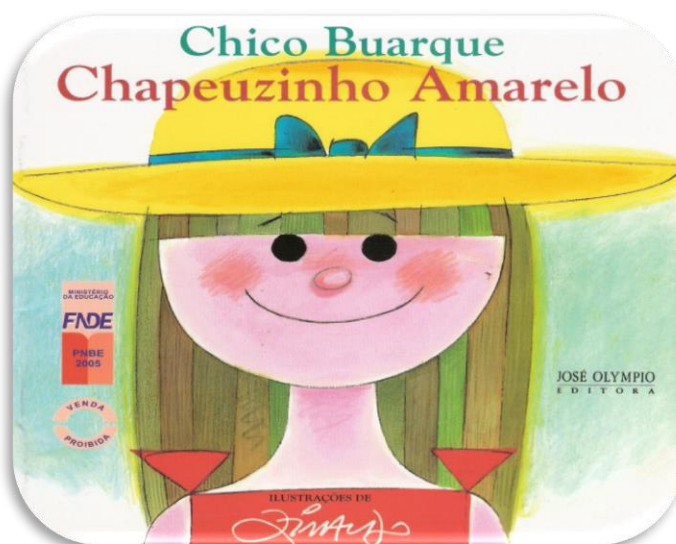
Ilustrador: Ziraldo

Editora: José Olympio

Ano: 2006

A seguir é apresentado a capa do livro Chapeuzinho Amarelo (FIGURA 17).

Figura 17 - Capa do livro Chapeuzinho Amarelo.



Fonte: Imagem extraída de <https://itaudeminas.mg.gov.br/arquivos/ere/livros/chapeuzinho-amarelo.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Sinopse da obra: Chapeuzinho Amarelo é uma garotinha que vivia amarelada de medo, tinha medo de tudo, de trovão, minhoca, sombra e de tomar banho; tinha tanto medo que não brincava, não comia e não dormia mais. Seu maior medo era encontrar com o tal do lobo, que às vezes nem existia, mas de tanto pensar no lobo, de tanto sonhar com o lobo, ela acaba topando com ele. Chapeuzinho Amarelo acaba enfrentando o lobo e diante de tanto medo ele acaba se transformando em bolo de lobo fofo, devido à repetição da palavra lo-bo-lo-bo. Assim, ela começa a curtir a vida, vai à praia, trepa na árvore e joga amarelinha igual toda criança da sua idade faz.

## 1º MOMENTO

### MOTIVAÇÃO – 30 min (1º dia)

O professor questionará se os alunos conhecem outra versão da história Chapeuzinho Vermelho; se sim, qual é o nome, fazer perguntas problematizadoras, como: por que alguns contos possuem várias versões? Nesse momento, o professor poderá explicar que alguns contos podem ter várias versões, pois vêm de tradições orais e, desse modo, cada pessoa que conta uma história, conta do seu jeito, dando a sua contribuição na história; e com o passar do tempo essa história vai passando por várias transformações, tendo assim várias versões, mas nunca perdendo a sua essência.

Para instigar a curiosidade dos alunos no livro que será lido, o professor colocará um chapéu amarelo dentro de uma caixa surpresa, proporcionando assim o desenvolvimento da investigação e percepção do objeto que está lá dentro. Assim, quando os alunos chegarem, peça a eles que façam uma rodinha porque você tem uma surpresa para eles, mostre então a caixa surpresa e peça para que eles digam o que eles pensam que tem lá dentro. O professor pode ajudar os alunos dando pistas para que levem ao raciocínio lógico e o desenvolvimento do pensar dos alunos. Possíveis perguntas:

I.Será que tem uma peça de roupa aqui dentro?

II.Será que esse objeto faz parte da história que irei fazer a leitura?

Deixe que os alunos peguem a caixa surpresa, balancem, chacoalhem, sintam o peso e o barulho imaginando o que é; a cada resposta os alunos vão investigando e usando a criatividade para descobrir. Quando todos os alunos falarem as suas hipóteses, o professor poderá então retirar o objeto de dentro da caixa surpresa e mostrar que é um chapéu amarelo.

Questione os alunos se eles conhecem alguma história em que o personagem usa esse objeto na cabeça; é capaz que alguns alunos digam que se trata da história da Chapeuzinho Amarelo.

O professor dirá à turma que hoje ele vai contar a história da Chapeuzinho Amarelo, mas que antes farão uma atividade. O professor vai confeccionar uma “lata transformadora de medos da Chapeuzinho Amarelo”; essa é uma estratégia muito interessante, foi criada pela professora Ingrid Moraes. O professor começará fazendo algumas indagações, como:

I. Vocês já sentiram medo?

II. Do que vocês têm medo?

Após escutar os alunos, o professor explicará que dentro da lata (FIGURA 18) têm algumas fichas divididas ao meio com o escrito “tenho medo de”, e na outra metade está escrito “estratégia para transformar esse medo”. Nesse momento os alunos podem escrever ou desenhar apenas sobre os seus medos e colocar as fichas dentro da lata novamente.

Figura 18 - Proposta da lata transformadora de medos da Chapeuzinho Amarelo.



Fonte: Imagem extraída de <https://www.pedagogaingrid.com/2021/08/recurso-lata-transformadora-de-medos-da.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

**2º MOMENTO****INTRODUÇÃO – 25 min (2º dia)**

Nesse momento, o professor irá mostrar o livro do conto da Chapeuzinho Amarelo para os alunos que estarão sentados em semicírculo no chão, explorando com eles a capa, o nome do autor, a editora, o título, o ilustrador, cenários e personagens. O professor pode fazer perguntas que ajudem os alunos a anteciparem o que acontecerá na leitura, ajudando-os a ter um olhar mais crítico; é importante explorar os elementos que não fazem parte do texto, mas que ajudam a completá-lo; esses elementos são chamados de paratextos. Os paratextos são indispensáveis, pois despertam a atenção dos alunos para que eles compreendam melhor a obra e para decidirem se querem mesmo ler o texto. O professor pode fazer perguntas, como:

- I. Por que essa garotinha usa chapéu amarelo?
- II. Será que a história é igual à da Chapeuzinho Vermelho?
- III. Você acha que tem lobo? E vovó?
- IV. O enredo acontecerá na floresta?

Com a exploração desses elementos os alunos se sentem mais motivados para ouvir a leitura do livro.



Professor, você sabia que Chico Buarque de Holanda é um músico, dramaturgo, escritor e ator brasileiro, em 2010 recebeu pela terceira vez o Prêmio Jabuti de melhor livro do ano? Na hora da introdução do livro você pode contar um pouco da história de Chico Buarque de Holanda para os alunos; tenho certeza que eles vão adorar conhecer mais sobre a sua grande história. Aproxime a câmera do seu celular no código QR Code para poder acessar o site de Chico Buarque.



**3º MOMENTO****LEITURA – 30 min (3º dia)**

Logo após, o professor informará aos alunos que irá ler uma outra versão do conto da Chapeuzinho Vermelho, que se chama Chapeuzinho Amarelo. De acordo com o Quadro 3.

**Quadro 3 - História Chapeuzinho Amarelo.**

Era a Chapeuzinho Amarelo.

Amarelada de medo.

Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.

Já não ria.

Em festa, não aparecia.

Não subia escada, nem descia.

Não estava resfriada, mas tossia.

Ouvia contos de fada e estremezia.

Não brincava mais de nada,  
nem de amarelinha.

Tinha medo de trovão.

Minhoca, pra ela, era cobra.

E nunca apanhava sol, porque tinha medo da sombra.

Não ia pra fora pra não se sujar.

Não tomava sopa pra não ensopar.

Não tomava banho pra não descolar.

Não falava nada pra não engasgar.

Não ficava em pé com medo de cair.

Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo.

Era a Chapeuzinho Amarelo.

E de todos os medos que tinha

O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO.

Um LOBO que nunca se via, que morava lá pra longe,

do outro lado da montanha, num buraco da Alemanha,

cheio de teia de aranha, numa terra tão estranha,

que vai ver que o tal do LOBO nem existia.

Mesmo assim a Chapeuzinho

tinha cada vez mais medo, do medo do medo do medo  
de um dia encontrar um LOBO.

Um LOBO que não existia.

E Chapeuzinho amarelo, de tanto pensar no LOBO,  
de tanto sonhar com o LOBO, de tanto esperar o LOBO,  
um dia topou com ele que era assim:

carão de LOBO,

olhão de LOBO,

jeitão de LOBO,

e principalmente um bocão tão grande que era capaz  
de comer duas avós, um caçador rei, princesa  
sete panelas de arroz e um chapéu de sobremesa.

Mas o engraçado é que, assim que encontrou o LOBO,  
a Chapeuzinho Amarelo foi perdendo aquele medo,  
o medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO.

Foi passando aquele medo do medo que tinha do LOBO.

Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo.

Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.

O lobo ficou chateado.

Ele gritou: sou um LOBO! Mas a Chapeuzinho, nada.

E ele gritou: sou um LOBO!!! Chapeuzinho deu risada.

E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!

Chapeuzinho, já meio enjoada, com vontade de brincar de outra coisa.

Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO umas vinte e cinco vezes,  
que era pro medo ir voltando e a menininha saber com quem não estava falando:

LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO

LO BO LO BO LO BO LO BO LO

Aí, Chapeuzinho encheu e disse: “Para assim! Agora! Já!

Do jeito que você tá!” E o lobo parado assim

do jeito que o lobo estava já não era mais um LO-BO.

Era um BO-LO. Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim,

com medo de Chapeuzim. Com medo de ser comido com vela e tudo, inteirim.

LOBOLOBO



Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo,  
porque sempre preferiu de chocolate.  
Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato.  
Não tem mais medo de chuva  
nem foge de carrapato.  
Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato,  
trepas em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha,  
com o primo da vizinha, com a filha do jornalista,  
com a sobrinha da madrinha e o neto do sapateiro.  
Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira.  
E transforma em companheiro cada medo que ela tinha:  
O raio virou orrái; barata é tabará; a bruxa virou xabru;  
e o diabo é bodiá. Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo:  
o Gãodra, a Jacoru, o Barãotu, o Pão Bichôpa e todos os trosmons.

Fonte: Texto extraído de <https://itaudeminas.mg.gov.br/arquivos/ere/livros/chapeuzinho-amarelo.pdf>.  
Acesso em: 10 dez. 2022.

Peça que os alunos sentem em semicírculo de modo que todos possam ver o livro; o professor irá fazer a leitura segurando o livro nas mãos virando as páginas bem devagar para que os alunos possam observar todo o cenário e os personagens presentes em cada página; ainda mais que pode haver crianças que nunca ouviram essa história antes. Após a leitura, converse com os alunos para saber se as expectativas que eles tiveram foram confirmadas ou se tudo aconteceu diferente do que eles imaginavam. Professor, pergunte aos alunos sobre:

- I. Por que a Chapeuzinho era amarelada? E por que ela não poderia ser de outra cor?
- II. Ela tinha medo de quê?
- III. O que ela deixou de fazer por causa de seus medos?
- IV. O lobo nessa história engana a Chapeuzinho Amarelo também?
- V. Qual o ensinamento que essa história traz para nós?

Responder a essas questões oralmente com os alunos é muito importante para o professor observar a opinião dos alunos acerca do conto, para se expressarem, trocarem conhecimentos ouvindo a opinião do colega. Após ouvir todas as opiniões dos alunos, o professor passará para a próxima etapa, que é a interpretação.

## 4º MOMENTO

### INTERPRETAÇÃO – 30 min (4º dia)

Nessa etapa eu sugiro algumas atividades que podem ser realizadas com os alunos para trabalhar a interpretação sobre a história lida.

#### ATIVIDADE 1 – 30 min

Após ouvir o conto da Chapeuzinho Amarelo, diga para os alunos que agora eles serão convidados a tirarem os seus medos de dentro da lata e fazerem como no conto da Chapeuzinho Amarelo, que conseguiu transformar os seus medos e a lidar com eles com muita coragem. Peça para cada aluno escrever ou desenhar na segunda parte da ficha o que ele poderia fazer para transformar esse medo também. Deixe-os à vontade para mostrarem para a turma o que escreveram ou o que desenharam; convide os alunos para coletivamente ajudarem a pensar em formas para solucionar aquele medo. Pergunte o que eles fariam para ajudar a Chapeuzinho Amarelo a vencer os seus medos e qual conselho eles dariam a ela.

#### ATIVIDADE 2 – 30 min

O professor pode criar um quadro para cada aluno escrever as características de cada personagem da história da Chapeuzinho Vermelho e da Chapeuzinho Amarelo. Conforme o Quadro 4. Se a turma não estiver alfabetizada, o professor poderá construir junto com os alunos.

Quadro 4 - Exemplo do quadro para colocar as características dos personagens.

Chapeuzinho Vermelho	Mãe	Vó	Lobo	Caçador	Chapeuzinho Amarelo	Lobo

Fonte: Da autora (2022) adaptada de

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unice ntro\\_port\\_pdp\\_mirian\\_izabel\\_tullio.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unice ntro_port_pdp_mirian_izabel_tullio.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

O professor poderá explorar também a troca de sílabas que a Chapeuzinho Amarelo faz. Perguntar para os alunos por que a personagem faz essa troca de sílabas nas palavras, pedindo para que os alunos falem quais são essas palavras e, nesse momento, o professor vai ser o escriba dos alunos, escrevendo no quadro as palavras que eles disserem; e o professor irá colocando a figura ao lado da figura representando a palavra que será formada. Trabalhando, assim, a associação da imagem à palavra.

### **ATIVIDADE 3 – 35 min**

O professor pode pedir para os alunos confeccionarem um livro da história da Chapeuzinho Amarelo usando recortes de revista para criarem os personagens e o cenário. Os próprios alunos podem recortar, colar e montar em uma folha cada parte da história. Poderá ser realizado individualmente ou em grupo; os alunos podem também criar um final diferente para a história. Depois de confeccionada a história nas folhas, o professor poderá criar um livro para os alunos apresentarem para a turma como ficou a história que ele criou usando os recortes de revista.

### **ATIVIDADE 4 – 30 min**

O professor poderá trabalhar o texto em forma de jogral, pedindo a ajuda dos alunos para realizarem a leitura do livro, dividindo em pequenos grupos quais alunos serão o narrador, a Chapeuzinho Amarelo e o lobo. Entregando para os alunos o conto impresso para que possam treinar a leitura, dando um tempo para os alunos memorizarem as suas falas para que depois a história seja encenada em forma de teatro na sala de aula. Com essas atividades, o professor estará aprimorando as habilidades de linguagem oral, memorização, desenvolvimento de expressão, maior interação entre os alunos, criatividade, vocabulário e as práticas de leitura.

## **EXPLORANDO OUTRAS LINGUAGENS**



### **ATIVIDADE 1 – 20 min**

O professor, com o auxílio dos recursos digitais, passará para os alunos o vídeo da história Chapeuzinho Amarelo (FIGURA 19).

Figura 19 - História Chapeuzinho Amarelo.



Chapeuzinho Amarelo | Contação de Histórias para Crianças | Carol Levy

Fonte: *Print screen* da História Chapeuzinho Amarelo | Contação de Histórias para Crianças | Carol Levy Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wvy560Pqz0c>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Ao final do vídeo, o professor poderá fazer perguntas que estimulem o envolvimento dos alunos, como por exemplo:

- I. O que você mais gostou da história e o que você não gostou?
- II. Essa história aconteceu de verdade ou não?
- III. O que aconteceu na história? Qual lição ela nos traz?

Responder a essas questões oralmente com os alunos é muito importante para o professor observar a opinião deles acerca do conto, para se expressarem, trocarem conhecimentos ouvindo a opinião do colega. O vídeo usado como instrumento didático aproxima os alunos das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade contemporânea.

#### **ATIVIDADE 2 – 45 min**

O professor poderá trabalhar com os alunos a releitura do livro "Chapeuzinhos Coloridos", de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (FIGURA 20). Através dessa releitura podem-se trabalhar os valores, sentimentos e certas atitudes do dia a dia.

Figura 20 - Chapeuzinhos Coloridos.



Chapeuzinhos Coloridos



PROF. RAQUEL GALLO CRUZ

1.27 mil inscritos

Inscrever-se

Fonte: *Print screen* de Chapeuzinhos Coloridos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ln4TUZpx2NI>. Acesso em: 25 jan. 2022.

O professor poderá passar toda a história de uma vez, ou trabalhar cada dia com uma história e fazer reflexões sobre o que aquela história do dia traz. Algumas perguntas norteadoras poderão ser:

- I. O lobo tem atitudes iguais nas histórias?
- II. Quais são as cores das seis Chapeuzinhos Coloridos?
- III. Quem levou uma torta de abóbora com chantili para a sua vovó?
- IV. Quem levou uma torta de amoras azuis?
- V. Quem levou suspiros?
- VI. Quem levou revistas com fofocas de famosos?
- VII. Quem levou jabuticabas?

O professor poderá explorar também as atitudes que cada Chapeuzinho Colorido teve em relação ao lobo e como era cada Chapeuzinho Colorido. O que não pode faltar é imaginação para trabalhar essa história maravilhosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Prezado professor,

Neste caderno, procuramos trazer propostas de atividades que visam fomentar o incentivo à leitura baseadas nos textos literários, para serem implementadas no 1º ano do Ensino Fundamental I. Assim, sabendo da importância que tem o trabalho com o texto literário na formação escolar e social dos alunos e da dificuldade que muitos professores têm para trabalharem com o letramento literário na sala de aula, resolvemos propor atividades que auxiliem no desenvolvimento da formação do leitor, aproximando-o das obras literárias e trabalhando de maneira integral e contextualizada.

As atividades propostas neste trabalho seguiram a Sequência Básica do letramento literário sugerida por Cosson (2018), que permite ao aluno uma prática de leitura seguindo quatro etapas para a consolidação do letramento literário na sala de aula, instigando a curiosidade e a frequência de leitura, possibilitando também que os alunos conheçam mais sobre o autor da obra trabalhada em cada atividade. Os textos literários permitem que os alunos ampliem o seu vocabulário, que relacionem o texto lido com a realidade, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional, pois, em muitas histórias, as crianças se identificam com os sentimentos vividos pelos personagens e isso acaba ajudando-as a lidarem com os próprios seus sentimentos.

Desse modo, desejo que a sua experiência com as propostas sugeridas seja engrandecedora no ato de incentivar práticas de leituras baseadas nos textos literários na sala de aula, que lhe possibilite a formação continuada e provoque o desejo de colocar em prática as novas metodologias de ensino de maneira significativa e gostosa. As atividades podem ser adaptadas para cada realidade escolar e para cada necessidade do seu aluno.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- BRAGA, Carlos Alberto Ferreira. **Pela estrada a fora**. 2022. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/braguinha/pela-estrada-a-fora/>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2021.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GRIMM, Irmãos. **Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Rideel, 2000.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- LISBOA, Flavia Alexandra Lopes *et al.* A importância das versões diferentes nas histórias de contos de fadas, no processo ensino aprendizagem dos alunos: Uma ação pibidiana na escola estadual belvinda ribeiro. *In: FEPEG, 2017, Montes Claros. Anais eletrônicos [...]*. Montes Claros, 2017. Disponível em: <http://www.fepeg2017.unimontes.br/anais/ver/1133>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2007.
- RESSURREIÇÃO, Juliana Boeira da. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação**. 2010. Disponível em: [http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro\\_2010/pdf/a\\_importancia\\_dos\\_contos\\_de\\_fadas\\_no\\_desenvolvimento\\_da\\_imaginacao.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2010/pdf/a_importancia_dos_contos_de_fadas_no_desenvolvimento_da_imaginacao.pdf). Acesso em: 26 ago. 2022.
- SÁ, Alessandra Latalisa de. Reconto. **Glossário Ceale de termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG, 2018.